



FURG

Universidade Federal do Rio Grande



Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

*“Eu já beijei um menino e não gostei,  
aí beijei uma menina e me senti bem”:*

*um estudo das narrativas de adolescentes sobre  
homofobia, diversidade sexual e de gênero*

*Deise Azevedo Longaray  
Dissertação de Mestrado*

*Paula Regina Costa Ribeiro  
Orientadora*

Rio Grande  
2010

DEISE AZEVEDO LONGARAY

“EU JÁ BEIJEI UM MENINO E NÃO GOSTEI, AÍ BEIJEI UMA MENINA E ME SENTI BEM”: UM ESTUDO DAS NARRATIVAS DE ADOLESCENTES SOBRE HOMOFOBIA, DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Regina Costa Ribeiro

RIO GRANDE  
2010

L848e Longaray, Deise Azevedo  
"Eu já beijei um menino e não gostei, aí beijei uma menina e me senti bem": um estudo das narrativas de adolescentes sobre homofobia, diversidade sexual e de gênero / Deise Azevedo Longaray. Orientação da prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Paula Regina Costa Ribeiro. – Rio Grande, 2010.  
140 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, RS, 2010.

1. Estudos Culturais 2. Homossexualidade 3. Homofobia 4. Diversidade sexual 5. Gênero 6. Educação sexual - Adolescentes 7. Identidades I. Ribeiro, Paula Regina Costa II. Título

CDU 37:613.88

Ficha Catalográfica elaborada por  
Simone Godinho Maisonave - CRB-10/1733

*À minha mãe Tereza e ao meu pai Maciel, pela  
educação, amor e exemplos de vida, dedico  
este trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

Neste momento gostaria de agradecer a todas aquelas pessoas que de alguma forma contribuíram para a produção desta dissertação.

Primeiramente gostaria de agradecer à minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Regina Costa Ribeiro, pelas palavras de conforto, pelas sugestões, pelas problematizações e “provocações” durante os encontros de orientação, pela disponibilidade, pela dedicação e principalmente pela confiança e pela amizade. Obrigada pelo incentivo e por acreditar em mim e no meu trabalho.

Gostaria de expressar um agradecimento especial à Fabi, pelas “co-orientações”, pelas leituras atentas aos meus artigos, pelas sugestões, pelo incentivo, pela amizade, pelo carinho e por sempre estar disposta a me ajudar.

Ao pessoal do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola. Raquel obrigada por segurar minha mão durante os momentos de nervosismo. Suzana agradeço a companhia desde o início dessa trajetória. Benícia pelas risadas e pelas diversas sugestões no meu trabalho. Tetê agradeço as inúmeras contribuições que me fizeste e também pela companhia nos intervalos de almoço. Fabi Teixeira agradeço pela revisão em um dos meus artigos. Lucilaine, Joice e André agradeço pelas palavras carinhosas e pelas risadas. Dárcia, Roberta, Renata e Jéssica obrigada pelas discussões e contribuições que fizeram a este trabalho. Guiomar agradeço ao livro que me destes de presente que muito utilizei durante a produção desta dissertação. Não poderia deixar de agradecer à Joantina e à Jú pela ajuda durante os grupos focais. Agradeço a todos e a todas pelas risadas, pelas sugestões na minha pesquisa, pelas discussões realizadas durante os encontros do grupo e pela amizade.

Gostaria de agradecer, em especial, à Ana Luiza pela atenta revisão ao meu trabalho e pelo enorme carinho.

Agradeço aos colegas Alessandra e Felipe. À Alessandra pela ajuda no grupo focal e ao Felipe pela leitura da minha escrita e pelas sugestões.

Gostaria de agradecer ao Dr. Rogério Junqueira por aceitar o convite de participação da banca, pelas sugestões de leituras, pelas indicações de livros, pela ajuda especial concedida durante a “produção” do questionário utilizado nesta pesquisa.

Agradeço à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Méri por aceitar fazer parte da banca e também pelas sugestões no meu trabalho.

Agradeço à Tássia pela produção da capa da dissertação.

À minha família, meu porto seguro, que sempre incentivou-me a seguir em frente e que depositou toda a confiança nos meus estudos e, conseqüentemente, no meu trabalho.

Ao Vitor, pelo companheirismo, pelo amor, pela dedicação, pela paciência e por estar sempre ao meu lado. Amor, obrigada por compreender a minha ausência mesmo que sempre presente.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências pela oportunidade de desenvolvimento desta pesquisa.

À Capes pelo apoio e financiamento através da bolsa REUNI.

E claro, não poderia deixar de agradecer aos/às adolescentes que fizeram parte desta pesquisa, em especial aqueles/as que participaram dos grupos focais. Como também agradeço à direção das escolas participantes.

## RESUMO

Esta dissertação tem, como objetivos, analisar narrativas de adolescentes sobre a diversidade sexual e de gênero, conhecer os discursos dos/as adolescentes, produzidos sobre as identidades sexuais e de gênero, e investigar as narrativas deles/as sobre a homofobia na sociedade, problematizando a importância de discutir esta temática no contexto escolar. Este estudo fundamenta-se a partir do campo dos Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas, bem como estabelece conexões com algumas proposições de Michel Foucault. Nesta pesquisa, utilizei a Investigação Narrativa como estratégia metodológica. Neste sentido, para a produção dos dados narrativos, foram utilizados questionários e a organização de grupos focais. A aplicação de questionários foi realizada em oito escolas do município de Rio Grande/RS. Os questionários, que tinham como objetivo conhecer os entendimentos dos/as adolescentes acerca da diversidade sexual, identidades de gênero e homofobia, foram aplicados em turmas de primeiro ano do Ensino Médio. Participaram do preenchimento dos questionários duzentos e vinte e um adolescentes, com idades entre treze e dezoito anos. Nos grupos, busquei problematizar a homofobia como uma construção social, cultural e histórica, implicada em sistemas de significação e relações de poder/saber, buscando compreender em que medida os/as adolescentes participantes da pesquisa vão sendo interpelados pelos discursos acerca da diversidade sexual e de gênero, enfatizando a importância dessa discussão no espaço escolar. Participaram dos grupos focais vinte e dois adolescentes, sendo dezesseis do sexo feminino e seis do sexo masculino. Nesta pesquisa, evidenciei que os/as adolescentes entendem a homofobia como uma maneira excludente de agir, na sociedade, na família e também na escola, local que, segundo eles/as, é propício para discutir essas questões. Além disto, percebi, nas narrativas analisadas, a (re)afirmação da heterossexualidade como o padrão normal de sexualidade, uma vez que a homossexualidade não objetiva a procriação e, por isso, não corresponde às leis de Deus. Neste sentido, problematizo a implicação dos enunciados presentes na Bíblia, na produção dos sujeitos, entendendo que as instituições religiosas utilizam as passagens bíblicas como estratégias de controle e de governo sobre os corpos e as sexualidades. Também problematizei o entrelaçamento das identidades sexuais com as identidades de gênero, discutindo o quanto os marcadores sociais de gênero instituem maneiras de ser e agir como homens e mulheres, e de pensar e atuar em relação à sexualidade. Entretanto, ao longo da escrita, enfatizo a escola como espaço privilegiado para a discussão das questões de diversidade sexual e de gênero, contribuindo para a minimização da homofobia, entendendo que essa instância contribui na formação dos sujeitos e de suas identidades.

Palavras-chave: Narrativas. Identidades. Adolescentes. Homofobia. Escola.

## ABSTRACT

This thesis aims to analyze the narratives of adolescents about sexual and gender diversity, to explore their statements on such identities, and to investigate their descriptions of homophobia. The importance of debating the issue at school is brought up to discussion. The study is based on the Cultural Studies in its post-structuralist bias, and connections with some propositions of Michel Foucault are established. Narrative Inquiry was used as methodological strategy. For the production of narrative data, questionnaires were done and focus groups were organized. The questionnaires were applied to eight schools in Rio Grande city (RS, Brazil), for first-year groups of high school; two hundred and twenty-one participants, between thirteen and eighteen years old, completed them. In the focus groups, twenty-two adolescents participated, sixteen females and six males. Homophobia was discussed as socially, culturally and historically constructed, which is implicated in systems of meaning and relations of power and knowledge. It was aimed at understanding to what extent the adolescents are being challenged by the discourse on sexual and gender diversity, highlighting the importance of such a discussion at school. The research shows that the adolescents understand homophobia as an exclusive way to behave in society, both at home and school; the latter was depicted as the most favorable place to discuss the issues. Moreover, adolescents (re)affirmed heterosexuality as the pattern of sexuality, since homosexuality is not the objective of procreation and therefore does not correspond to the laws of God. Thus, the implications of statements from the Bible were analyzed as to the production of subjectivities, understanding that religious institutions use the scriptures as strategies to control and rule over the bodies and sexualities of people. Then, the interweaving of sexual and gender identities was discussed, considering how the social markers of gender establish ways of behaving as men and women, and of thinking and acting in relation to sexuality. Meanwhile, the study focused on the school as a privileged space to discuss issues of sexual and gender diversity, which may contribute to the minimization of homophobia in society, taking in to account that school helps in the formation of subjects and their identities.

Keywords: Narratives. Identities. Adolescents. Homophobia. School.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	Questão referente à identidade sexual homossexual .....	27
Gráfico 2	Número de participantes que conhecem pessoas LGBT .....	27
Gráfico 3, 4	Reação dos/as participantes frente a um casal homossexual masculino e casal homossexual feminino que mostra seus sentimentos em público .....	28
Gráfico 5	Tratar com desprezo pessoas homossexuais .....	28
Gráfico 6	Reação frente a um/a colega LGBT .....	29
Gráfico 7.1, 7.2, 7.3	Sujeitos LGBT na família, na escola e na sociedade em geral respectivamente .....	29
Gráfico 8	Reação dos/as adolescentes frente a um/a professor/a homossexual .....	30
Gráfico 9	Tema de maior interesse .....	30
Gráfico 10	Reação esperada em diversos contextos dos/as adolescentes frente à possibilidade de que sejam LGBT .....	31
Gráfico 11	Por quem e/ou através do que gostaria de ser informado/a sobre sexualidade .....	31
Gráfico 12	Por quem ou por onde sou informado/a sobre sexualidade .....	32
Gráfico 13	Reação dos/as adolescentes caso seu/ a colega dissesse que seu pai ou sua mãe é homossexual .....	33
Gráfico 14	Exemplos de configurações familiares .....	33
Figuras 1 e 2	Imagens da oficina .....	41
Figuras 3 a 6	Participantes dos grupos focais realizando a atividade .....	42
Figuras 7 a 10	Cartaz - Grupo focal 1.....	44
Figuras 11 a 14	Cartaz - Grupo focal 2.....	45
Figuras 15 a 18	Cartaz - Grupo focal 3.....	45

## LISTA DE SIGLAS

ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais

Aids – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

GESE - Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola

INAH 1, INAH2, INAH 3, INAH4 - Grupos de neurônios do hipotálamo

LGBT - Lésbicas, *Gays*, Bissexuais e Transgêneros (Travestis e Transexuais)

MEC - Ministério da Educação e Cultura

RS - Rio Grande do Sul

SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

## SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO .....	11
1.1	O FORMATO DA DISSERTAÇÃO.....	13
2	INTRODUÇÃO .....	14
2.1	APRESENTANDO A PERSPECTIVA TEÓRICA: O CAMPO DOS ESTUDOS CULTURAIS .....	18
2.2	A HOMOSSEXUALIDADE COMO CONSTRUÇÃO .....	21
3	CAMINHOS METODOLÓGICOS .....	24
3.1	A INVESTIGAÇÃO NARRATIVA COMO METODOLOGIA .....	24
3.2	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS .....	25
3.2.1	A PRODUÇÃO DOS DADOS NARRATIVOS: OS QUESTIONÁRIOS .....	25
3.2.2	A CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS .....	35
3.2.3	1º ENCONTRO .....	39
3.2.4	2º ENCONTRO .....	44
3.3	NARRANDO ALGUNS MOMENTOS DOS GRUPOS FOCAIS .....	49
4	APRESENTAÇÃO OS ARTIGOS .....	53
4.1	1º ARTIGO: <i>EU NÃO SUPORTO ISSO: MULHER COM MULHER E HOMEM COM HOMEM</i> : ANALISANDO AS NARRATIVAS DE ADOLESCENTES SOBRE HOMOFOBIA .....	53
4.1.1	RESUMO .....	53
4.1.2	ABSTRACT .....	53
4.1.3	INTRODUÇÃO .....	54
4.1.4	DA PRÁTICA DA SODOMIA À HOMOSSEXUALIDADE: UM BREVE HISTÓRICO .....	55
4.1.5	IDENTIDADE E DIFERENÇA: A HOMOFOBIA NO CONTEXTO SOCIAL .....	59
4.1.6	APRESENTANDO AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS .....	62
4.1.7	HOMOFOBIA NO CONTEXTO SOCIAL: ANALISANDO AS NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES .....	64
4.1.8	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	78
4.1.9	REFERÊNCIAS .....	80
4.2	2º ARTIGO: DISCUTINDO AS ARTICULAÇÕES ENTRE O DISCURSO RELIGIOSO E A CONSTITUIÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE.....	85
4.2.1	RESUMO .....	85
4.2.2	ABSTRACT .....	85
4.2.3	INTRODUÇÃO .....	85
4.2.4	A BÍBLIA E A HOMOSSEXUALIDADE.....	90
4.2.5	O GRUPO FOCAL, AS ANÁLISES E A INVESTIGAÇÃO NARRATIVA .....	95
4.2.6	ENFIM... ..	103
4.2.8	REFERÊNCIAS .....	104
4.3	3º ARTIGO: PROBLEMATIZANDO OS MARCADORES SOCIAIS DE GÊNERO NA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS HOMOSSEXUAIS .....	106
4.3.1	RESUMO .....	106
4.3.2	ABSTRACT .....	106
4.3.3	INTRODUÇÃO .....	106

4.3.4	ANALISANDO AS NARRATIVAS DOS/AS ADOLESCENTES SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE FEMININA E A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA	111
4.3.5	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	116
4.3.6	REFERÊNCIAS .....	119
5	CONSIDERAÇÕES, PERSPECTIVAS, DESEJOS... ..	121
6	REFERÊNCIAS .....	126
7	ANEXOS .....	134
7.1	ANEXO 1- QUESTIONÁRIO .....	134
7.2	ANEXO 2- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ESCOLA)	137
7.3	ANEXO 3- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEIS DOS/AS ADOLESCENTES) .....	140

## 1 APRESENTAÇÃO

Esta dissertação de mestrado tem, como objetivos, analisar narrativas de adolescentes sobre diversidade sexual e de gênero, conhecer os discursos dos/as adolescentes produzidos sobre as identidades sexuais e de gênero, e investigar as narrativas deles/as sobre a homofobia na sociedade, problematizando a importância de discutir esta temática no contexto escolar. Na busca de proporcionar ao leitor um panorama geral da pesquisa desenvolvida, apresento os capítulos que configuram esta dissertação, bem como as discussões realizadas ao longo dos artigos que compõem este trabalho.

No primeiro capítulo, narro a trajetória percorrida, buscando apresentar os caminhos que trilhei, a escolha do objeto de pesquisa, dos sujeitos da pesquisa. Além disto, apresento a perspectiva teórica que configura esta dissertação, dialogando com alguns autores do campo dos Estudos Culturais, os quais fundamentam e sustentam as discussões aqui realizadas. Neste sentido, os entendimentos de cultura, de sexualidade, bem como explicações de diversas ordens que buscam a causa e a origem da homossexualidade, são questões contempladas neste capítulo. Aqui também apresento os entendimentos de identidades e de homofobia, problematizando-os como construções históricas, sociais e culturais.

No segundo capítulo apresento a Investigação Narrativa como metodologia utilizada nesta dissertação, bem como as estratégias metodológicas empregadas na produção dos dados narrativos – aplicação de questionários e formação de Grupo Focal. Neste sentido, narro o processo de aplicação de questionários em algumas escolas do município do Rio Grande e o desenvolvimento dos encontros que constituíram os grupos focais, realizados com alguns adolescentes das escolas participantes da pesquisa. Além disto, relato algumas atividades realizadas ao longo dos grupos focais, que proporcionaram a produção de materiais que fazem parte do meu *corpus* de análise, bem como descrevo as questões éticas adotadas ao longo da pesquisa.

O capítulo seguinte é composto pelos três artigos, que configuram esta dissertação. Neste caso, destaco que, ao examinar os questionários preenchidos pelos/as adolescentes, bem como os encontros realizados durante os grupos focais, enfoquei minhas análises somente em algumas questões, elencadas para a escrita dos artigos. No entanto, durante o movimento de olhar a totalidade das questões abordadas, tanto nos questionários como nos grupos focais, algumas interpelaram-me mais e assim elegi as temáticas dos artigos que estruturam este capítulo.

Neste sentido, no primeiro artigo, intitulado “***Eu não suporto isso: mulher com mulher e homem com homem: analisando as narrativas de adolescentes sobre homofobia***”, analisei as narrativas sobre homofobia, produzidas por adolescentes, buscando compreender em que medida esses adolescentes vão sendo interpelados pelos discursos acerca da diversidade sexual e de gênero, enfatizando a importância dessa discussão no espaço escolar. Para tanto, nas análises, faço um cruzamento das narrativas produzidas, tanto a partir da aplicação dos questionários, como a partir das discussões e atividades realizadas ao longo dos grupos focais. Neste sentido, a finalidade era a de discutir e problematizar como esses discursos constituem tais sujeitos, ensinando valores, crenças, hábitos, maneiras de ser e agir como homens ou mulheres, e de pensar e atuar com relação à sexualidade.

No segundo artigo, intitulado “**Discutindo as articulações entre o discurso religioso e a constituição da homossexualidade**”, analisei as narrativas de adolescentes sobre religião e homossexualidade, buscando tecer algumas aproximações com a rede de enunciados presentes na Bíblia. No entanto, durante as discussões desenvolvidas neste artigo, não atribuo juízo de valor às Escrituras Bíblicas, mas problematizo os efeitos das mesmas na constituição dos sujeitos, no controle dos corpos e desejos sexuais. Para tanto, utilizo, nas análises, somente as narrativas produzidas ao longo de um grupo focal, formado por meninas, uma vez que os questionários não contemplam questões aprofundadas sobre religião.

No terceiro e último artigo, que compõe este capítulo, intitulado “**Problematizando os marcadores sociais de gênero na constituição dos sujeitos homossexuais**”, analiso os dados narrativos, produzidos por adolescentes, acerca das representações de gênero que se relacionam à homossexualidade, buscando problematizar o entrelaçamento das identidades de gênero e das identidades sexuais, uma vez que os marcadores sociais de gênero instituem as maneiras de ser e agir como homens e mulheres, e de pensar e atuar em relação à sexualidade. Além disto, enfatizo a escola como um espaço privilegiado para a desconstrução do binarismo masculino/feminino, e também para a desconstrução de representações atribuídas aos gêneros que contribuem para a homofobia na sociedade em geral.

Logo apresento algumas considerações, discutindo o quanto o desenvolvimento deste trabalho desestabilizou-me quanto a algumas questões tidas como “verdades” e fez-me (re)pensar outras questões, as quais me moveram na perspectiva de ter o desejo de seguir trilhando pelo caminho construído através da realização desta pesquisa, bem como apresento algumas considerações sobre a investigação realizada.

## **1.1 O FORMATO DA DISSERTAÇÃO**

A escrita desta dissertação resultou na produção de três artigos, que abordam as temáticas homofobia e diversidade sexual sob diferentes ênfases. Neste sentido, justifico que a organização do trabalho dá-se nesta forma, pelo fato de haver maior possibilidade de divulgação da pesquisa em eventos ou revistas. Sendo assim, tal formato facilita que um número maior de leitores/as, pesquisadores/as e estudantes tenham acesso aos resultados e análises deste estudo. No entanto, tenho conhecimento de que algumas questões, termos ou conceitos podem tornar-se repetidos ao longo da dissertação. Cabe destacar que, além das questões analisadas, outros “olhares” poderiam ter sido enfocados, porém as questões analisadas foram as que me interpelaram mais ao longo das discussões realizadas nesta pesquisa e, por isto, foram destacadas para posterior análise.

## 2 INTRODUÇÃO

*Uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle; uma maneira de fazer amigas/os e cultivar inimigas/os; de merecer ter tal vontade de verdade e não outra(s); de nos enfrentar com aqueles procedimentos de saber e com tais mecanismos de poder; de estarmos inseridas/os em particulares processos de subjetivação e de individuação. Portanto uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida [...]. Talvez, por isso, nossas práticas de pesquisa costumem apenas confirmar, em seus caminhos e conclusões, a justeza de que pensemos e sejamos de tal modo e não de outro (CORAZZA, 2007, p. 121-122).*

Inspirada em Sandra Corazza, inicio este processo de narrar minha história, a fim de compartilhar com os/as leitores/as deste trabalho a minha trajetória como bióloga/pesquisadora implicada na produção desta dissertação. Ao longo desta narrativa, busco refletir acerca dos caminhos trilhados, apresentando minhas escolhas, minhas experiências passadas, meus objetivos; enfim, narro a história de como fui me constituindo pesquisadora, entendendo que a minha prática de pesquisa está implicada na minha própria vida. Neste sentido, é também no processo de narrar histórias que vamos construindo nossa própria história, constituindo-nos e posicionando-nos de determinadas maneiras e não de outras (CONNELLY; CLANDININ, 1995; LARROSA, 1996).

Nos dois últimos anos da Graduação<sup>1</sup>, conheci e me integrei ao Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), que busca investigar práticas relacionadas à sexualidade nos diversos espaços, na tentativa de compreender como as mesmas atuam na constituição das identidades de gênero e sexuais, das configurações familiares, do prazer, do desejo, das DST/Aids, etc. A partir das leituras e discussões realizadas no grupo, passei a me deparar com outras formas de pensar e entender os corpos, os gêneros e as sexualidades, não como acontecimentos naturalizados, mas como produzidos nos contextos sociais, culturais e históricos.

No grupo, iniciei minhas leituras no campo dos Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas, bem como me deparei pela primeira vez com as obras do filósofo Michel Foucault, referencial que configura a minha dissertação. Esta perspectiva teórica possibilitou-me entender a cultura, não somente como um modo de vida de determinado grupo social, mas também como uma prática que constitui os sujeitos. Neste sentido, a cultura pode ser entendida como “a produção e o intercâmbio de significados – o ‘dar e o receber de

---

<sup>1</sup> Sou formada em Ciências Biológicas Licenciatura, pela Universidade Federal do Rio Grande.



significados’ – entre os membros de uma sociedade (HALL, 1997, p. 2). Assim, os entendimentos sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades não são dados *a priori*, mas são produzidos nos processos de significação cultural. Nesse contexto, os significados regulam e organizam as práticas sociais, ensinando modos de ser, de agir e de pensar em relação a nós mesmos e aos outros.

Tal referencial teórico levou-me a pensar outras formas de entender a ciência, outras formas de discutir e problematizar as questões que, ao longo do curso de Biologia, eram tidas como “naturalizadas” e “verdadeiras”. As leituras e discussões realizadas ao longo do GESE permitiram-me compreender o conhecimento biológico adquirido ao longo da Graduação como algo questionável, aquilo que antes pensava ser impossível contestar e questionar, toda aquela história que para mim era “natural”, já não era tão “natural” assim. Neste sentido, a aproximação com o referencial adotado fez-me perceber que a ciência não era neutra, ou seja, não havia uma neutralidade no conhecimento e nos discursos científicos apreendidos.

Nesta perspectiva, passei a entender que a ciência é uma produção cultural e que pensar dessa forma, permitiu-me “questionar as relações de poder que a constituem e lhe dão uma ‘consistência’ natural, um ‘aspecto’ de verdade” (SANTOS, 2004, p. 253). Além disto, deparei-me com novas formas de fazer pesquisa, que não somente aquela entre quatro paredes, dentro de um laboratório, em frente a um microscópio e em meio a inúmeras lâminas, cortes histológicos; enfim, aproximo-me da pesquisa em educação.

Outro acontecimento marcante, ocorrido no decorrer da minha trajetória foi a participação no curso intitulado “Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar”, que tinha como objetivo compartilhar propostas e disponibilizar materiais didáticos (livros) aos profissionais da educação do município de Rio Grande/ RS, que buscavam, em suas práticas pedagógicas, introduzir no currículo escolar e em suas salas de aula as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades. Este curso foi promovido pelo GESE, realizado com o apoio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do Ministério da Educação (Secad/MEC). Ao participar deste curso, tive a oportunidade de conhecer ainda mais as propostas de discussões e de atividades com a temática diversidade sexual, as identidades de gênero, as formas de discriminação e de violência contra as mulheres, *gays*, *lésbicas*, *transgêneros*, entendendo a escola como um espaço possível de problematização destas questões.

Neste sentido, as discussões realizadas ao longo deste curso moveram-me na direção de produzir um projeto<sup>2</sup>, juntamente com uma colega de graduação, o qual tinha como objetivo problematizar, com os/as adolescentes, a sexualidade como construção histórica, bem como abordar o entendimento das identidades sexuais e de gênero, problematizando a homofobia, com a finalidade de contribuir para a superação do preconceito no espaço da sala de aula.

O projeto apresentava algumas das propostas oferecidas durante o curso promovido pelo GESE. Durante o desenvolvimento de tais atividades, envolvi-me com os entendimentos e as discussões que os/as adolescentes faziam e tinham a respeito da diversidade sexual e da homofobia na escola. Neste sentido, deparei-me com uma “realidade” bem diferente daquela que eu pensava ser. Percebi que as discussões, naquela turma surgiam de forma empolgante. Os/as alunos/as eram participativos e interessados. Sempre pensei ser difícil um diálogo com adolescentes, mas ao término deste projeto, tive a certeza de que esse era o público com quem futuramente gostaria de trabalhar. Portanto, o desenvolvimento do referido projeto fez-me pensar e me apaixonar pelas discussões sobre diversidade sexual, homofobia e escola.

Contudo, a partir, então, da minha inserção no Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola, da participação das discussões e dos cursos promovidos pelo grupo, conhecendo outras formas de pensar o ensino de Ciências e Biologia, fui incentivada a fazer a seleção de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências programa em associação ampla com a Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Neste sentido, escrevi meu projeto de pesquisa de Mestrado, tendo como base aquele projeto realizado na conclusão da Graduação, uma vez que o enfoque principal do mesmo eram as questões sobre a diversidade sexual e também sobre a homofobia no contexto escolar.

Ao ingressar no Mestrado, sob a orientação da prof. Paula Regina Costa Ribeiro, aprofundi minhas leituras no campo teórico dos Estudos Culturais e também nas leituras das obras foucaultianas, bem como participei de eventos com a apresentação de trabalhos produzidos a partir do projeto que realizei para a conclusão da Graduação, intitulado “Problematizando as questões homofóbicas no espaço da sala de aula”.

Ao trilhar por eventos, congressos, seminários, bem como ao participar de alguns cursos, conheci várias pessoas e também vários projetos, que estavam sendo realizados pelo país, acerca das questões sobre diversidade sexual e homofobia na escola. Além disto, tive a

---

<sup>2</sup> O presente projeto foi executado durante o estágio no Ensino Médio, que, além do estágio no Ensino Fundamental, é condição necessária para a conclusão do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura.

oportunidade de participar de um encontro regional que foi realizado em Curitiba, que faz parte do “Projeto Escola Sem Homofobia”, organizado pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), em conjunto com a Associação Pathfinder do Brasil (executora), a Reprolatina – Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva, a ECOS – Comunicação em Sexualidade, GALE e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do Ministério da Educação (SECAD/MEC). A finalidade do projeto é contribuir para a implementação do Programa Brasil sem Homofobia, pelo Ministério da Educação, através de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e do respeito às identidades sexuais e às identidades de gênero no âmbito escolar brasileiro, com o objetivo de proporcionar formação e articulação política entre sistemas de ensino e movimentos sociais, além da realização de uma pesquisa e a produção de materiais didáticos para profissionais da educação, abordando o tema da homofobia no ambiente escolar. Deste modo, fui constituindo-me através de múltiplos discursos sobre os direitos de lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais.

Este encontro em Curitiba foi o primeiro de uma série de cinco, que foram acontecendo em todo o Brasil, no qual estavam presentes representantes do movimento LGBT (lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais) e de Secretarias Estaduais e Municipais da Educação, Saúde e Direitos Humanos de todas as unidades federativas dos Estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Os representantes de cada Estado ficaram com a responsabilidade de construir e implementar planos de ação para o combate à homofobia no ambiente escolar em nossos respectivos estados (fiquei no grupo responsável pelo Estado do Rio Grande do Sul). Foram realizados cinco encontros: 1º Em Curitiba: participaram representantes do Paraná (PR), Santa Catarina (SC), do Rio Grande do Sul (RS) e do Mato Grosso do Sul (MS). 2º Em São Paulo: participaram representantes do Rio de Janeiro (RJ), Espírito Santo (ES), São Paulo (SP) e Minas Gerais (MG). 3º Em Belém: participaram representantes do Maranhão (MA), Pará (PA), Piauí (PI), Roraima (RR), Amazonas (AM). 4º Em Salvador: participaram representantes do Acre (AC), da Bahia (BA), de Goiás (GO), Ceará (CE), de Alagoas (AL), da Paraíba (PB), de Pernambuco (PE), do Rio Grande do Norte (RN), Sergipe (SE). 5º Em Brasília: participaram representantes de Tocantins (TO), Distrito Federal (DF), Rondônia (RO), Mato Grosso (MT). Nos encontros, estavam presentes representantes das cinco (5) regiões, sendo trinta e oito (38) participantes do Sul, trinta e nove (39) participantes da região Sudeste, quarenta e dois (42) participantes do Norte, do Nordeste participaram quarenta e oito (48) pessoas e da região Centro-Oeste trinta e nove (39) participantes. No total participaram duzentas e seis (206) pessoas. Além da

realização desses encontros regionais, o projeto tem, como finalidade, a realização de uma pesquisa qualitativa, com o propósito de analisar a questão da homofobia no processo educativo e também a criação de um *kit* de material educacional abordando discussões sobre homofobia.

Além de compartilhar discussões com os representantes do Estado do Rio Grande do Sul, tive a oportunidade de conhecer os representantes dos demais Estados, como: Paraná, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina, além de também ter conhecimento das medidas que são tomadas pelas Secretarias de Educação de cada Estado em relação às questões discutidas pelo projeto. Através desse encontro e dos relatos de tais sujeitos, pude perceber que a homofobia na escola não advém somente dos colegas de classe, mas também dos professores, dos próprios materiais didáticos, etc. Nesse encontro, conheci as histórias de muitas pessoas que, de uma forma ou outra, haviam sofrido com a homofobia no ambiente de trabalho e principalmente na escola. De acordo com Junqueira (2009),

[...] a escola é um espaço no interior do qual e a partir do qual podem ser construídos novos padrões de aprendizado, convivência, produção e transmissão de conhecimento, sobretudo se forem ali subvertidos ou abalados valores, crenças, representações e práticas associados a preconceitos, discriminações e violências de ordem racista, sexista, misógina e homofóbica (p. 36).

Neste sentido, nesse processo de constituição e subjetivação, através dos acontecimentos ocorridos ao longo da minha trajetória e através das discussões ocorridas ao longo do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola, tendo como suporte teórico o campo dos Estudos Culturais, pelo viés de suas vertentes pós-estruturalistas e algumas contribuições de Foucault, busquei:

- analisar as narrativas de adolescentes sobre diversidade sexual e de gênero;
- conhecer os discursos dos/as adolescentes produzidos sobre as identidades sexuais e de gênero;
- investigar as narrativas deles/as sobre a homofobia na sociedade, problematizando a importância de discutir esta temática no contexto escolar.

## 2.1 APRESENTANDO A PERSPECTIVA TEÓRICA: O CAMPO DOS ESTUDOS CULTURAIS

O campo dos Estudos Culturais surge através do *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), fundado por Richard Hoggart, em 1964. Esse centro surge ligado ao English

Department, da Universidade de Birmingham. O principal eixo de pesquisa desse campo de estudos refere-se às relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, suas formas culturais, instituições e práticas culturais (ESCOSTEGUY, 2004). Os Estudos Culturais constituem-se em um campo de teorização, investigação e intervenção, que estuda os aspectos culturais da sociedade (COSTA, 2004; VEIGA-NETO, 2004). Para Silva, a cultura é “um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla” (2004, p.133- 134).

Cabe salientar que a cultura está imbricada com relações de poder, e é através dessas relações de poder que os significados do que culturalmente é relevante para cada grupo social são construídos (COSTA, 2004). Neste sentido, “a cultura e o próprio processo de significá-la é um artefato social submetido a permanentes tensões e conflitos de poder” (Ibid., p. 40).

Os Estudos Culturais, então, é um campo de estudos que, no processo de estudar a cultura e sua produção na sociedade, utiliza-se de várias disciplinas, ou seja, é um “campo interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contra-disciplinar que atua na tensão entre suas tendências para abranger tanto uma concepção ampla, antropológica, de cultura quanto uma concepção estreitamente humanística de cultura” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 1995, p. 13).

Quanto à metodologia, os Estudos Culturais não adotam uma metodologia singular, as escolhas ficam abertas. Sua metodologia é entendida como uma *bricolage*. Neste sentido, Nelson, Treichler e Grossberg (1995) afirmam que “nenhuma metodologia pode ser privilegiada ou mesmo temporariamente empregada com total segurança, embora nenhuma possa tampouco ser eliminada antecipadamente” (p. 10).

Uma das questões centrais no campo dos Estudos Culturais é o entendimento da definição de cultura, entendida “tanto como uma forma de vida - compreendendo idéias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder - quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 1995, p. 14). Neste sentido, para o campo dos Estudos Culturais a cultura, além de dizer respeito aos domínios daquilo que se “cultiva”, ela também faz referência ao domínio político (COSTA, 2004).

A partir destes pressupostos, entendo que é na cultura e pela cultura que a sexualidade é significada por aspectos sociais, ou seja, entendo a sexualidade como uma construção histórica, social e cultural, que se constitui na correlação de elementos sociais presentes na família, na medicina, na educação, na religião, entre outros, através de estratégias de

poder/saber sobre os sexos. Segundo Foucault (2007), a sexualidade é um dispositivo histórico em forma de rede, “em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder” (p. 116-117). Por este viés, a sexualidade é, portanto, uma invenção produzida por meio de múltiplos discursos e práticas sociais que regulam, instauram e normatizam os sujeitos, produzindo suas identidades.

Nesta perspectiva, a identidade é entendida como um conceito complexo, compreendida como uma construção histórica, social e cultural.

Minha identidade, quem sou, não é algo que progressivamente encontro ou descubro ou aprendo a descobrir melhor, senão que é mais bem algo que fabrico, que invento, e que construo no interior dos recursos semióticos de que disponho, do dicionário e as formas de composição que obtenho das histórias que ouço e que leio, da gramática, em suma, que aprendo e modifico nessa gigantesca e polifônica conversação de narrativas que é a vida (LARROSA, 1996, p. 471, tradução minha).

Neste sentido, a identidade não é fixa, pronta e acabada; os sujeitos não possuem uma única identidade (WOODWARD, 2000). Somos sujeitos interpelados por múltiplas identidades, de gênero, de classe, de raça, sexual, geracional, entre outras e essas inter-relacionam-se posicionando-nos nos diversos contextos sócio-culturais. Deste modo, estabelece-se um processo de reconhecimento de identidade, através das múltiplas posições de sujeito que podemos ocupar (Ibid., 2000). De acordo com Hall (2000), as identidades nunca são singulares. Elas são “multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação” (p. 108).

Assim, nossa identidade é construída e imposta dentro do contexto social, no qual estamos inseridos, somos constituídos por uma série de discursos que, ao serem significados e representados, cercam e determinam nossa identidade. Para Hall, representação é “parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura” (1997, p. 11).

Neste sentido, “diferente” é uma das definições que os sujeitos que se assumem não heterossexuais recebem; portanto, “a marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições de identidade” (WOODWARD, 2000, p. 39). Hall (2000) argumenta que as identidades constroem-se por meio das diferenças, estabelecendo, dessa forma, a

relação com o outro, o outro que, nesse contexto, assume a característica da falta, daquilo que não é.

## 2.2 A HOMOSSEXUALIDADE COMO CONSTRUÇÃO

Na perspectiva de que a homossexualidade seja entendida como uma construção, trago alguns discursos que argumentam e que buscam evidenciar uma origem ou causa da homossexualidade. Diante disso, apresento algumas explicações de diversas ordens, tais como da Biologia, da Genética, da Endocrinologia e também da Neurociência, a fim de elucidar a construção de tais discursos.

Há muitos estudos que apontam as possíveis causas ou origem da identidade homossexual: o determinismo é uma das correntes que traz argumentos para explicar a causa da homossexualidade. Tal teoria tem como perspectiva defender e admitir uma causa biológica para todos os fatos. Diante dessa perspectiva teórica, a Genética, a Endocrinologia e a Neurociência têm argumentos para explicar a causa ou causas da homossexualidade.

Estudos realizados no ano de 1991 afirmam que a identidade homossexual pode ter sua origem explicada em estudos realizados com cérebros, ou seja, a causa da homossexualidade está na semelhança existente entre o cérebro feminino e o cérebro do homossexual. Pequenas diferenças detectadas através de um exame de ressonância magnética seriam a prova da característica biológica como justificativa para o surgimento da homossexualidade.

O pesquisador Simon Le Vay afirmou ter encontrado em cérebros de cadáveres, uma diferença estrutural de tamanho nos hipotálamos de *gays* e lésbicas - o hipotálamo nos homossexuais seria de menor tamanho, ou seja, os *gays* tinham o hipotálamo, região do cérebro associada ao comportamento sexual, menor e mais parecido com o hipotálamo das mulheres (HILTON, 1992). Simon Le Vay realizou seu estudo a partir de quatro grupos de neurônios do hipotálamo, indicados como INAH1, INAH2, INAH3 e INAH4; no entanto, “o grupo INAH3 mostrou ser o dobro do tamanho no conjunto dos homens heterossexuais comparativamente ao conjunto dos homens homossexuais e, idêntico entre estes últimos e mulheres heterossexuais” (MATEUS; ROSA, 2009).

Além do estudo com cérebros, outra contribuição para uma possível origem da homossexualidade é a genética, pois há indícios de que a homossexualidade poderia ter uma outra causa biológica. Em estudos feitos com gêmeos, encontram-se explicações da área da

genética como fator de alta influência na identidade homossexual. Contribuições nesse âmbito alegam que:

[...] no caso dos gêmeos monozigóticos, por ambos possuírem o mesmo padrão genético, quando a sua separação é precoce, é possível estudar as influências de diversos fatores, nomeadamente ambientais. Os gêmeos dizigóticos são uma espécie de “grupo de controle” nestas experiências, pois como partilham, em média, 50% do padrão genético, é possível averiguar se as diferenças na prevalência do traço, em questão, são devidas a componentes genéticos. Estudos com gêmeos univitelinos demonstram uma correspondência de mais de 50% entre a sexualidade dos dois irmãos, isto é, existem grandes probabilidades de ambos os irmãos terem a mesma orientação sexual, neste caso, em relação à homossexualidade (Ibid., p. 2).

As primeiras referências a uma possível explicação endócrina da homossexualidade ocorreram na primeira década do século XX:

A partir dos trabalhos de Eugen Steinach com transplantes de testículos de homens heterossexuais para homens homossexuais. Em 1935, Clifford Wright publicou haver encontrado diferenças hormonais (menos testosterona e mais estrogênio) em homossexuais, comparativamente a homens heterossexuais. Esta pesquisa – e as diversas que a seguiram – tinha como propósito a “conversão” à heterossexualidade, assim, iniciava-se a organoterapia (LE VAY apud MENEZES, 2009).

A explicação hormonal para a origem da identidade homossexual, ou seja, alguns estudos realizados nesse âmbito declaram que fetos pré-destinados à homossexualidade masculina não absorvem com eficácia o hormônio testosterona durante o seu desenvolvimento, ocasionando uma “falha” no desenvolvimento dos circuitos responsáveis pela atração ao sexo oposto, ou seja, a causa considerada para a homossexualidade masculina no âmbito da teoria hormonal é:

[...] relativa aos níveis de stress a que o feto se encontra exposto durante a gravidez pois, por incrível que pareça, homens que foram concebidos e que nasceram em períodos de grande stress são mais frequentemente homossexuais do que homens concebidos noutras alturas. Isto porque, o cortisol, a hormônio do stress, é produzido a partir do mesmo precursor que a testosterona, podendo assim consumir a “matéria prima”, deixando menos quantidade para a transformação em testosterona (MATEUS; ROSA, 2009).

Já para a homossexualidade feminina, a explicação é dada a partir do não funcionamento de uma proteína no útero, responsável por proteger fetos femininos contra a exposição excessiva à reação hormonal masculina, ou seja, devido a essa “deficiência” em seu funcionamento, tal proteína protege insuficientemente o feto feminino, que fica sujeito à ação dos hormônios masculinos (ANDRADE, 2009).



Durante esta trajetória, muitas foram as representações produzidas e que contribuem para a definição do/a homossexual como o/a anormal, o/a doente, o/a desviante. Tais definições possibilitam a produção da homofobia. Neste estudo, utilizo o termo homofobia para definir toda e qualquer discriminação, ódio, repulsa, atribuídos não somente aos/às homossexuais, mas também aos/às bissexuais, travestis e transexuais. Neste sentido, “a homofobia, portanto, não deve ser encarada apenas como uma atitude meramente individual, mas enfrentada como fenômeno social atrelado à vigilância das normas de gêneros, cujas raízes estão no machismo, na misoginia e na heteronormatividade<sup>3</sup>” (CARVALHO; ANDRADE; JUNQUEIRA, 2009, p. 24).

Interpelada por tais entendimentos e discussões ancorados no campo dos Estudos Culturais, apresento as estratégias metodológicas utilizadas para a produção dos dados narrativos presentes nos artigos que compõem esta dissertação, almejando que os mesmos constituam-se de forma a contribuir de alguma maneira com os/as demais pesquisadores/as, estudantes, enfim, leitores/as deste trabalho.

---

<sup>3</sup> De acordo com Carvalho, Andrade e Junqueira (2009), heteronormatividade é o “conjunto de valores, normas, dispositivos e mecanismos definidores da heterossexualidade como a única forma legítima e natural de expressão identitária e sexual, que faz com que a homossexualidade, a transgeneridade e as práticas sexuais não reprodutivas sejam vistas como desvio, crime, aberração, doença, perversão, imoralidade, pecado. [...] A heteronormatividade é geralmente ensinada pelas instituições sociais (família, igreja, escola) ao longo dos processos normativos e normalizadores de produção dos sujeitos, corpos e identidades” (p. 20-21).

### 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 A INVESTIGAÇÃO NARRATIVA COMO METODOLOGIA

Ancorada nas discussões do campo dos Estudos Culturais e entendendo que não há, nesse campo teórico, uma metodologia única que possa ser considerada como sua, optei por trabalhar com a Investigação Narrativa como metodologia.

Segundo Larrosa (1996),

[...] na linguagem e, em particular, na narrativa, encontramos já as formas linguísticas e discursivas com as que construímos e expressamos nossa subjetividade. Cada um de nós já está na linguagem. E está já na narração. Temos lido e ouvido histórias e temos aprendido como a identidade de uma pessoa se constrói narrativamente. Cada um de nós se encontra já imerso em estruturas narrativas que lhe preexistem e que organizam de um modo particular a experiência, que impõem um significado à experiência. Por isso, a história de nossas vidas depende do conjunto de histórias que já temos ouvido e, na relação as quais, temos aprendido a construir a nossa. A narrativa não é o lugar de irrupção da subjetividade, sim a modalidade discursiva que estabelece a posição do sujeito e as regras de sua construção em uma trama (p. 471, tradução minha).

A narrativa como investigação é utilizada, porque somos seres contadores de histórias. Desta forma, no processo de contar e narrar histórias, os sujeitos vão constituindo sua própria identidade, assumindo diversas posições de sujeito, uma vez que elas são produzidas em meio a contextos sociais diferentes. Neste sentido, “o estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma em que os seres humanos experimentam o mundo” (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 11, tradução minha).

No entendimento de Connelly e Clandinin (1995), a narrativa é tanto o método de investigação quanto aquilo que se investiga. Neste sentido, no processo de investigação narrativa, o pesquisador deve atentar-se para alguns aspectos importantes, por exemplo, “a negociação da entrada no campo é vista comumente, como uma questão ética que tem que ver com os princípios que estabelecem as responsabilidades tanto dos investigadores como dos participantes” (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 18). Para tanto, ao longo deste trabalho, as questões éticas permearam a pesquisa durante todo o processo de investigação e de produção de dados. Hogan apud Connelly e Clandinin (1995) destaca vários outros elementos importantes na relação de investigação: “a igualdade entre os participantes, a situação de atenção mútua, e os sentimentos de conexão. Um certo sentido de igualdade entre os participantes é particularmente importante na investigação narrativa” (p. 20).

A metodologia de investigação narrativa permite aos pesquisadores diversos métodos ou estratégias de produção de dados. Ela pode ser feita através de notas de campo da experiência compartilhada, notas de diários, entrevistas, contar e escrever histórias, em documentos, entre outros (CONNELLY; CLANDININ, 1995). Para tanto, neste trabalho, optei por realizar a aplicação de questionários e a formação de grupos focais como estratégias para a produção dos dados narrativos.

## 3.2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

### 3.2.1 A produção dos dados narrativos: os questionários

Os dados narrativos foram produzidos a partir de uma pesquisa realizada em duas etapas. A primeira consistiu na participação de alunos/as do primeiro ano do Ensino Médio, de oito (8) escolas do município de Rio Grande/RS. Esta primeira etapa da pesquisa consistiu na aplicação de um Questionário<sup>4</sup> (ANEXO 1), com questões referentes às atitudes dos/as alunos/as frente à homofobia, à diversidade sexual e de gênero. Cabe destacar que, embora o questionário apresente várias questões, foram elencadas algumas para posterior análise e discussões.

Para a realização desta etapa, entrei em contato com a direção de algumas escolas, com o intuito de apresentar a proposta da pesquisa. Para tanto, foi agendado um dia para cada escola, para que pudesse apresentar a pesquisa, bem como as estratégias que seriam utilizadas para a produção dos dados.

Além disto, a fim de obedecer às questões éticas, foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 2) para a direção de cada escola, informando os objetivos e procedimentos adotados ao longo da pesquisa, esclarecendo os compromissos a serem assumidos pela escola e pela pesquisadora. Neste encontro inicial, a direção de cada escola determinou qual turma participaria da aplicação dos questionários. Durante este contato com as escolas, alguns comentários interessantes surgiram. Em relação à escolha da turma era grande a preocupação da direção e supervisão da escola em escolher uma turma em que os alunos não fossem muito novos, para que não houvesse o problema de estar alertando-os quanto às questões de sexualidade, homossexualidade, etc. Além disto, havia também

---

<sup>4</sup> O questionário utilizado foi adaptado de uma pesquisa intitulada “**Actitudes ante la diversidad sexual de la población adolescente de Coslada (Madrid) y San Bartolomé de Tirajana (Gran Canaria)**”, desenvolvida por José Ignacio Pichardo Galán (Coord.), Belén Molinuevo Puras (Coord. Coslada), Pedro Octavio Rodríguez Medina (Coord. San Bartolomé de Tirajana), Nuria Martín Martín e Marta Romero López.

questionamentos sobre o retorno aos alunos que participassem da pesquisa. Isto é evidenciado na fala da diretora de uma das escolas, que diz “não é a primeira pessoa que se propõe a fazer um trabalho de pesquisa aqui na escola, mas eu gostaria de saber se os alunos vão ter um retorno desse trabalho, pois muitos vêm até a escola, coletam os dados que precisam e depois desaparecem?”. Após este contato com a direção das escolas e a escolha das turmas, agendamos os dias para aplicar os questionários. Estabelecido o dia e horário, retornei às escolas conforme o combinado. Primeiro, apresentava-me aos alunos, explicava os motivos pelos quais estava realizando tal pesquisa, bem como informava que era participante de um grupo de pesquisa (GESE), que problematizava as questões sobre corpos, gêneros e sexualidades. Posteriormente, dava início ao trabalho, com a aplicação dos questionários, eles eram entregues em envelopes para que os/as colegas não vissem as respostas preenchidas. Além disto, as identificações que precisavam ser respondidas eram: idade e sexo; o item religião, os/as participantes respondiam somente se quisessem.

Durante a aplicação dos questionários, em todas as oito (8) turmas, surgiram comentários e risos. Enquanto respondiam ao mesmo, os/as adolescentes<sup>5</sup> indagavam quanto ao assunto. Perguntaram se eu era lésbica, ente outros comentários como, por exemplo: *Eu já aviso que não gosto de boiola!* Essa foi uma das coisas que me marcou nessa turma, pois não houve vergonha alguma por parte do menino de assumir seu preconceito frente a todos que os cercavam.

A fim de explicitar os dados produzidos a partir da aplicação dos questionários, apresentarei as questões que os compõem, disponibilizando as repostas dos/as adolescentes. Para tanto, é importante destacar que participaram desta etapa duzentos e vinte um (221) adolescentes, sendo cento e dezenove (119) do sexo feminino, e cento e dois (102) do sexo masculino. A idade dos participantes compreendeu entre treze (13) e dezoito (18) anos. Embora considerando o Estatuto da Criança e do Adolescente uma construção social, utilizo, como base, tal produção que, segundo a Lei nº 8.069, art.2º, define adolescente como aquela pessoa que possui entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 2005).

É importante salientar que foi explicado aos participantes que eles estavam sendo convidados a participarem de uma pesquisa, anônima e voluntariamente. Além disto, os/as adolescentes foram informados que podiam marcar mais de uma resposta em cada questão, o

---

<sup>5</sup> De acordo com Quadrado (2006), entendo a adolescência como “uma construção que se dá a partir dos discursos de diversos campos – biologia, psicologia, sociologia, história, antropologia, entre outros – e de diversas pedagogias culturais – programas de TV, jornais, revistas, músicas, propagandas, filmes, festas, etc. – que, ao representarem a adolescência, estão indo além de dizer ou mostrar o que é ser adolescente, estão ativamente produzindo essa etapa da vida e atuando, também, na produção de identidades” (p. 28).

que pode variar quanto aos números que irei apresentar. É importante lembrar que os gráficos que apresentarei para mostrar os dados produzidos têm como base o número total de adolescentes (221).

A primeira questão do questionário fazia referência à identidade sexual homossexual, isto é, o que os/as adolescentes já haviam escutado ou presenciado, realizado ou utilizado em relação a um/a homossexual. Além de informar se alguém já havia-lhe dito ou feito algo com referência à homossexualidade. Neste sentido, o gráfico abaixo apresenta os dados narrativos produzidos nesta questão.

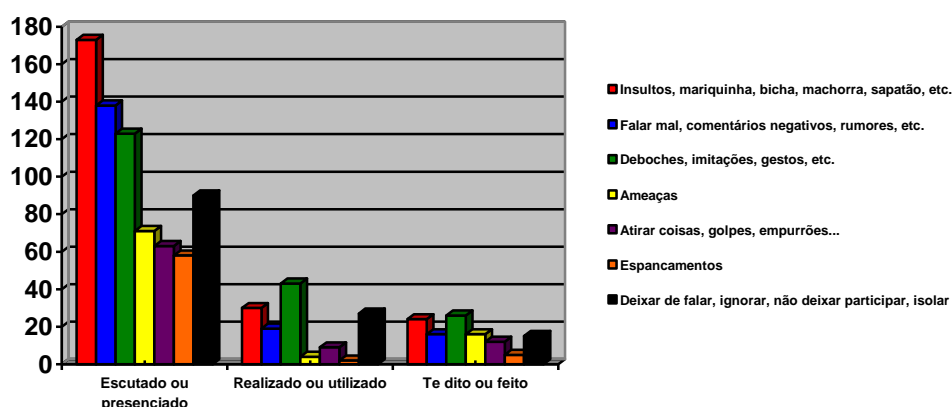


Gráfico 1- Questão referente à identidade sexual homossexual  
Fonte: Questão 1 - Questionário

Na questão número 2, os/as adolescentes responderam se conheciam ou não lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, e ainda tinham a possibilidade de marcar a resposta “não entendo a palavra”. Os dados são mostrados no gráfico a seguir.

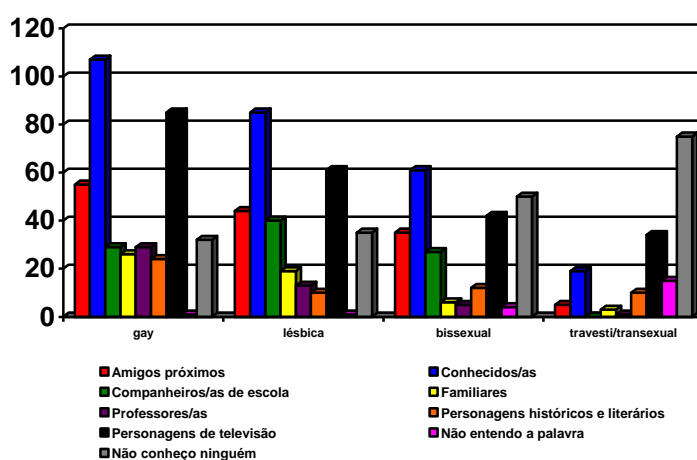


Gráfico 2- Número de participantes que conhecem pessoas LGBT  
Fonte: Questão 2 - Questionário

Nas questões número 3 e 4, os/as participantes da pesquisa responderam o que eles/as pensavam a respeito de um casal de homens e um casal de mulheres, ao mostrar seus sentimentos em público, da mesma maneira que um casal de homem e mulher, isto é, beijos, abraços, caminhar de mãos dadas, etc. O gráfico evidencia que a maioria dos/as adolescentes não se importa que um casal homossexual masculino e um casal homossexual feminino demonstrem seus sentimentos, mas desde que não seja em público.

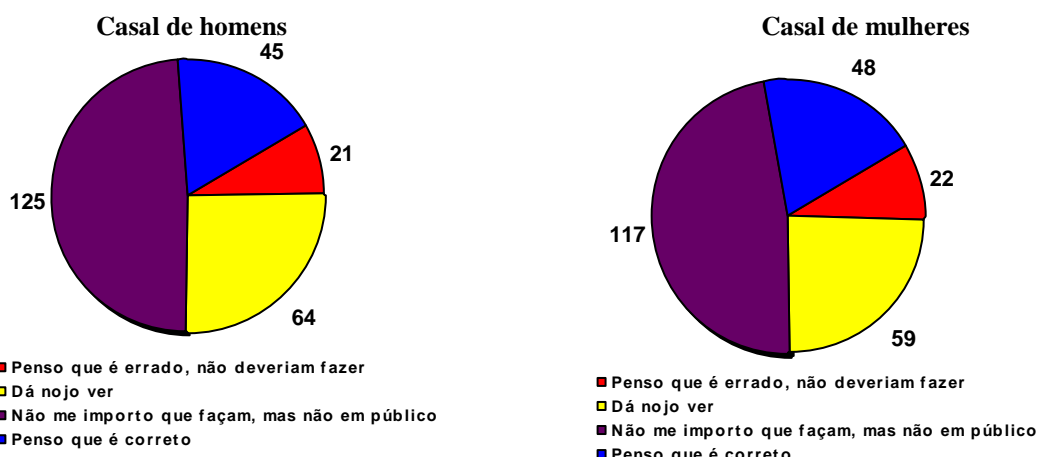


Gráfico 3 e 4- Reação dos/as participantes frente a um casal homossexual masculino e casal homossexual feminino que mostra seus sentimentos em público

Fonte: Questões 3 e 4 - Questionário

Na questão 5, os/as adolescentes responderam o que pensavam a respeito de tratar com desprezo as pessoas homossexuais. Neste sentido, podemos perceber, através do gráfico, que dos duzentos e vinte um (221) participantes, a maioria, ou seja cento e noventa e oito (198) adolescentes responderam que não é correto.

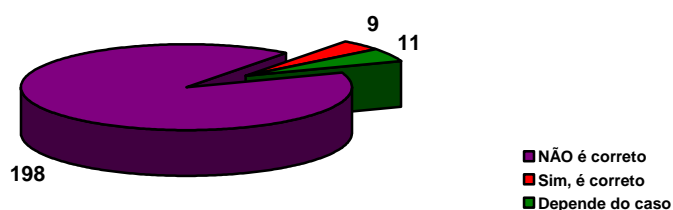


Gráfico 5- Tratar com desprezo pessoas homossexuais

Fonte: Questão 5 - Questionário

Os/as adolescentes que marcaram a resposta “depende do caso”, exemplificaram sua resposta, assim: *Seria correto tratar com desprezo, se outra menina gostasse de mim; Se*

*falasse alguma coisa para mim, que eu não gostasse, se oferecer...; Mulher com mulher, pode; Na intimidade; Não merece desprezo, mas deve-se mostrar o erro.*

Na questão número 6, os/as adolescentes responderam à questão: Se teu colega de classe te dissesse que é *gay*, lésbica, bissexual, travesti ou transexual, como reagirias? As repostas são apresentadas no gráfico que segue.

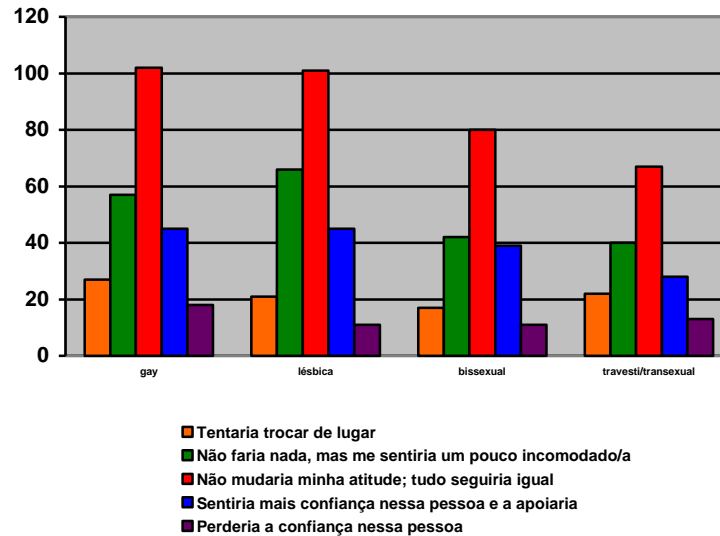


Gráfico 6- Reação frente a um/a colega LGBT  
Fonte: Questão 6 - Questionário

Nas questões 7.1, 7.2 e 7.3, os/as adolescentes responderam como eles/as pensam que são tratados/as na família, na escola e na sociedade em geral, as lésbicas, os *gays*, os/as bissexuais e os/as travestis e transexuais. Nas três questões, a maioria dos/as participantes marcaram a primeira alternativa, isto é, de forma injusta.

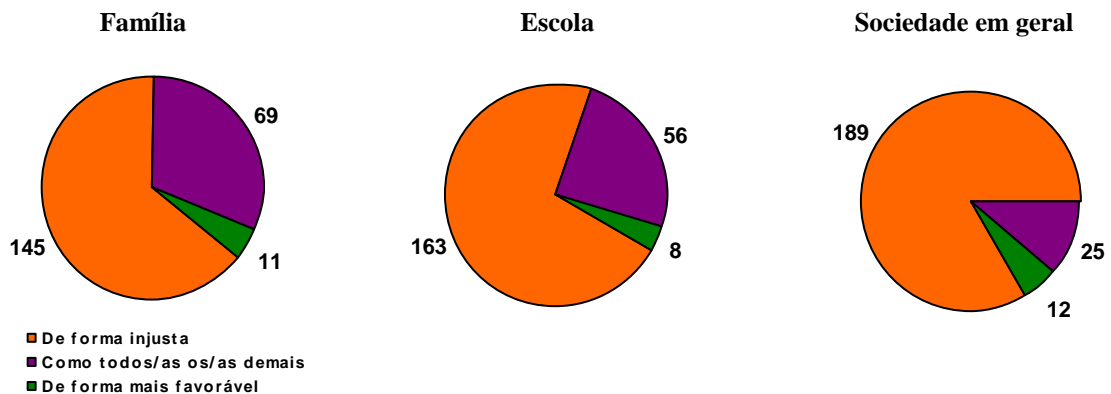


Gráfico 7.1, 7.2 e 7.3- Sujeitos LGBT na família, na escola e na sociedade em geral respectivamente  
Fonte: Questões 7.1, 7.2 e 7.3 - Questionário

Na questão 8, que perguntava “Se um/a professor/a te dissesse que é homossexual...”, a maioria dos/as adolescentes respondeu que “ O importante é que seja um/a bom/a professor/a, sem importar, sua identidade sexual”. O que se pode evidenciar no gráfico a seguir.

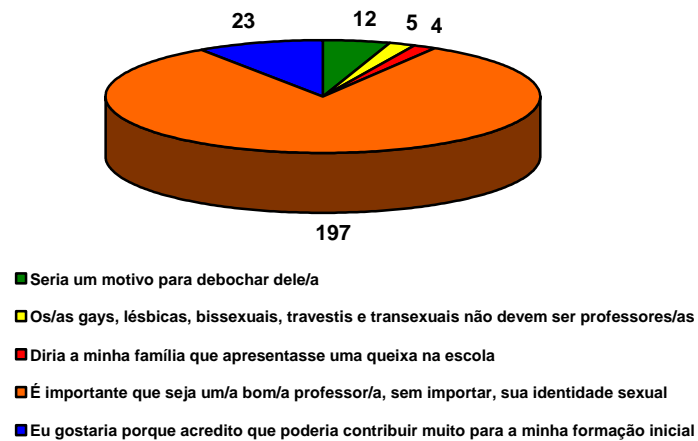


Gráfico 8- Reação dos/as adolescentes frente a um/a professor/a homossexual  
Fonte: Questão 8 - Questionário

Na 9ª questão, os/as participantes teriam que marcar a resposta que continha o tema que eles/as mais gostariam de saber. O tema mais escolhido foi “gravidez, DST, Aids, métodos contraceptivos”. O gráfico mostra as respostas.

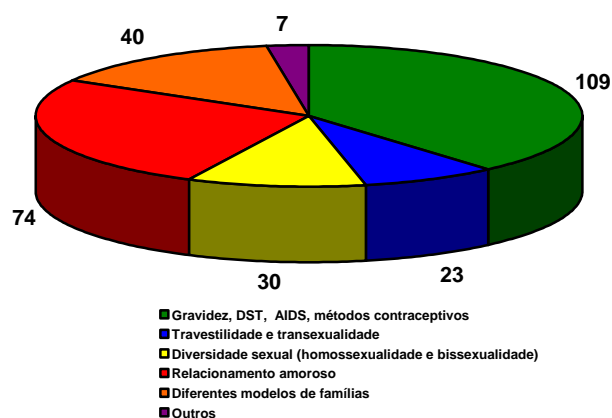


Gráfico 9- Tema de maior interesse  
Fonte: Questão 9 - Questionário



A questão 10, perguntava “Se fosses, ou alguém pensasse que és *gay*, lésbica, bissexual, travesti ou transexual, o que achas que aconteceria contigo?” A resposta dos/as adolescentes é mostrada no gráfico a seguir.

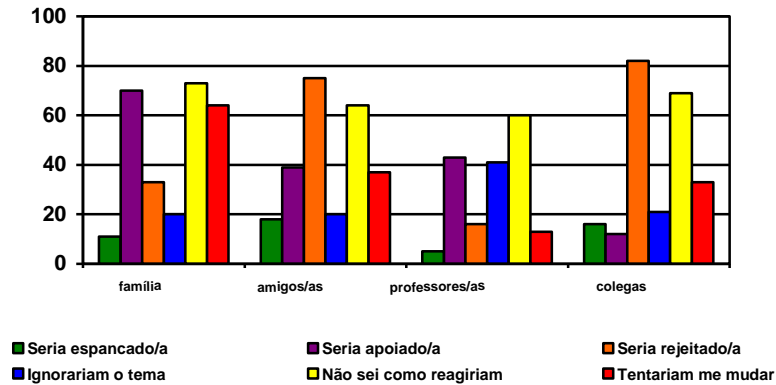


Gráfico 10- Reação esperada em diversos contextos dos/as adolescentes frente à possibilidade de que sejam LGBT  
Fonte: Questão 10 - Questionário

A questão 11 perguntava, através de quem ou do que os/as adolescentes gostariam de ser informados/as sobre os temas de sexualidade. A grande maioria marcou a alternativa “mãe/pai”. Isso é evidenciado no gráfico que segue.

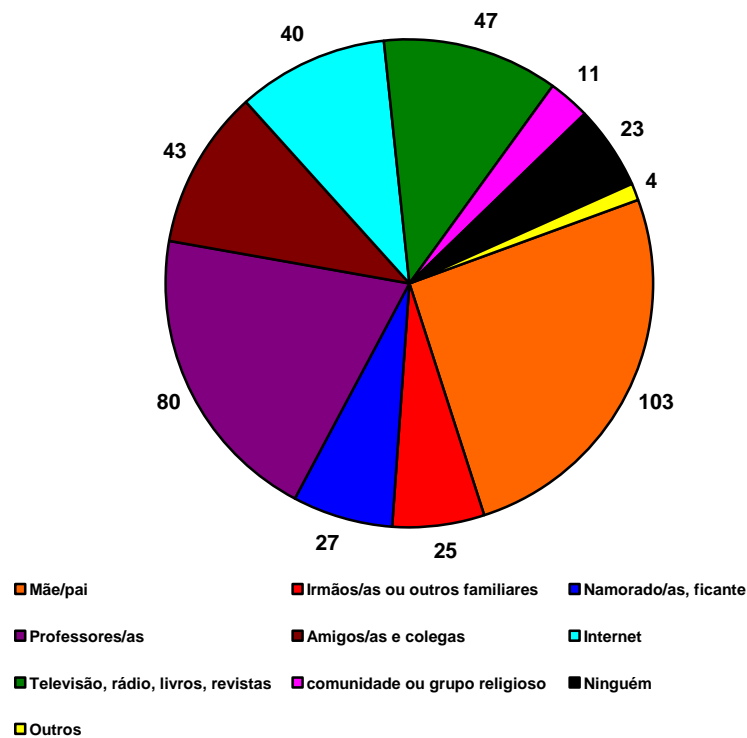


Gráfico 11- Por quem e/ou através do que gostaria de ser informado/a sobre sexualidade  
Fonte: Questão 11 - Questionário

Os/as participantes também tinham como alternativa a resposta “outros”, que recebeu quatro (4) votos. Porém, os/as que marcaram essa alternativa teriam que dizer quem seriam esses/as outros/as. As respostas foram: *todas as pessoas; psicólogo; as pessoas que sabem realmente ajudar a falar sobre isso.*

A questão 12 perguntava onde e com quem os/as adolescentes conseguem informação sobre temas de sexualidade. As respostas:

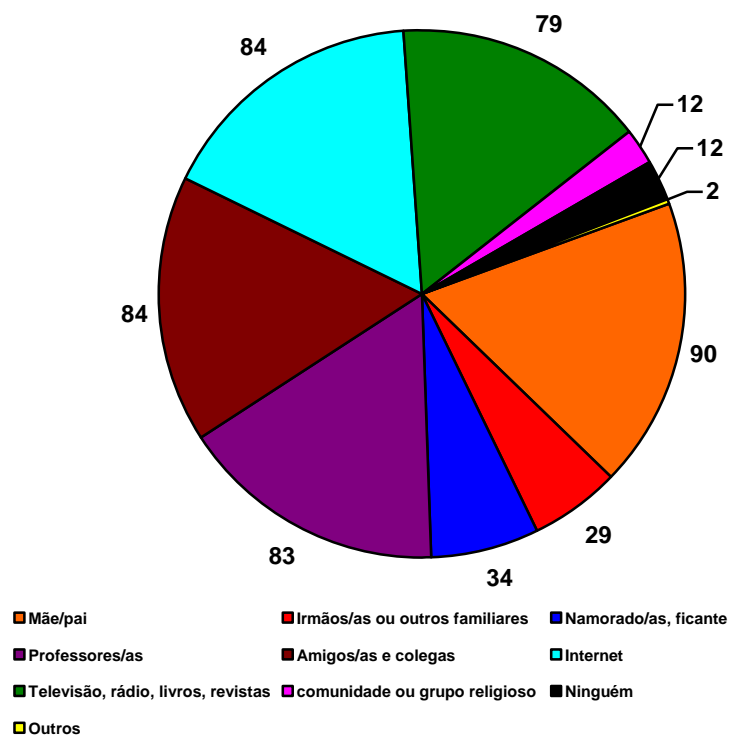


Gráfico 12- Por quem ou por onde sou informado/a sobre sexualidade  
Fonte: Questão 12 - Questionário

A questão 13 perguntava: “Se algum/a colega te dissesse que seu pai é *gay* ou que sua mãe é lésbica, o que farias?” A maioria dos/as adolescentes, isto é, cento e vinte e nove (129) marcou a alternativa que diz “não alteraria nada na minha relação com essa pessoa”. Essa e as demais respostas estão demonstradas no gráfico.

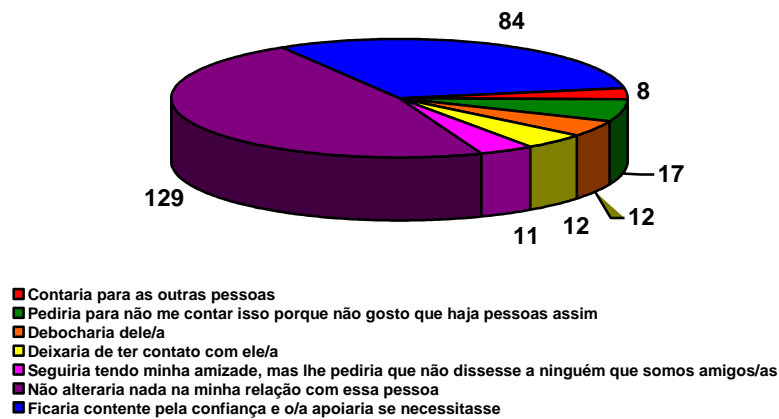


Gráfico 13- Reação dos/as adolescente caso seu/ a colega dissesse que seu pai ou sua mãe é homossexual  
Fonte: Questão 13 - Questionário

Na questão 14, os/as participantes marcaram todas as alternativas que eles/as consideram que são exemplos de famílias. O gráfico mostra as respostas.

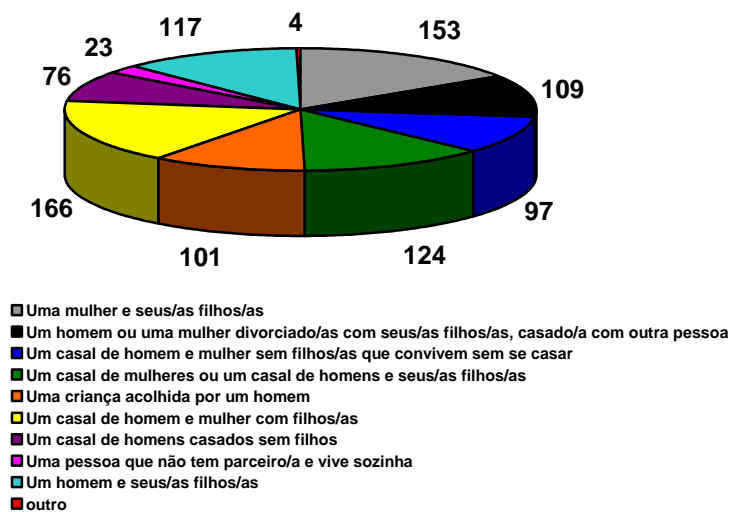


Gráfico 14- Exemplos de configurações familiares  
Fonte: Questão 14 - Questionário

Porém, nesta questão, aqueles/as que marcaram a alternativa “outro”, exemplificaram sua resposta. Os exemplos são: *família não é só pai e mãe, é todos na sua volta que lhe tratam como irmão/ã, etc...; todos; casais separados com filhos solteiros (continua um grande laço) e amigos.*

As respostas da questão 15 não serão representadas em gráfico, uma vez que a resposta é separada por sexo. Além disto, na questão 16 do questionário, os/as adolescentes

tinham a possibilidade de registrar um comentário acerca da pesquisa, dos questionários, do tema em questão, etc. Nesta questão surgiram os seguintes comentários:

- ✓ *Eu acho que independente do nosso sexo atual, ou seja, homem ou mulher, cada um tem o seu direito de escolha e as pessoas em geral têm que aceitar sem preconceitos.*
- ✓ *Achei muito interessante, importante. Agradeço a oportunidade e espero ter ajudado o suficiente para uma boa pesquisa.*
- ✓ *Gostei muito desse questionário, pois pode ser através desses modos que o preconceito tem que acabar, ou então, diminuir.*
- ✓ *Eu acho que cada um deve fazer o que acha, o que pensa ser melhor pra si, sem deixar, é claro, que isso afete sua vida e seus relacionamentos.*
- ✓ *Gay é gay, tem tudo que morrer; mas lésbicas é legal, porque, se tu namora uma lésbica, aí ela chama a amiga dela e rola suruba.*
- ✓ *Eu achei muito bom, porque está tendo muito preconceito hoje em dia com os gays.*
- ✓ *Não tenho preconceitos. Cada um com seu conceito, sendo feliz, é o que basta. Cada um forma sua família do modo que pretende e acha melhor.*
- ✓ *Sobre o questionário, foi muito legal, porque podemos colocar nossas opiniões sem que ninguém saiba.*
- ✓ *É bom que haja esses questionários. Assim pode ajudar a ter menos preconceito.*
- ✓ *Eu acho que ninguém deve julgar, pois todos nós somos imperfeitos.*
- ✓ *Às vezes fico curiosa para beijar uma garota, mas acho que ia ser tratada diferente e muitos se afastariam de mim.*
- ✓ *Eu acho que este assunto é bem interessante, e que deve sim ser discutido para não haver mais problemas e passar a ser normal.*
- ✓ *Eu acho muito importante que alguém faça esse trabalho que estão fazendo. Parabéns.*
- ✓ *Eu gostei da pesquisa e acho que nenhuma pessoa, não importando sua opção sexual, cor ou classe social, deve ser discriminada. Todos nós somos iguais, mesmo sendo diferentes.*
- ✓ *Que as pessoas que não gostam que se retirem, mas não precisam humilhar os outros e aqueles que não têm nada contra apoiem. As pessoas são todas iguais, independente de suas relações amorosas.*
- ✓ *Temos que aceitar as pessoas do jeito que elas são, por mais que, às vezes, elas sejam erradas, temos que respeitar para sermos respeitados.*

- ✓ *Só posso dizer que apóio quem gosta do mesmo sexo, pois cada um tem um sentimento e todos devem se expressar do jeito que acha melhor.*
- ✓ *O preconceito é a pior coisa, pois acho que cada um tem direito de escolher sua sexualidade, pois não tenho nada contra.*
- ✓ *Eu adoro falar sobre este tema. Para mim, é super interessante, mas a minha religião (evangélica) não aceita homossexuais.*
- ✓ *É, sou preconceituosa, pobre de espírito.*
- ✓ *Acredito que existe muito preconceito, mas existem muitas pessoas que fazem vista grossa, mas é raro conhecer pessoas que apóiam.*
- ✓ *É importante saber o que faz as pessoas agirem de tal forma e suas escolhas. Preconceito não deveria existir, mas não podemos negar que vêm as curiosidades de saber como essas pessoas se relacionam e é estranho também.*
- ✓ *Acho que o preconceito com gay, lésbicas e travestis é inútil, porque eles não mudam e isso mostra mais ainda que eles têm fibra.*
- ✓ *Homossexualidade não é anormal. Quem disse que homens têm que gostar de mulheres e vice-versa.*

Portanto, os questionários, além de me possibilitar um panorama geral dos entendimentos dos/as adolescentes acerca das questões sobre diversidade sexual e identidades de gênero, os dados produzidos permitiram-me elencar as questões que mereciam maior destaque nas discussões na próxima etapa da pesquisa, os grupos focais.

### 3.2.2 A constituição dos grupos focais

Além dos questionários utilizados na primeira etapa da pesquisa, o Grupo Focal foi outra estratégia utilizada para a produção dos dados narrativos, Gatti (2005), sobre essa relação dos questionários com a constituição de grupos focais, menciona que “o grupo focal ao propiciar a exposição ampla das idéias e perspectivas, permite trazer à tona respostas mais completas e possibilita também verificar a lógica ou as representações que conduzem à resposta” (p. 10). Neste sentido, com o intuito de haver uma maior explanação sobre algumas questões presentes nos questionários aplicados anteriormente, optei pela realização dos grupos focais, uma vez que os mesmos permitiram um aprofundamento mais detalhado sobre algumas questões que foram elencadas para posterior análise.

Segundo Gatti (2005), o grupo focal é uma estratégia que possibilita “o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum” (p. 11). Segundo a autora, a técnica do grupo focal é muito útil, quando se quer compreender

[...] as diferenças existentes em perspectivas, idéias, sentimentos, representações, valores, e comportamentos de grupos diferenciados de pessoas, bem como compreender os fatores que os influenciam, as motivações que subsidiam as opções, os porquês de determinados posicionamentos. O trabalho com o grupo focal pode trazer bons esclarecimentos em relação a situações complexas, polêmicas, contraditórias, ou a questões difíceis de serem abordadas em função de autoritarismos, preconceitos, rejeição ou de sentimentos de angústia ou medo de retaliações; ajuda a ir além de respostas simplistas ou simplificadas, além de racionalizações tipificantes e dos esquemas explicativos superficiais (p. 14).

Neste sentido, a segunda etapa da pesquisa consistiu na formação de grupos focais, a fim de problematizar e conhecer os entendimentos dos participantes sobre a diversidade sexual e de gênero, sobre a homofobia, sobre os direitos LGBT, entre outras questões. Para tanto, os/as adolescentes receberam um convite de participação junto com o questionário que eles preencheram na primeira etapa da pesquisa. A fim de manter o anonimato, os/as participantes receberam o convite de participação do grupo focal em um envelope. Os/as interessados/as em participar desta etapa preencheram uma ficha contendo seus dados, para que pudesse entrar em contato com eles/as, a fim de informá-los/as quanto aos encontros realizados.

Além disto, os/as responsáveis pelos/as adolescentes interessados/as receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 3), informando os objetivos do trabalho, horário, local e data dos encontros. Neste sentido, os/as adolescentes participaram do grupo focal com o consentimento dos/as responsáveis.

Durante a primeira etapa da pesquisa, foi comentado brevemente o que esperávamos do trabalho através da constituição de grupos focais; no entanto, a explicação sobre os encontros não foi muito detalhada; informei apenas que a idéia era explorar um pouco as questões contidas no questionário e aprofundar mais as discussões através do desenvolvimento de atividades. Segundo Gatti (2005), “não se recomenda dar aos participantes informações detalhadas sobre o objeto de pesquisa. Eles devem ser informados

de modo vago sobre o tema da discussão para que não venham com idéias pré-formadas ou com sua participação preparada” (p. 23).

A fim de organizar os encontros a serem realizados, primeiramente liguei para todo/as aqueles/as que estavam interessados/as em participar do grupo focal. Entrei em contato com cada um/a, com o intuito de saber se ainda estavam interessados em participar do grupo focal, além de avisar os dias e horários nos quais iria até a escola para entregar o Termo de Consentimento, a fim de que eles levassem aos responsáveis. Alguns desistiram e já avisaram no primeiro contato pelo telefone; outros/as aceitaram em ainda participar. Insisti diversas vezes neste contato, uma vez que em alguns momentos que comparecia na escola, alguns dos/as interessados não se encontravam. Neste sentido, busquei, de várias formas tentar, trazê-los/as para a participação do trabalho. É importante salientar que entrei em contato novamente com a direção das escolas, a fim de explicar o porquê de estar retornando à escola e explicar todo o contato que teria com os alunos nesta segunda etapa do trabalho.

Uma das questões importantes, ao se trabalhar com grupos focais, é pensar e organizar o grupo quanto ao número de participantes. O ideal é não ultrapassar mais de dez integrantes (GATTI, 2005; GONDIM, 2003). Neste sentido, como o número de interessados ultrapassava o limite considerado ideal pelas autoras, isto é, participaram vinte e dois (22) adolescentes, sendo dezesseis (16) meninas e seis (6) meninos, constituímos três grupos focais, uma vez que grupos com grande número de participantes “limitam a participação, as oportunidades de trocas de idéias e elaborações, o aprofundamento no tratamento do tema e também os registros” (GATTI, 2005, p. 22). Levando em conta a homogeneidade/heterogeneidade da população participante, cada grupo focal foi realizado com dois encontros, pois foram elencadas algumas atividades para as discussões entre os/as adolescentes participantes dos grupos focais, que não conseguiria realizar somente em um encontro. Além disto, em alguns grupos, mesclei os alunos oriundos de escolas diferentes, porém mantive um número considerado “ideal” para a realização desse tipo de metodologia de análise.

Os grupos foram constituídos de acordo com o turno em que os/as participantes estudavam. Para os/as participantes que estudavam pela tarde, os encontros foram realizados no turno da manhã; e para aqueles que estudam no turno da manhã, participaram do grupo no turno da tarde. Neste sentido, do primeiro grupo focal, realizado no turno da tarde, participaram sete (7) meninas e um (1) menino. Do segundo grupo, também realizado no turno da tarde, participaram nove (9) adolescentes, sendo quatro (4) meninas e cinco (5) meninos. E do último grupo formado, cujos encontros foram realizados no turno da manhã, participaram cinco (5) meninas.

Na utilização do grupo focal como estratégia metodológica, o/a moderador/a das discussões, no caso o/a pesquisador/a, exerce um papel fundamental. É ele/a que direciona as discussões, estabelece um “limite”, permitindo que a produção dos dados durante o encontro esteja de acordo com a proposta da pesquisa, fazendo emergir, com frequência, as questões que mais lhe interessam. Para tanto, a todo momento buscava, através de questionamentos, fazer com que todos/as os/as integrantes participassem ativamente, embora alguns/as falassem mais que outros/as.

Segundo Gondim (2003), é relevante que o/a moderador/a tenha em mãos um roteiro a ser seguido, porém não a ser utilizado como uma entrevista. O roteiro, neste sentido, deve ser somente um meio de dar início às discussões, sem uma linearidade, ou questões fechadas que devem ser respondidas. O mesmo deve ser flexível para, desta forma, facilitar a interação do/a moderador/a com o grupo. Nesta pesquisa, o questionário respondido pelo/as adolescentes, durante a primeira etapa, foi o roteiro utilizado para desencadear as discussões, uma vez que, ao longo do grupo focal, resgatávamos algumas questões presentes no questionário. É importante salientar que somente algumas questões, aquelas que faziam referência ao enfoque principal da dissertação, é que foram elencadas para posterior análise, isto é, as questões que englobavam as discussões acerca da diversidade sexual e homofobia na escola.

Segundo Gatti (2005), o local dos encontros dos grupos focais deve favorecer a participação e interação dos participantes. Isso contribui para que os registros sejam propícios para a pesquisa. Neste sentido, os encontros foram realizados na própria Universidade Federal do Rio Grande, com duração de duas horas cada um, uma vez que o deslocamento dos alunos até a universidade estimulava-os/as ainda mais quanto à participação do trabalho. Cabe destacar que foram disponibilizados, aos participantes, vale transporte, para que eles/as pudessem se deslocar até o local escolhido para a realização dos encontros, os quais foram filmados para posterior transcrição e análise. Neste sentido, cada encontro foi transcrito baseado nas filmagens feitas ao longo dos grupos. Embora às vezes as câmeras pudessem inibir os/as participantes no momento de falar e expressar-se durante a realização das atividades, as gravações em vídeo possibilitaram “a verificação imediata de quem está falando, ou quem está falando com quem, ou pode trazer à lembrança, a partir de imagens, algumas emoções que estiveram presentes em um dado momento, ou evocar o clima entre os participantes, etc” (GATTI, 2005, p. 26).

Além das transcrições dos encontros, alguns registros produzidos ao longo dos mesmos subsidiaram e contribuíram para a análise, ao permitir um maior detalhamento em situações que não foram contempladas na filmagem, lembrando que “a análise é um processo



de elaboração, de procura de caminhos, em meio ao volume das informações levantadas” (GATTI, 2005, p. 44). Desta forma, o grupo focal possibilitou a produção de vários registros que foram utilizados como *corpus* de análise, isto é, além das transcrições e anotações feitas ao longo dos encontros, as atividades realizadas possibilitaram a confecção de outros materiais como: confecção de cartazes, cartas, histórias etc.

O grupo focal, portanto, foi utilizado na produção dos dados, tendo em vista o entendimento de que os participantes possuem diferentes “realidades”, linguagem, atitudes, comportamentos, expressando-se de diferentes maneiras, referindo-se dessa forma, ao contexto social e cultural, bem como de acordo com as relações estabelecidas nesse contexto, ou seja, “cada pessoa se encontra já imersa em estruturas narrativas que lhe pré-existem e em função das quais constrói e organiza de um modo particular sua experiência, impõe-lhe um significado” (LARROSA, 2002, p. 70).

Para compreender melhor o material que foi utilizado nas análises, apresento as atividades realizadas durante os encontros, bem como suas descrições.

### 3.2.3 1º ENCONTRO

O primeiro encontro dos três grupos focais iniciou com a apresentação dos participantes, bem como a explicação do porquê terem aceitado participar dos encontros. Neste sentido, apresento os/as participantes do grupo focal:

- ✓ *Meu nome é Marta<sup>6</sup>... Interesse por participar do grupo focal: foi mais por curiosidade.*
- ✓ *Meu nome é Felipe, tenho 16 anos e vim porque achei interessante.*
- ✓ *Meu nome é Liziane, tenho 15 anos e vim porque acho interessante.*
- ✓ *Rafa, 14 anos e vim por causa da curiosidade também.*
- ✓ *Bia, 15 anos e vim porque gostei do assunto.*
- ✓ *Júlia, 15 anos e vim porque eu achei uma coisa bem interessante.*
- ✓ *Melissa, 17 anos e vim porque é um assunto que a gente não debate muito tanto no dia-a-dia.*
- ✓ *Paty, 15 anos.*

---

<sup>6</sup> Para manter o anonimato dos/as participantes, os seus nomes foram trocados e escolhidos pela própria pesquisadora. Além disto, conforme acordado com a direção das escolas participantes, os nomes das escolas não foi divulgado em nenhum momento neste trabalho.

- ✓ *Meu nome é Marcos, tenho 14 anos e decidi vir porque é um projeto diferente, pra aprender mais coisa.*
- ✓ *Meu nome é Ricardo, tenho 15 anos e vim participar porque eu acho que é um projeto legal.*
- ✓ *Meu nome é Rita, tenho 16 anos e vim pra cá pra aprender mais. Eu sei um pouco, mas eu gostaria de aprender mais.*
- ✓ *Meu nome é Lúcia, tenho 14 anos e queria saber um pouco mais sobre o assunto porque é um assunto muito interessante.*
- ✓ *Meu nome é Marina, eu tenho 15 anos e decidi fazer parte desse projeto, porque eu acho interessante, pra saber um pouco mais sobre o assunto.*
- ✓ *Meu nome é Alex, tenho 16 anos e queria aprender um pouco mais.*
- ✓ *Meu nome é Tony, tenho 15 anos e eu quero aprender um pouco mais sobre isso.*
- ✓ *Meu nome é Pablo, tenho 16 anos e vim, porque achei interessante o assunto.*
- ✓ *Meu nome é Fernanda, tenho 14 anos e vim pra aprender coisas novas.*
- ✓ *Meu nome é Laura, tenho 16 anos e vim mais por curiosidade, porque são assuntos que eu não converso muito no dia a dia com quem eu convivo.*
- ✓ *Meu nome é Flávia, tenho 14 anos e eu gostaria de saber mais, porque eu já fiz vários projetos sobre esse assunto e gostaria de conhecer novas pessoas, de outros lugares.*
- ✓ *Duda, tenho 14 anos, por curiosidade e porque eu queria saber mais, e eu quero ser bióloga no futuro, mais conhecimentos.*
- ✓ *Thais, tenho 16 anos e também, como as gurias disseram, vim por curiosidade.*
- ✓ *Natália, 16 anos e, como elas disseram, vim por curiosidade; como ela disse, eu não converso sobre isso no dia a dia.*

### **1ª ATIVIDADE:** Oficina<sup>7</sup> (re)pensando as Identidades Sexuais

**Descrição da atividade:** A partir das fotografias de diversas pessoas, o grupo opinou, apontando uma alternativa que indicasse o sexo, a identidade de gênero e a identidade sexual das pessoas apresentadas. O objetivo era problematizar o entrelaçamento das identidades de gênero e das identidades sexuais, discutindo o quanto os marcadores sociais de gênero contribuem para a marcação da identidade e da diferença.

---

<sup>7</sup> Esta oficina foi elaborada por Felipe Bruno Martins, que fez parte do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE).



Figuras 1 e 2- Imagens da oficina  
 Fonte: Oficina (Re)pensando as identidades sexuais

## 2ª ATIVIDADE: Apresentando alguns conceitos

**Descrição da atividade:** Após a realização da oficina, apresentei alguns conceitos que surgiram na atividade anterior, a fim de discutir algumas dúvidas referentes a determinados conceitos.

## 3ª ATIVIDADE: Filme Cenas da Vida 1.

**Descrição da atividade:** Apresentação do filme Cenas da Vida 1<sup>8</sup>, que consiste na história de uma adolescente, que descobre na escola que sua melhor amiga é lésbica, porém a história não tem fim. O propósito da atividade foi que os/as adolescentes atribuíssem um final para essa história.

<sup>8</sup> Este filme está contido no DVD Sexualidade Tá Ligado?! O mesmo foi produzido pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE) e encontra-se disponível na página <http://www.sexualidadeescola.furg.br/>.



Figuras 3 a 6- Participantes dos grupos focais realizando a atividade  
 Fonte: Grupos focais

### FINAIS PRODUZIDOS PELOS/AS ADOLESCENTES

**GRUPO 1:** [...] no dia seguinte, a Lu chegou no colégio e se sentiu incomodada com as pessoas. Neste instante, Lu percebeu que havia algo de errado e então ouviu um grupinho falando que sua amiga havia dito que Lu gostava do mesmo sexo e sua melhor amiga se afastou totalmente. Com o preconceito, Lu acabou saindo da escola. Lu ficou extremamente magoada e também triste por ter que sair da escola que ela tanto adorava. Aí então, ela pensou e chegou a uma conclusão que, se sua amiga era mesmo amiga, ela não teria se afastado e sim teria tentado compreender a sua opção sexual. Então Lu tomou sua decisão em sair da escola.

**GRUPO 2:** [...] depois que Helena descobriu que sua amiga gostava de meninas, ela, de repente, tomou um choque com a notícia. Ela não soube entender a situação da amiga e também ficou muito triste, porque a Lu não contou isso antes. E, a partir daí, ela sofreu muitos preconceitos e acabou ficando sem amigas. Mas mesmo assim não mudou a sua

*orientação sexual. Enfrentou todos os preconceitos, dificuldades, solidão, etc. Depois de um tempo, ela encontrou uma pessoa que pode compartilhar seus sentimentos. Sendo assim, ela começou a conhecer pessoas novas e parecidas.*

**GRUPO 3:** *[...] Ela não contou para a amiga, porque sentia uma atração pela amiga e não queria perder a amizade. E sabia que, se a amiga soubesse, ia se distanciar dela, por causa do que os outros iriam falar. Lu pensa: “Talvez, se ela estivesse descoberto, por mim seria bem melhor!!!”. “Às vezes, os maiores riscos da vida são os que assumimos com o coração!!!”*

**GRUPO 4:** *[...] depois de refletir o que ela fez, ela voltou na casa de sua amiga e pediu desculpa por ter saído daquele jeito, e que ela foi preconceituosa com que sua amiga contou. Ela continuou sendo sua amiga, devido à escolha que ela fez.*

**GRUPO 5:** *[...] quando a amiga descobriu que a outra era lésbica, ela foi embora; mas, se ela for amiga de verdade e não tiver nenhum preconceito, continuava sendo amiga como sempre foi e não mudará nada entre elas; mas se ela tiver algum preconceito, ela se afastará da sua amiga.*

**GRUPO 6:** *[...] no entanto, ela, por se declarar lésbica, poderia perder muitos amigos, principalmente sua melhor amiga. A amiga dela foi para casa, refletiu sobre o assunto e decidiu apoiar sua amiga, pois achava que a opinião dos outros não importava naquele momento.*

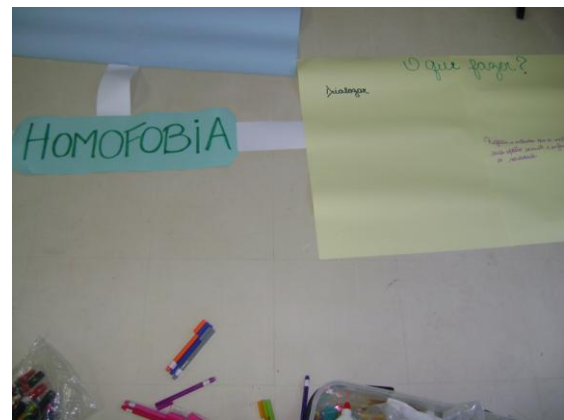
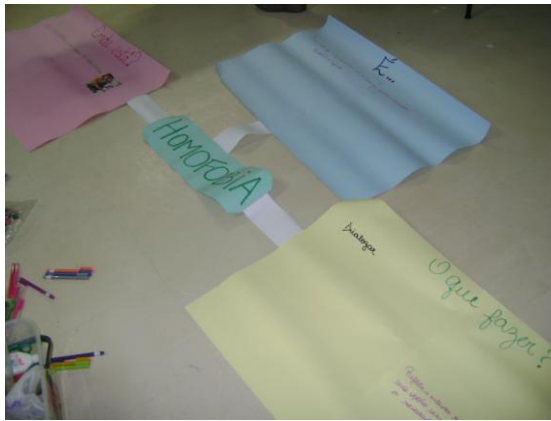
**GRUPO 7:** *[...] que a amiga da menina lésbica não criticasse a sua amiga pela sua opção sexual e não a julgasse, porque a menina lésbica não mudaria seu jeito de ser pela sua escolha. Amiga de verdade não julga suas atitudes e sim a apóia ou aconselha.*

**GRUPO 8:** *[...] ela vai pra casa e pensa sobre o assunto... Fica indecisa, porque não imaginou passar por essa situação, mas depois se arrepende ao ver que sua amiga estava muito triste, sendo discriminada. E mesmo que a opinião dela não fosse a mesma da amiga, ela deveria respeitar e pedir desculpas pela atitude precipitada. Há diferenças entre elas, cada uma com sua personalidade, mas a amizade continua.*

## 3.2.4 2º ENCONTRO

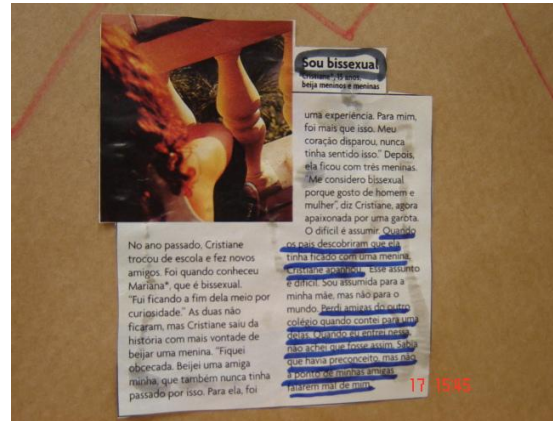
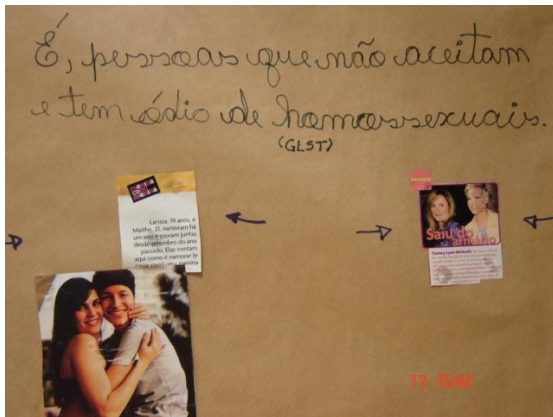
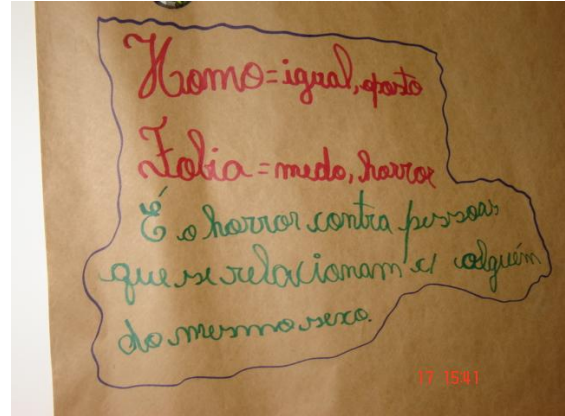
**1ª ATIVIDADE:** Cartaz homofobia

**Descrição da atividade:** Os/as participantes expuseram suas idéias em cartazes, que tinham como objetivo principal discutir a homofobia. Neste cartaz, eles escreveram: o que é a homofobia, onde ela está e o que fazer diante dela?

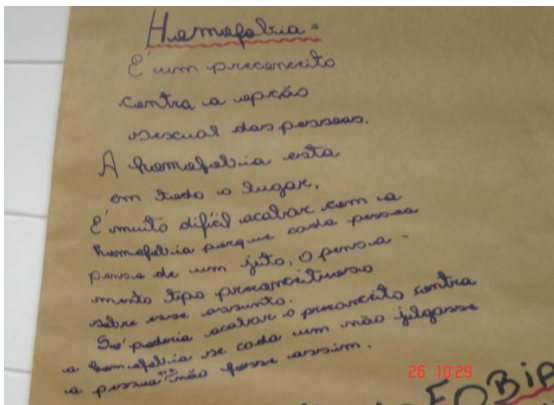
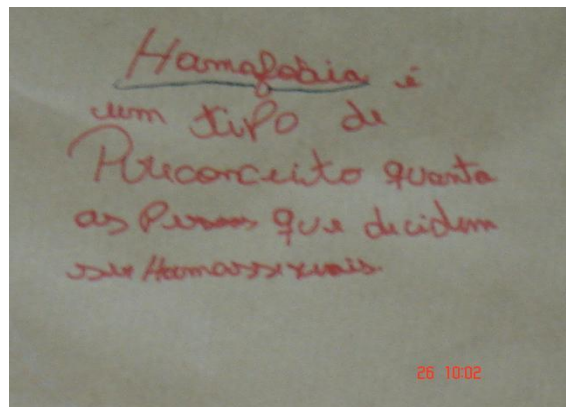


Figuras 7 a 10- Cartaz - Grupo focal 1  
Fonte: Grupo focal 1





Figuras 11 a 14- Cartaz - Grupo focal 2  
Fonte: Grupo focal 2



Figuras 15 a 18- Cartaz - Grupo focal 3  
Fonte: Grupo focal 3

## 2ª ATIVIDADE: Mito ou verdade<sup>9</sup>?

**Descrição da atividade:** Foram distribuídas algumas afirmações<sup>10</sup>. Em seguida, os/as alunos/as tiveram que dizer se a frase apresentada era mito ou verdade e argumentaram sua resposta:

- ✓ “Sexo e diversidade sexual não são assuntos que precisam ser discutidos na escola”.
- ✓ “A escola não é lugar para homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais”.
- ✓ “Falar de maneira respeitosa sobre a homossexualidade pode fazer com que jovens se tornem homossexuais”.
- ✓ “A homossexualidade é uma doença e a gente deve impedir que alguém vire homossexual”.
- ✓ “Nós não temos *gays* e nem *lésbicas* em nossas escolas”.
- ✓ “A escola não pode demonstrar respeito pelos homossexuais para evitar problemas com as famílias”.

## 3ª ATIVIDADE: Vídeo Homofobia

**Descrição da atividade:** Após assistirem ao vídeo produzido por imagens disponibilizadas na internet e que tinham como objetivo problematizar e apresentar algumas idéias sobre a homofobia, os/as adolescentes fizeram alguns comentários sobre o vídeo. Em uma palavra, eles expressaram seu sentimento a partir da visualização do mesmo.

## 4ª ATIVIDADE: Carta Coletiva

Os/as adolescentes, após lerem uma carta<sup>11</sup> confeccionada por um homossexual falando sobre a homofobia, confeccionaram uma carta coletiva com um recado para a

---

<sup>9</sup> Na perspectiva teórica adotada nesta dissertação, os ditos “mitos” e “verdades” apresentados são entendidos como construções sociais.

<sup>10</sup> Tais afirmações foram extraídas do texto “Homofobia o que a escola tem a ver com isso?”, de Rogério Diniz Junqueira, localizado no livro Educação e Sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia..., organizado por Paula Regina Costa Ribeiro... [et al]. Rio Grande: Editora da FURG, 2008. As afirmações são encontradas nas páginas 15 a 18.

<sup>11</sup> Esta carta foi extraída das páginas 14 e 15 do texto “Homofobia o que a escola tem a ver com isso?”, de



sociedade, um recado sobre a homofobia, sobre diversidade sexual, sobre o preconceito em geral, enfim, o que eles gostariam de dizer caso sua carta fosse publicada em um jornal, revista.

### **Carta confeccionada por um homossexual e apresentada para os/as participantes:**

*Não sei por onde começar... Eu acho que a homofobia é uma doença inútil. Pra que ter ódio e nojo de uma pessoa que é igual a você? Por quê? O que leva as pessoas a isso? O homossexual prefere hoje se manter como um “homem” escondendo sua orientação sexual com medo desses tais “homens”. Eu vivo uma situação super difícil. Minha orientação sexual é escondida dentro de mim. Três ou quatro amigos, mas amigos mesmo, sabem. Mas por que eu escondo? Porque o mundo hoje tem características tristes como o PRECONCEITO.*

*Meu pai é homofóbico. Eu acho que ele percebe (...). Uma vez, ele deu na minha cara e disse que preferia que eu fosse bandido ao invés de “veado”! Minha lágrima correu e a vontade era de explodir! Tenho medo da reação do meu pai. Acredito que só serei feliz quando ele se for. Sofro bastante. Ele me cobra por que não tenho namorada, por que eu não gosto de futebol, por que só tenho amigas mulheres e meus amigos homens são gays. Já quase falei a verdade, mas juro que ele me mataria ou me expulsaria de casa! Por isso, não vejo a hora de completar 18 anos e ir embora, seguir meu destino, sem autorização de ninguém. (...)*

*Eu vivo uma vida de cão! Só você, professora, sabe agora o tanto que sofro. Na sala de aula, eu tenho aspecto feliz, brincalhão, sorridente... Mas por dentro só existe rancor e mágoa pronta para explodir e dizer tudo o que está aqui dentro!*

*Minha irmã (...) é a única pessoa da minha família que sabe e me ajuda. Eu a amo muito! Somos amigos pra caramba! Minha mãe desconfia, mas não diz nada (...), quando descobrir, não será nenhum espanto. Só penso na reação do meu pai!*

*Professora, peço de coração, não comente isso com meus colegas. Confio em você como amiga de verdade! A homofobia faz parte da minha vida! E é por isso que a odeio!!! Diga não à homofobia!*

*Muito obrigado, professora!*

*J. S.*

**Cartas confeccionadas pelos/as adolescentes:****1ª CARTA:**

Senhor Prefeito

Está na hora de você abrir os olhos e ver a cidade que você comanda. Nós somos alunos de duas escola diferentes, com o mesmo propósito, o de combater a homofobia. Estamos aqui para pedir uma ajuda para lançar uma campanha sobre esse assunto.

Queremos que as pessoas se conscientizem que todos são iguais, que todos têm livre escolha para decidir o que quer de sua vida. O objetivo dessa carta é que você nos ajude, porque, apesar da nossa força de vontade, não temos recursos para divulgar essa idéia. Então esse é o nosso apelo. Diga não à homofobia.

**2ª CARTA:**

À Escola

Olá, vimos que no nosso pensar sobre a homofobia, nós achamos que as pessoas que sofrem com esse preconceito se sentem muito mal. É uma bobagem isso de não aceitar a homossexualidade. A homofobia tem, sim, que ser punida como crime, porque não podem bater em uma pessoa só pelo gosto sexual da pessoa. É um horror pessoas que se relacionam com alguém do mesmo sexo? Lógico que não, não tem escolhas para o amor.

Para que todos saibam que ser homossexual não é doença e sim uma opção. Sabemos que todos têm sua opinião em relação a isso, mas agredindo não soluciona nada. Dizer o que pensa é sempre bom, mas pode magoar.

**3ª CARTA:**

Às diretoras das escolas

Nós somos alunas de duas escolas de Rio Grande. Já é muito difícil hoje em dia viver com tantas dificuldades do dia a dia, imagine, além dos obstáculos “normais”, ter que enfrentar o que hoje ainda se é tratado como “anormal”, como a homossexualidade.

Não sei se já lhe foi dito e, se foi, não sei se você deu ouvidos, mas existe, sim. Não é mito, pessoas que vivem presas a condições impostas pela sociedade. Essas pessoas são punidas como criminosos, mas são apenas vítimas tentando se integrar no mundo, mas isso não lhes é permitido. É como na corrupção, o verdadeiro criminoso não é culpado.

Se você ainda não entendeu, vamos explicar melhor: Estamos falando de desamor, de homofobia! Independente da escolha certa ou errada, deve-se respeitar a decisão, que vai além do prazer e profissionalismo, existe sentimento. Será que é pedir demais dar uma chance a uma pessoa, que é até então tratada com repulsa, de ser feliz e ter uma vida sem preconceitos!

Gostaríamos, diretoras, que este assunto fosse mais abordado no colégio, que os alunos possam entender que não se brinca com coisa séria como este tema. Que possamos ter mais informações, palestras e conversas, para que acabe com essa discriminação. Pedimos também que não só os alunos, mas professores também participem dessa mobilização.

### 3.3 NARRANDO ALGUNS MOMENTOS DOS GRUPOS FOCALIS

Segundo Larrosa (1996), “o tempo de nossas vidas é, então, tempo narrado; é o tempo articulado em uma história; é a história de nós mesmos tal como somos capazes de imaginá-la, de interpretá-la e de contar(nos)a” (p. 467). Neste sentido, os grupos focais constituíram-se como um espaço narrativo em que os/as participantes interpelados pelas atividades realizadas narraram e ouviram histórias a respeito de suas próprias vidas e suas identidades, bem como em determinadas situações, expressaram suas opiniões, idéias, sentimentos, emoções. Assim, relatos e comentários interessantes surgiram sobre as questões acerca da diversidade sexual, das identidades de gênero e da homofobia, porém alguns momentos tornaram-se marcantes e, portanto, serão narrados aqui.

Meu objetivo, nos grupos, não era fazer com que os/as participantes chegassem a um consenso acerca das questões problematizadas, mas sim de, através da utilização de estratégias pedagógicas, fazer com que os/as adolescentes contassem e também ouvissem histórias, constituindo assim um espaço onde pudéssemos compartilhar significados e saberes construídos.

No primeiro grupo focal realizado, ao encerrar o primeiro encontro, uma das participantes pergunta se pode fazer um questionamento. A adolescente pergunta aos/às demais participantes do grupo, principalmente para as meninas, uma vez que neste grupo contamos com a presença de somente um menino: *Pras gurias, assim, se elas namorassem*

*com um menino, e gostassem muito e tal, né, e se chegasse um certo dia e dissesse pra elas que não tá mais, que queria terminar o namoro porque tava sentindo uma forte atração por um menino, queria saber qual seria a reação delas; e o Felipe, se fosse trocado pela namorada por causa de outra menina?(Marta).* Indaguei se teria um porquê de ela ter feito essa pergunta e ela respondeu que: *Não é só uma curiosidade, porque todo mundo fala, ser trocada por outra menina. Nunca fizeram essa pergunta assim e, esses dias, a gente até tava comentando dentro de sala de aula, que o ser humano é um ser mutável, tipo o que tu pensavas há dez anos, com dez anos de idade e o que tu pensa agora, que música tu escutava com dez anos e que música tu escutas agora. Tu gostavas de uma menina, com dez anos e de quem tu gosta agora, será que tu gosta de menina ainda? O ser humano é um ser mutável, acredito que, aí eu queria fazer essa pergunta.* O argumento da adolescente, ao dizer que o ser humano é um ser mutável, possibilitou-me a discussão de que nós somos seres de identidades transitórias. Somos constituídos de múltiplas identidades, que não são estáveis, imutáveis, mas que, durante nossas relações, nossas práticas se fragmentam e também se constroem.

Em outro grupo, um dos participantes assumiu-se homofóbico, como também uma das participantes assumiu-se homossexual. Ela contou-nos um pouco daquilo que ela vivencia na sociedade, por ser homossexual. Ela comentou que sua família sabe de sua identidade; não que ela tenha se assumido, mas que seus pais tenham percebido, desde pequena, que ela não gostava de coisas ditas “femininas”. Ela disse que sua mãe aceita sua identidade sexual, mas que não apoia. Suas dúvidas, ao longo das discussões no grupo, faziam referência à questão da prevenção entre uma relação homossexual feminina. Neste sentido, pediu que eu discutisse sobre isso em um dos encontros. Desta forma, no segundo encontro do grupo, no qual ela estava participando, abordei esta discussão como forma de tentar verificar suas dúvidas. Além disso, ela também narrou um fato ocorrido com ela e mais umas colegas homossexuais. Ela menciona que, em um dia, quando havia saído com suas amigas, passaram alguns garotos por elas e disseram: *Vocês são assim, porque nunca passaram uma coisa no meio das pernas de vocês!* Revoltada, contando tal acontecimento, relata que não entende por que fazem isso, uma vez que elas não fazem e nem haviam feito nada de errado. A adolescente, aqui no trabalho chamei-a por Rita, diz que já passou por várias situações como essa, porém salienta que elas já não a constroem mais. Um exemplo foi o fato ocorrido no local de nossos encontros dos grupos focais, onde ela foi entrar no banheiro feminino, vestida de maneira que a sociedade chama de “masculinizada”, e um garoto a chama e aponta o banheiro masculino.

Rita comenta que já está acostumada com esse tipo de coisa, que ela não se importa mais, que simplesmente pensa: “Eu sou normal e pronto!”.

No final do último encontro, a adolescente aproximou-se, pois tinha dúvidas acerca de algumas questões como, por exemplo, a cirurgia de mudança de sexo, bem como questões sobre a prevenção numa relação homossexual feminina. Conversei um bom tempo com ela e sua colega, que a todo o momento dizia que não podia fazer inúmeras coisas (participar de uma parada *gay*, por exemplo), porque sua religião, evangélica, não permitia. Neste sentido, pude perceber que, em determinadas situações, somos controlados em relação às nossas condutas, reforçando aquilo que podemos ou não fazer, como é o caso de alguns discursos (re)produzidos nas instituições religiosas e que foram mencionados pelas adolescentes as quais, muitas vezes, buscam vigiar nossos desejos, nossas ações, nossos comportamentos.

Diversas vezes, ao longo do trabalho no grupo focal o adolescente, aqui conhecido por Alex, assumia sua postura homofóbica. Ele comentou que violentaria um *gay*, caso esse se aproximasse dele. Montaria uma *gang* pra fazer o homossexual “criar” respeito. Após todas as manifestações e de discutirmos o que é a homofobia, indaguei se ele se achava uma pessoa homofóbica. Ele responde: *Ahhhh! Eu acho*. Um aspecto bastante interessante nesta ocasião é que, embora Alex tenha assumido ser homofóbico, em nenhum momento preocupou-se com a presença da colega lésbica, nem tampouco demonstrou alguma aversão em relação a ela, bem pelo contrário, ele respeita muito sua colega Rita, isto é, pelo menos durante os grupos focais não buscou “atingir” sua colega, mas sim manifestar seus sentimentos de repulsa em relação à diversidade sexual. Rita contou que já conviveu em alguns momentos com o preconceito, porém na escola, ela disse que seus/as professores e os/as colegas de classe a respeitam, embora em alguns momentos perceba olhares “diferentes” em sua direção.

Quanto às atividades realizadas como estratégias para a produção dos dados narrativos, percebi que algumas causaram maior “impacto” entre os/as adolescentes, como foi o caso das cartas confeccionadas por eles/as, em que fiquei como responsável por entregá-las aos seus destinatários. Neste sentido, a iniciativa de entregar as tais cartas, principalmente nas escolas, deixou-os/as bastante contentes, uma vez que era a produção deles/as que estava sendo entregue. Além disto, o vídeo sobre a homofobia, foi outro aspecto que percebi ter causado certa “comoção” em alguns/as adolescentes, tanto que, ao final do vídeo, pedi que eles, em uma palavra expressassem seus sentimentos a partir do vídeo, de onde emergiram os seguintes comentários:

**Bia:** *É tanta coisa. Dá raiva da gente ver que acontece tudo isso. Dá pena, sabe, de ver que as pessoas passam por tanta dificuldade por amar, sabe. É muito, muito diferente. É tanta coisa que acontece, que a gente não pode fazer, que tu se sente tão assim, como é que se chama? Com as mãos e os pés assim amarrados. Tu não pode pegar (movimenta os braços como se tivesse pegando alguém pelo “pescoço”) e dizer: Te liga, sabe, pra quê fazer isso? Dá vontade mesmo, sabe, de sacudir e dizer pra cada um: É tanta coisa, é guerra, é tudo. Mas isso é uma coisa tão próxima, sabe. Tanta gente que morre mais que guerra, sabe, é tanta gente que morre e nada acontece. Sei lá, é feio isso, é horrível, não sei nem que palavra usar pra definir tudo que se sente quando a gente quer e não tem o que fazer. Só assim, né, agir. Cada um de nós ter consciência, já ajuda mas, mesmo assim...*

**Rita:** *Bom, pra mim é uma emoção ver isso, né. Acho que isso é legal, mas acho que em relação a tudo que eu tava vendo ali, brigas, eu acho que isso tem que levar pra justiça mesmo.*

**Duda:** *Raiva das pessoas homofóbicas.*

**Laura:** *Nossa! Sei lá... Que forte! Eu nunca tinha olhado por esse ponto de vista.*

Percebi que os/as adolescentes tinham muitas dúvidas em relação às identidades sexuais e de gênero, principalmente em relação aos/as transgêneros. Isso causou um pouco de confusão no entendimento desses conceitos. No entanto, tive a oportunidade de problematizar tais conceitos, mostrando, através das atividades, que somos sujeitos de múltiplas identidades e que essas se engendram, como é o caso das identidades de gênero e sexuais.

Ao longo da pesquisa, também percebi que muitos dos direitos LGBT (lésbicas, bissexuais, transgêneros – travestis e transexuais) são desconhecidos pelos/as adolescentes participantes da pesquisa. Comentei sobre o projeto de lei que visa criminalizar a homofobia, do/ qual os/as adolescentes não tinham conhecimento. Discuti sobre a aceitação do nome social em registros escolares, entre outras. Neste sentido, destaco a importância de problematizar a homofobia e suas conseqüências, principalmente no contexto escolar, salientando a relevância de promovermos, nas escolas, práticas pedagógicas que abordem estas questões, contribuindo para o reconhecimento da pluralidade sexual e dos direitos como cidadãos.

## 4 APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

### 4.1 *EU NÃO SUPORTO ISSO: MULHER COM MULHER E HOMEM COM HOMEM: ANALISANDO AS NARRATIVAS DE ADOLESCENTES SOBRE HOMOFOBIA*<sup>1</sup>

*Submetido à revista Currículo Sem Fronteiras*

Resumo: No presente artigo problematizamos a homossexualidade e a homofobia como construções sociais, culturais e históricas implicadas em sistemas de significação e relações de poder/saber. A escola é uma das instituições que (re)produz tais discursos, por exemplo, através do silenciamento no currículo sobre as questões de homofobia, de diversidade sexual e de gênero, contribuindo para a afirmação da heterossexualidade como a única forma de viver os prazeres e desejos. Neste sentido, analisamos as narrativas produzidas por adolescentes sobre homofobia, buscando compreender em que medida esses/as adolescentes vão sendo interpelados/as pelos discursos acerca da diversidade sexual e de gênero. Enfatizamos a importância de discutir tais questões no âmbito escolar, uma vez que essa instância contribui na formação dos sujeitos e de suas identidades. Utilizamos, como estratégias metodológicas para a produção das narrativas, o preenchimento de um questionário e a constituição de grupos focais. Ao analisar as narrativas, evidenciamos que os/as adolescentes participantes da pesquisa entendem a homofobia como uma maneira excludente de agir, na sociedade, na família e também na escola, local que, segundo eles/as, é propício para discutir essas questões.

Palavras-chave: Diversidade sexual. Homofobia. Escola.

### ***I CAN'T STAND IT, WOMEN WITH WOMEN AND MEN WITH MEN: ANALYZING THE NARRATIVES OF ADOLESCENTS ON HOMOPHOBIA***

Abstract: In this paper, homosexuality and homophobia are problematized as social, cultural and historical constructions, which are implicated in systems of meaning and relations of power/knowledge. The school is an institution (re)producing such discourses, for example, by silencing the curriculum on issues of homophobia, sexual diversity and gender, thus contributing to the affirmation of heterosexuality as the only way to experience pleasures and desires. Therefore, narratives produced by teenagers about homophobia are analyzed in order to understand the extent to which adolescents are being challenged by the discourse on sexual diversity and gender. The importance of discussing such issues within the school is focused by taking into account that such body contributes to the formation of the subjects and their identities. For the production of narratives, the methodological strategies of filling out a questionnaire and establishing focus groups were used. By analyzing the narratives, the adolescents participating in the research were shown to have an understanding of homophobia as an exclusive way to act in society, the family and also the school as sites they said to be ripe to discuss these issues.

Keywords: Sexual diversity. Homophobia. School.

---

<sup>1</sup> Este artigo está formatado conforme as normas da revista Currículo Sem Fronteiras, para a qual o mesmo foi submetido.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo<sup>2</sup>, buscamos problematizar a homofobia como uma construção social, cultural e histórica, implicada em sistemas de significação e relações de poder/saber<sup>3</sup>. Para tanto, analisamos as narrativas sobre homofobia, produzidas por adolescentes, buscando compreender em que medida esses/as adolescentes vão sendo interpelados/as pelos discursos acerca da diversidade sexual e de gênero, enfatizando a importância dessa discussão no espaço escolar. Na perspectiva de discutir e problematizar como esses discursos constituem tais sujeitos, ensinando valores, crenças, hábitos, maneiras de ser e agir como homens ou mulheres, e de pensar e atuar com relação à sexualidade, estabelecemos conexões com os Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas<sup>4</sup>, bem como com algumas proposições de Michel Foucault.

Os Estudos Culturais constituem-se em um campo de teorização, investigação e intervenção, que estuda os aspectos culturais da sociedade (COSTA, 2004; VEIGA-NETO, 2004). Neste sentido, a cultura pode ser entendida como “a produção e o intercâmbio de significados – o ‘dar e o receber de significados’ – entre os membros de uma sociedade (HALL, 1997, p. 2). Para Silva, a cultura é “um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla” (2004, p. 133- 134). Cabe salientar que a cultura está imbricada com relações de poder, e é através dessas relações de poder que os significados do que culturalmente é relevante para cada grupo social são construídos (COSTA, 2004). Neste sentido, “a cultura e o próprio processo de significá-la é um artefato social submetido a permanentes tensões e conflitos de poder” (Ibid., p. 40).

A partir desses pressupostos, entendemos que é na cultura e pela cultura que a sexualidade é significada, ou seja, entendemos a sexualidade como uma construção histórica e cultural, que se constitui na correlação de elementos sociais presentes na família, na medicina, na educação, na religião, entre outros, através de estratégias de poder/saber sobre os sexos.

Segundo Foucault (2007), a sexualidade é um dispositivo histórico em forma de rede, “em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos

---

<sup>2</sup> Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado de Deise Azevedo Longaray, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (Associação ampla FURG/UFSC/UFGRS).

<sup>3</sup> A expressão poder/saber é usada num sentido foucaultiano, em que poder e saber estão diretamente implicados, ou seja, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 27).

<sup>4</sup> Para discussões sobre o pós-estruturalismo, ver PETERS (2000).



outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder” (p. 116-117). Por este viés, a sexualidade é, portanto, uma invenção produzida por meio de múltiplos discursos e práticas sociais que regulam, instauram e normatizam os sujeitos e, muitas vezes, afirmam uma única e legítima forma de viver a sexualidade, ou seja, a heterossexualidade (LOURO, 2000). Deste modo, ao longo deste texto, discutiremos a heterossexualidade, a homossexualidade, bem como a homofobia como uma construção que se estabelece através da cultura, da sociedade e da história.

Para tanto, organizamos a escrita deste artigo em quatro momentos. Inicialmente, apresentaremos um breve histórico da homossexualidade, buscando enfatizar discursos e práticas sociais e culturais implicados na invenção do sujeito homossexual. Cabe destacar que, ao proceder de tal forma, não pretendemos apresentar a história de forma linear, mas buscamos tecer um breve histórico, que mostra o movimento de transição da prática da sodomia para a homossexualidade, evidenciando as condições de possibilidades na história, que apresentam a homossexualidade como uma invenção. No segundo momento, discutiremos como os sujeitos vão se constituindo a partir de determinados discursos, que posicionam a homossexualidade como identidade anormal, articulando tal discussão com a construção da homofobia. Logo após, apresentaremos as estratégias metodológicas utilizadas na produção dos dados narrativos. E, por fim, apresentaremos e analisaremos as narrativas produzidas pelos adolescentes participantes da pesquisa sobre a homofobia, problematizando a importância de discutir a diversidade sexual e de gênero nas práticas escolares.

## **DA PRÁTICA DA SODOMIA À HOMOSSEXUALIDADE: UM BREVE HISTÓRICO**

Durante a Idade Média, a relação entre pessoas do mesmo sexo era caracterizada como *sodomia*. Ela ocorria entre um homem adulto ativo e um rapaz, então, passivo<sup>5</sup>. Porém, se o garoto futuramente ocupasse a posição de ativo em uma relação com outro homem, não sofreria perda de *status* ou virilidade, pois era justamente a posição ativa na relação que demonstrava virilidade (WEEKS, 2007). Porém, se na vida adulta, durante uma relação com outro homem, ocupasse a posição de passividade, ele era estigmatizado e, conseqüentemente, maltratado (Ibid., 2007)

---

<sup>5</sup> Nessa época, o parceiro sexual ativo era aquele que penetrava. Já a posição sexual passiva faz referência àquele que era penetrado. Nesse sentido, aquele que assume a posição ativa na relação é tido como aquele que domina, que é macho e quem assume a posição passiva passa a ser visto como o dominado, aquele que “fica por baixo”. Ver Fry; MacRae, 2009.

Além disso, todas as práticas sexuais que não objetivassem a procriação eram consideradas pecaminosas. Nesse sentido, tais práticas carregavam consigo a característica perversa, de ato interdito, ou seja, eram consideradas como uma forma “estranha” de viver os prazeres sexuais. Foucault, em *História da Sexualidade: a vontade de saber*, relata que:

Até o final do séc. XVIII, três grandes códigos explícitos - além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião - regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito [...], esses diferentes códigos não faziam distinção entre as infrações e os desvios em relação à genitidade. Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de qualquer modo, condenação. Na lista dos pecados graves, separados por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a “carícia” recíproca [...] as proibições relativas ao sexo era, fundamentalmente, de natureza jurídica (2007, p. 44).

A partir disto, ocorre a transição da prática da sodomia para a homossexualidade, a qual deixa de ser vista como pecado, tornando-se objetivada por diversos campos de saberes. Foucault também afirma que:

A sodomia - a dos antigos direitos civil ou canônico - era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida, também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade (2007, p. 50).

O termo que designa tal personagem - *homossexual*, foi usado publicamente pela primeira vez no ano de 1869, pelo escritor e jornalista austro-húngaro Karl Maria Kertbeny (KATZ, 1996), com o intuito de substituir o termo *sodomita* que, até então, era usado (SILVA, 2009). Em 1870, com o artigo de Westphal, intitulado “As sanções Sexuais Contrárias”, constitui-se, então, a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade, quando essa foi caracterizada como uma maneira de inversão entre o masculino e o feminino (FOUCAULT, 2007). A homossexualidade aparece quando ocorre uma transferência de sua categorização como “prática da sodomia, para uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (Ibid., 2007, p. 51). Nesse sentido, “o homossexual passou a ser visto como uma verdadeira ‘espécie’ desviada e passível, portanto, de controle médico-legal” (MISKOLCI, 2009). Em 1871, o código penal alemão em seu parágrafo 175, alegava que as relações entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como delito (Ibid., 2007). Para

exemplificar, destacamos o caso do escritor Oscar Wilde que, na Inglaterra, em 1895, foi condenado a dois anos de trabalho forçado devido ao envolvimento sexual com o filho de um aristocrata (FRY; MACRAE, 2009). Na época, o juiz considerou tal relação um crime pior que o estupro e o assassinato. Atualmente, certos países islâmicos (Nigéria, Afeganistão, Irã, entre outros) ainda punem a homossexualidade com a pena de morte, através de apedrejamento, enforcamento, decapitação etc.

Com o desenvolvimento da psiquiatria, as relações homossexuais começam a ser “classificadas” não mais como crime e sim como doença, “o que está na base da homossexualidade considerada doença é o patamar de normalidade conferido às relações sexuais e afetivas entre pessoas de sexos opostos” (SILVA, 2009). Nesse sentido, a partir do momento em que as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo tornam-se objeto do saber médico, institui-se ao homossexual a categoria de anormal (SILVA, 2008), ou seja, a heterossexualidade é tida como a norma<sup>6</sup>, a referência. Desse modo, surge uma “figura”, um “personagem” da sexualidade anormal (FOUCAULT, 2007). A partir desse processo de construção do sujeito anormal e de afirmação da norma heterossexual, o homossexual, como desviante da norma, precisaria receber tratamentos para curar-se de tal patologia. Vale destacar que tais tratamentos, nessa época, “eram geralmente pensados em termos de incentivo ao padrão ‘normal’ e de desprestígio do que era ‘anormal’”. (SILVA, 2009). De acordo com Spargo (2004), “o homossexual ingressou na patologia como uma classe perversa ou anômala [...], uma aberração da norma heterossexual. Em sua condição de tal, estava submetido aos efeitos do controle social que o disciplinavam, marginalizavam e subordinavam” (p. 31).

Segundo Foucault (2007),

[...] o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade [...] permitiu certamente, uma avanço de “perversidade”; mas também, possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade” e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico (p. 112).

Nessa direção, é válido destacar que a relação entre pessoas do mesmo sexo era nomeada como “homossexualismo para caracterizar um comportamento ‘desviante’ entre

---

<sup>6</sup> Para Foucault, “a norma não se define absolutamente como uma lei natural, mas pelo papel de exigência e de coerção que ela é capaz de exercer em relação aos domínios a que se aplica. Por conseguinte, a norma é portadora de uma pretensão ao poder [...] a norma traz consigo ao mesmo tempo um princípio de qualificação e um princípio de correção (2001, p. 62).

pessoas do mesmo sexo” (FURLANI, 2003, p. 153). O sufixo “ismo” refere-se à anormalidade, algo patológico, porém com a (re)significação que passou no século XX, ou seja, a partir da década de 80, o termo homossexualidade passou a ser usado, levando em consideração o sufixo “dade” do latim, que significa “qualidade de”, referindo-se a uma entre as múltiplas possibilidades das pessoas viverem a sexualidade e seus prazeres (FURLANI, 2003). Em 1973, a Sociedade Americana de Psiquiatria resolveu riscar a homossexualidade da lista oficial das doenças psiquiátricas, embora ainda há aqueles que caracterizam a homossexualidade como uma doença. Na mesma época, foi retirada do Código Internacional de Doenças (CID), pois até então a homossexualidade era considerada como uma doença psíquica. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS), retirou a homossexualidade da sua lista de doenças mentais, no dia 17 de Maio de 1990<sup>7</sup>.

Após o surgimento público do termo homossexual, em 1969 ocorre o incidente de Stonewall, que faz referência a quatro dias de motins homossexuais, que ocorreram em Greenwich Village (Nova York) em um bar, o Stonewall. Fernandes (2007), ao se referir a esse acontecimento, destaca os efeitos desse movimento, uma vez que “vem funcionando como um marcador histórico para as identidades ativistas no movimento homossexual, uma vez que é constantemente evocada como marco inicial de uma nova identidade homossexual: a identidade ativista homossexual” (p. 46).

Contudo, foi a partir da década de 1970 que ocorreu a substituição da terminologia homossexual pelo termo *gay*, “que sugere colorido, abertura e legitimidade” (DIAS, 2000, p. 28). De acordo com Miskolci (2009),

[...] a denominação "homossexual" foi colocada em xeque e, desde então, compete com outras, menos estigmatizadas e politicamente mais engajadas. A despatologização e descriminalização se deram associadas a um processo de politização da identidade, a qual passou a ser denominada predominantemente de *gay*.

Nessa direção, os/as homossexuais adquirem uma imagem diferente da apresentada até então, estabelecendo uma nova forma de viver os desejos e prazeres, passando de uma história da homossexualidade para outra, ou seja, passa-se de vidas amorosas secretas do passado para uma homossexualidade “desvelada” do presente (KATZ, 1996; SPARGO, 2004). Desse modo, os indivíduos reconhecem-se cada vez mais como *gays* e lésbicas, assumindo a sua identidade homossexual. Nesse sentido, a “visibilidade” homossexual, o fato do sujeito

---

<sup>7</sup> Devido ao fato de no dia 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde ter retirado a homossexualidade da lista das doenças, essa data foi eleita para marcar o Dia Nacional contra a Homofobia. Nesse sentido, em muitos locais do país, nesse dia, são promovidas diversas atividades em comemoração e finalidade de demarcar ainda mais esse marco histórico.

homossexual reconhecer-se, de compreender-se como tal, de posicionar-se, leva tais sujeitos a constituir sua própria identidade, posicionando-se como sujeitos homossexuais.

## **IDENTIDADE E DIFERENÇA: A HOMOFOBIA NO CONTEXTO SOCIAL**

A partir das contribuições teóricas dos Estudos Culturais, na vertente pós-estruturalista, a identidade é entendida como um conceito complexo, compreendida como uma construção histórica, social e cultural. Nessa perspectiva, a identidade não é fixa, pronta e acabada, os sujeitos não possuem uma única identidade, somos sujeitos de diversas identidades (WOODWARD, 2000). Os sujeitos são, portanto, interpelados por múltiplas identidades, de gênero, de classe, de raça, sexual, geracional, entre outras e essas se inter-relacionam posicionando-os nos diversos contextos sócio-culturais. Assim, “a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder” (SILVA, 2000, p. 96-97).

Nossa identidade é construída e imposta dentro do contexto social no qual estamos inseridos, somos constituídos por uma série de discursos que ao, serem significados e representados<sup>8</sup>, cercam e determinam nossa identidade. Desse modo, estabelece-se um processo de reconhecimento de identidade, através das múltiplas posições de sujeito que podemos ocupar (WOODWARD, 2000).

É pertinente diferenciarmos aqui as identidades de gênero das identidades sexuais, devido à centralidade que tais concepções assumem neste estudo. De acordo com Louro (2007), as identidades de gênero são construções sociais e históricas, feitas em relação às características biológicas, ou seja, os significados sociais atribuídos às masculinidades e às feminilidades. Já as identidades sexuais também são construções sociais, porém referem-se às diferentes formas de experimentar os prazeres e os desejos corporais, que podem ser tanto com parceiros do sexo oposto (heterossexuais), quanto com parceiros do mesmo sexo (homossexuais), ou até mesmo de ambos os sexos (bissexuais).

As identidades sexuais e de gênero são “compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO, 2007, p. 11). Por esse

---

<sup>8</sup> Segundo Silva (2000), “no contexto dos estudos culturais, a análise da representação concentra-se em sua expressão material como "significante", um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. Pesquisam-se aqui, sobretudo, as conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação” (p. 97). Para Hall, representação é “parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura” (1997, p. 11)

viés, ao assumir sua identidade sexual perante a sociedade, os sujeitos ficam expostos às diversas atribuições feitas, quando não “enquadrados”, no modelo heteronormativo imposto socialmente. Nesse sentido, “diferente” é uma das definições que os sujeitos que se assumem não heterossexuais recebem; portanto “a marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições de identidade” (WOODWARD, 2000, p. 39).

Destacamos que há uma estreita relação entre identidade e diferença. Ambas são produções sociais e culturais, ou seja, tanto a identidade quanto a diferença são fabricadas por nós, mas “elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2000, p. 81). No entanto, uma depende da outra, no sentido de que, para afirmar o outro como diferente, precisa-se de uma referência.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir [...]. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmer a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder (Ibid., p. 82)

Nesse viés, a heterossexualidade é, em muitos espaços, concebida como a norma, ou seja, aquele que não é heterossexual é o diferente, é tido como o outro. A diferença, então, é marcada em relação à identidade (WOODWARD, 2000). Louro destaca que

[...] a diferença se constitui, sempre, numa relação. Ela deixa de ser compreendida como um dado e passa a ser vista como uma atribuição que é feita a partir de um determinado lugar. Quem é representado como diferente, por outro lado, torna-se indispensável para a definição e para a contínua afirmação da identidade central, já que serve para indicar o que esta identidade não é ou não pode ser (2003, p. 47-48).

É preciso que haja uma referência para se identificar o outro, ou seja, a heterossexualidade, para se reafirmar, depende da homossexualidade. Ela só é tida como referência, porque existe a homossexualidade, a bissexualidade, a transgeneridade. Dessa forma, o sujeito heterossexual só pode dizer-se heterossexual no momento em que se afirma como não homossexual (LOURO, 2009). É nesse sentido que se faz necessária a problematização do outro, da diferença dentro da escola, uma vez que essa instituição trabalha na produção dos corpos e das identidades. Para Silva (2000, p. 97)

É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a

questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a volta do outro, do diferente é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência [...] o outro é o outro gênero, o outro é a outra cor, o outro é a raça, o outro é outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente.

Partindo dessas considerações, discutir as identidades sexuais e de gênero no âmbito escolar é uma forma de desestabilizar as “verdades” construídas sobre a sexualidade, possibilitando problematizarmos as múltiplas formas de viver os prazeres e desejos corporais. Vale ressaltar que o encontro com o outro, o/a homossexual, o/a bissexual, o/a transgênero é inevitável, uma vez que nossas escolas são plurais. Nelas nos deparamos com sujeitos diferentes, que muitas vezes não se enquadram na identidade sexual tida como normal, sendo discriminados, (re)produzindo a homofobia no contexto escolar.

A produção da identidade e a marcação da diferença produzem a homofobia no contexto social, quando institui ao/a homossexual, ao/a bissexual e ao/a transgênero a característica de desviante, de diferente, de anormal. E é nesse sentido que a homofobia exclui, demarcando “quem pertence” e “quem não pertence” à norma social.

Ao entendermos que a homofobia é uma invenção social, apresentaremos como esse termo vem sendo construído e (re)significado por alguns autores. Para Junqueira (2007), o termo homofobia foi cunhado em 1972, por um psicólogo clínico chamado George Weinberg, para definir sentimentos negativos em relação à homossexualidade e, “embora venha sendo paulatinamente ressignificado, o termo possui ainda fortes traços do discurso clínico e medicalizante que lhe deu origem” (Ibid., p. 3-4). A homofobia, portanto, é uma construção, que se faz a partir dos múltiplos discursos produzidos pela sociedade em geral, ela

[...] diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos eles voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única seqüência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero (JUNQUEIRA, 2007, p. 9).

A construção social dos discursos que defendem e afirmam a heterossexualidade como a identidade sexual normal sustenta e reforça a homofobia, que tem como propósito a exclusão daqueles que não correspondem ao padrão sexual imposto pela sociedade em geral. De acordo com Lanaspá e Galán (2005), homofobia é “aversão, rejeição ou temor, que pode chegar ao patológico, a gays e lésbicas, à homossexualidade ou a suas manifestações. A homofobia está relacionada com a rejeição geral que se tem aos grupos minoritários” (p. 13).

Segundo Rios (2007), homofobia “é a modalidade de preconceito e de discriminação direcionada contra homossexuais” (p. 45). De acordo com Borrillo, “a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em assinalar o outro como contrário, inferior ou anormal” (2001, p. 13, tradução nossa). Sendo assim, homofobia refere-se a toda e qualquer atitude “agressiva”, que demonstre ódio, repulsa, aversão, que ocasiona exclusão aos sujeitos que não condizem com o modelo heteronormativo de sexualidade.

A partir de tais entendimentos, utilizaremos o termo homofobia para designar todo tipo de aversão e ódio atribuído aos homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais. Além disso, muitas são as práticas homofóbicas, não envolvendo somente a violência física, pois a violência verbal também é uma forma de discriminar aqueles que não correspondem à aceitação social.

A fim de conhecer e problematizar a rede de discursos<sup>9</sup> de alguns/as adolescentes acerca da homofobia, da diversidade sexual e de gênero, utilizamos duas estratégias metodológicas: a utilização de questionários e a constituição de grupos focais, as quais serão apresentadas a seguir.

## **APRESENTANDO AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS**

A presente pesquisa foi desenvolvida com alunos/as do primeiro ano do Ensino Médio, de oito (8) escolas do município de Rio Grande/RS. Inicialmente, entramos em contato com a direção de algumas escolas, com o intuito de apresentar a proposta da pesquisa. Além disto, a fim de obedecer às questões éticas, foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a direção de cada escola, informando os objetivos e procedimentos adotados ao longo da pesquisa, esclarecendo os compromissos a serem assumidos pela escola e pela pesquisadora. Neste encontro inicial, a direção de cada escola determinou qual a turma participaria da primeira etapa da pesquisa<sup>10</sup>. Participaram desta etapa duzentos e vinte um (221) alunos/as, sendo cento e dezenove (119) participantes do sexo feminino e cento e dois

---

<sup>9</sup> Para Foucault, “deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável [...] os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras” (2007, p. 111-112).

<sup>10</sup> Com objetivo de abranger escolas de diferentes contextos sociais, optamos por realizar a aplicação de questionários apenas em uma turma, das oito escolas participantes, sendo esta uma turma de primeiro ano do ensino médio.



(102) do sexo masculino. A idade dos participantes compreendeu entre treze (13) e dezoito (18) anos<sup>11</sup>.

As questões apresentadas no questionário referem-se às atitudes dos/as alunos/as frente à homofobia, à diversidade sexual e de gênero, por exemplo: Como seria a reação de cada um/a deles/as, se tivesse um/a colega homossexual, bissexual, travesti e transexual? O que fariam se um/a professor/a se assumisse diante da turma como homossexual? Como eles/as consideram que são tratados/as na sociedade, na escola, e na família os sujeitos LGBT<sup>12</sup>? E outras.

Durante a aplicação dos questionários, os/as adolescentes foram convidados/as a participar de um grupo focal, a fim de problematizar as questões presentes nos questionários e conhecer os entendimentos dos participantes sobre a diversidade sexual e de gênero. Segundo Gatti (2005), é uma estratégia que possibilita “o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum” (p. 11). Para tanto, os/as interessados/as preencheram uma ficha contendo seus dados, para que pudéssemos entrar em contato com eles/as, a fim de informá-los quanto aos encontros realizados. Além disto, os/as responsáveis pelos/as adolescentes interessados/as receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informando os objetivos do trabalho, horário, local e data dos encontros. Neste sentido, os/as adolescentes participaram do grupo focal com o consentimento dos/as responsáveis.

Devido ao grande número de adolescentes interessados/as, constituímos três grupos focais, cada um com dois encontros. Os encontros foram realizados na Universidade Federal do Rio Grande, com duração de duas horas cada. Tais encontros foram filmados para posterior transcrição e análise.

Na utilização do grupo focal como estratégia metodológica, o/a moderador/a das discussões, no caso o/a pesquisador/a, exerce um papel fundamental. É ele/a que direciona as discussões, estabelece um “limite”, permitindo que a produção dos dados durante o encontro esteja de acordo com a proposta da pesquisa, fazendo emergir, com frequência, as questões que mais lhe interessam.

---

<sup>11</sup> Embora considerando o Estatuto da Criança e do Adolescente uma construção social, utilizamos, como base, tal produção que, segundo a Lei nº 8.069, art.2º, define adolescente como aquela pessoa que possui entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 2005).

<sup>12</sup> LGBT: lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros - travestis e transexuais, expressão geralmente usada para caracterizar os sujeitos que não se “enquadram” na categoria heterossexual imposta pela sociedade.

Segundo Gondim (2003), é relevante que o/a moderador/a tenha em mãos um roteiro a ser seguido. O mesmo deve ser flexível para, desta forma, facilitar a interação do/a moderador/a com o grupo. Nesta pesquisa, o questionário respondido pelo/as adolescentes, durante a primeira etapa foi o roteiro utilizado para desencadear as discussões, uma vez que, ao longo do grupo focal, resgatávamos algumas questões presentes no questionário.

A seguir, serão apresentadas e analisadas algumas narrativas produzidas durante o grupo focal, bem como alguns dados produzidos a partir dos questionários.

## **HOMOFOBIA NO CONTEXTO SOCIAL: ANALISANDO AS NARRATIVAS DOS ADOLESCENTES**

A homofobia manifesta-se de diversas maneiras e em todos os espaços, desde um “simples” deboche até uma manifestação mais agressiva, ou seja, ela não se expressa somente através da violência física por parte de pessoas que não aceitam dividir o mesmo espaço com sujeitos LGBT.

Entendendo que a homofobia tem suas diversas implicações e que ela age e se articula de múltiplas maneiras, foi possível perceber, nos dados produzidos pelos/as adolescentes, a emergência de alguns discursos sobre a homofobia.

### ***Quanto aos modos de articulação da homofobia: quais são eles?***

Gestos, atitudes e palavras, muitas vezes considerados banais; a omissão e o silenciamento das questões sobre as identidades sexuais e de gênero também são formas de violência que podem (re)produzir e reforçar a homofobia. De acordo com Borrillo (2001), a articulação da homofobia dá-se através de diversas maneiras, “ao redor de emoções (crenças, prejuízos, convicções, fantasmas...), de condutas (atos, práticas, procedimentos, leis...) e de um dispositivo ideológico (teorias, mitos, doutrinas, argumentos de autoridade...)” (p. 37).

A partir dessa discussão que Borrillo apresenta, analisamos os dados produzidos através dos questionários, destacando que, dos duzentos e vinte e um (221) adolescentes que participaram da pesquisa respondendo aos questionários, cento e setenta e três (173) adolescentes dizem que já presenciaram ou escutaram alguém insultando um/a homossexual, chamando-os/as de bichinha, machorra, sapatão, mariquinha, enfim todos os apelidos atribuídos aos homossexuais. Dessa forma, a homofobia aí articula-se através de condutas.

Nesta direção, cento e trinta e oito (138) adolescentes já ouviram alguém falar mal, fazer comentários negativos a respeito da identidade sexual homossexual e cento e vinte e três (123) já escutaram ou presenciaram alguma cena em que debochavam, imitavam, faziam gestos maldosos, com o intuito de ofender o/a homossexual. Além disso, noventa (90) adolescentes responderam que presenciaram alguma cena em que alguém já isolou, não deixou participar de algo, ignorou ou até mesmo deixou de falar com um/a homossexual, setenta e um (71) já presenciaram homossexuais sendo ameaçados, sessenta e três (63) presenciaram alguém atirando coisas, empurrando, agredindo fisicamente um/a homossexual e cinquenta e oito (58) já presenciaram homossexuais sendo espancados.

*Quanto à homofobia interiorizada<sup>13</sup>: permanecer ou “sair do armário”<sup>14</sup>?*

Segundo algumas adolescentes, uma das formas de se combater a homofobia é a pessoa homossexual, bissexual, transgênero, assumir sua identidade sexual e/ou de gênero. Ao longo de um dos grupos focais, quando problematizávamos a questão do combate à homofobia, uma das adolescentes mencionou que se assumir como homossexual na sociedade poderia ser uma forma de combater a homofobia. Como podemos verificar nas falas a seguir:

**Bia<sup>15</sup>:** *A melhor maneira de vencer essa homofobia é ele refletindo, ele pensando, ele entender que é essa a melhor maneira, que ele só vai sofrer, se ele continuar tendo esse medo de se assumir.*

**Pesquisadora:** *E tu acha que essa seria uma forma de “combater” a homofobia, se assumindo na sociedade?*

**Rafa:** *Talvez sim. Ah, não sei. Acho que tinha que se assumir o que é e não dá bola para o que os outros pensam, entendeu? Vê que ele pode vencer mesmo com os preconceitos, se assumir o que ele quer ser.*

Ao analisarmos tais falas, podemos perceber que o reconhecimento da identidade sexual é considerado por algumas adolescentes como uma maneira de acabar com o preconceito social atribuído ao sujeito homossexual. Cabe destacar que “este reconhecimento é inevitável para sua aceitação ou rejeição, restando a ele somente a opção de decidir como

<sup>13</sup> Segundo Borrillo (2001), a homofobia interiorizada é o sentimento que muitos adolescentes, e também adultos, passam, por não aceitarem sua identidade sexual; seria a interiorização do preconceito, do ódio que a sociedade atribui aos sujeitos que não correspondem com a norma imposta (pela sociedade), fazendo com que muitos homossexuais, bissexuais e transgêneros lutem contra seus próprios desejos, provocando-lhes muitas vezes conflitos psicológicos graves.

<sup>14</sup> A expressão sair do armário é usada em referência àquelas pessoas que assumem sua identidade homossexual, bissexual, transgênero. Segundo Borrillo (2001), sair do armário, ou seja, manifestar publicamente sua identidade sexual, constitui em um momento liberador. A decisão de sair do armário pode ser uma situação saudável, permitindo a recuperação da autoestima, por exemplo.

<sup>15</sup> Por questão ética, os nomes dos/as participantes do grupo focal foram trocados para manter seu anonimato.

apresentar-se publicamente nas situações com as quais invariavelmente virá a se deparar” (SAGGESE, 2009).

No entanto, não há garantia de que “assumir-se” perante a sociedade acabará com o preconceito e a exclusão, uma vez que a visibilidade homossexual também é uma forma de “provocação” àqueles que desprezam a homossexualidade, ou seja, para muitos, a visibilidade é uma afronta à heterossexualidade. Neste sentido, o armário é um indicativo de homofobia, constituindo-se em um modo de regular a vida de homossexuais, que estariam presos a essa decisão de revelar-se e reconhecer-se ou permanecer nele (SEDGWICK, 2009).

Dessa forma, segundo as adolescentes, permitir-se e, então, sair do armário, seria uma forma de recuperar a auto-estima, aceitando a própria identidade, independente do que a sociedade menciona quanto a isso (BORRILLO, 2001). No entanto, é difícil reconhecer-se de um modo que foi construído ao longo do tempo como algo anormal, que aprendemos a desprezar, humilhar, excluir.

Para Lanaspá, Galán e Garreta (2006, p. 18), “é um processo que se realiza por vontade e iniciativa do adolescente, ainda que podem existir situações que o facilitem ou o precipitem. Não é obrigatório, é um ato opcional, muitos gays, lésbicas e bissexuais viveram e vivem toda sua vida no armário”.

Esta questão ainda pode ser percebida na fala de uma adolescente, que diz que *“homofobia é o medo que os homossexuais têm de se assumir diante da sociedade”*. Instigada a falar um pouco mais sobre sua colocação, a adolescente comenta que é o *“medo que ele tem, assim que, se eu me assumir que eu sou gay, no caso, que eu sou homossexual, eu vou ser rejeitado por todos, ninguém mais vai falar comigo, as minhas amigas vão deixar de ser minhas amigas, eu acho que é isso”* (Júlia).

Ao analisar as narrativas, é possível perceber o entendimento de que pertencer ao espaço público, ou seja, sair do armário, seria uma questão de coragem e disputa de um lugar em uma sociedade heterossexista; no entanto, isso também depende muito das circunstâncias sociais e dos espaços em que vai assumir-se como homossexual, bissexual, transgênero. Dessa forma, ao assumir-se, o sujeito desvia a regra, sai do centro (heterossexualidade); deslocar-se desse meio significa tornar-se excêntrico, constituindo assim outro centro. Nesse viés, além de constituir um novo centro, o sujeito excêntrico extravasa, incita o surgimento de uma identidade problemática, ao passo que a identidade heterossexual é considerada a posição não problemática (LOURO, 2003).

***Quanto à homofobia praticada pelos homens: seriam eles os mais homofóbicos na sociedade em geral?***

As identidades sexuais e as identidades de gênero estão imbricadas. Elas se constroem na cultura, na sociedade, na história. São portanto, socialmente estabelecidas e codificadas. Elas constantemente recebem marcas, que se inscrevem nos corpos, demarcando aquilo que compete ao gênero masculino e aquilo que se refere ao gênero feminino (LOURO, 2000). Os marcadores sociais atribuídos ao gênero masculino contribuem para a construção de uma masculinidade dominante, caracterizando, dessa forma, a mulher, como o segundo sexo (LOURO, 2007).

Nesse sentido, a construção social da masculinidade pode ser um dos motivos de que a homofobia provenha mais de homens, ou seja, a construção de que o homem é o ser dominante, ter relações com pessoas do mesmo sexo, faria desse homem um ser pertencente à minoria sexual. Ser homem é ser agressivo, é ser dominante e não dominado pela mulher. Neste caso, cabe salientar que ser homem é também não ser dominado por outro homem; ser homem é detestar os homossexuais e mantê-los longe do convívio social. Diante disso, “os processos de constituição de sujeitos e de produção de identidades heterossexuais produzem e alimentam a homofobia e a misoginia, especialmente entre os meninos e os rapazes” (JUNQUEIRA, 2009, p. 19). Para ilustrar tais entendimentos, destacamos a narrativa de uma adolescente que considera os homens mais homofóbicos do que as mulheres, o que podemos perceber no diálogo abaixo:

**Duda:** *Homofobia é um sentimento de nojo contra os homossexuais. A homofobia está em todo lugar, mas acho que quem pratica mais são os homens.*

**Pesquisadora:** *Por que tu colocou ali que os homens é que praticam mais?*

**Duda:** *Porque eu acho que os homens têm mais, vamos dizer assim, nojo, acho que eles não aceitam muito, sabe. Hoje, até no século XXI, meu pai, tá, teve outra criação, meu avô; mas têm adolescentes aí que, se olhar, aí, um gay, já vão sentar-lhe uma pedrada, sabe. Já vão falar. Eu acho que a mulher, não. Acho que a mulher já é mais sensível. Acho que mulher já aceita mais, por isso.*

Essa narrativa possibilitou-nos pensar que tal fato dá-se porque para ser considerado um homem “de verdade”, ele tem que se distanciar de todo e qualquer aspecto que o associasse às mulheres (WELZER-LANG, 2009) como, por exemplo, assumir a passividade em uma relação com outro homem. Nesse sentido, a marca masculina é a virilidade. É válido destacar que “a dominação masculina produz homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre os esquemas ditos normais da virilidade” (Ibid., p. 465).

Segundo Borrillo (2001), a característica mais evidente de se mostrar homem é ser heterossexual. Desse modo, o homem deve mostrar que não é homossexual, que não deseja outros homens e que também não quer ser desejado. Nessa direção, desprezar a passividade, os gestos femininos é uma maneira de mostrar-se pertencente ao gênero masculino, afastando a possibilidade de suspeita de sua identidade sexual homossexual. Ainda sobre essa questão, Borrillo ressalta que

[...] a homofobia em particular a homofobia masculina, desempenha a função de “polícia da sexualidade”, reprimindo qualquer comportamento, qualquer gesto ou qualquer desejo que desborde as fronteiras <<impermeáveis>> dos sexos (2001, p. 95, tradução nossa e grifos do autor).

Nesse sentido, a construção da masculinidade requer a admissão da heterossexualidade como a identidade natural e também exige um estado de vigília para que em nenhum momento haja dúvida quanto à identidade heterossexual (SIERRA, 2009). Desse modo, poderíamos pensar a homofobia “como um requisito e ao mesmo tempo como uma consequência da conformação da masculinidade dominante” (Ibid., p. 14).

Ainda sobre esta questão, durante as discussões em um dos grupos focais emergiu a seguinte fala:

**Pesquisadora:** *O que é homofobia, onde ela está?*

**Marcos:** *Homofobia: pessoa que não aceita relacionamento amoroso de duas do mesmo sexo. A homofobia se encontra em todos os lugares e países. Li uma reportagem que um homem que, estava no quartel, era companheiro de outro homem do quartel e quando o comandante descobriu, ele tirou o homem e ainda desrespeitou o homem. Pra mim isso é um caso de homofobia<sup>16</sup>.*

Esta fala possibilita-nos identificar um outro espaço em que a masculinidade é reforçada por meio de estratégias, que fazem do homem um ser que deve mostrar-se “macho”, rude, grosseiro, viril, frente à sociedade. Assumir-se homossexual no exército é uma maneira de facilitar que lhe atribua alguma atitude homofóbica, tal como a que foi tomada pelo exército.

---

<sup>16</sup> A notícia foi capa da Revista Época, do dia 1º de Junho de 2008. O casal Laci Marinho de Araújo e Fernando Alcântara de Figueiredo, ambos do exército, assumiram publicamente sua relação homossexual. O fato foi considerado como o primeiro caso de militares da ativa, do Exército Brasileiro, que, além de se assumirem, admitem ter uma relação estável. Os militares denunciaram o hospital militar por corrupção e em maio desse mesmo ano, o sargento De Araújo (Laci) foi considerado desertor (por ter sido transferido para Osasco em São Paulo e não ter se apresentado) e a justiça militar decretou prisão ao mesmo, o que poderá ocasionar em expulsão do exército. Ver a notícia completa no site: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI5003-15228,00-ELES+SAO+DO+EXERCITO+ELES+SAO+PARCEIROS+ELES+SAO+GAYS.html>. Acesso em: 21 ago. 2009.

Outra questão que emergiu nas narrativas, que também pode ser considerada uma das formas de expressão da homofobia, ou seja, tolerar, mas não reconhecer a homossexualidade, a bissexualidade, a transgeneridade como identidades merecedoras dos mesmos direitos que a heterossexualidade, seria uma forma de excluir e, por que não dizer, uma atitude homofóbica. Portanto,

[...] a idéia de tolerância para com os chamados “diferentes” é perigosa e escorregadia, pois quando simplesmente toleramos o outro, exercemos o poder de suportá-los com suas práticas. É como se disséssemos: no fundo, não entendo, não aceito, apenas tolero, permito que o outro seja assim, dessa maneira. Em resumo, a tolerância não significa necessariamente aceitação. Pelo contrário, ela pode disfarçar a não-aceitação, especialmente em tempos de diversidade, quando as pessoas começam a se sentir impelidas a se dar conta do que é e do que não é “politicamente correto” dizer ou fazer (FELIPE; BELLO, 2009, p. 152).

Este entendimento pode ser evidenciado na fala da adolescente a seguir, quando menciona que *“tem muitas pessoas que diz assim: “Ah eu não sou preconceituosa”. Aí dobrou lá, um gay lá na esquina, ta, eu não sou preconceituoso, mas vou passar lá pro outro lado da rua. Eu não vou cumprimentar, porque ele é gay. Ele é diferente de mim. Ele nasceu, ele não é gente que nem eu? Ele é normal, e tem muitas pessoas que dizem ‘Ah eu não sou preconceituosa’[...]só da boca pra fora e no fundo são (Júlia)*. Tal entendimento vem ao encontro da questão da tolerância com o outro, uma vez que dizer que “não sou preconceituosa” seria o mesmo que tolerar a homossexualidade, mas ao reagir de forma diferente, como na fala apresentada que mostra que não há aceitação da homossexualidade, é uma forma também de excluir aquele/a, de mantê-lo/a longe de seu convívio social.

Segundo Louro (2003), a tolerância se “liga, contudo, à condescendência, à permissão, à indulgência - atitudes que são exercidas, quase sempre, por aquele ou aquela que se percebe superior” (p. 48).

Nesse sentido, o/a heterossexual, ao tolerar um/a homossexual, bissexual e/ou transgênero, assume uma posição de superioridade em relação a essas identidades sexuais e de gênero, reafirmando a heterossexualidade como norma social. Os sujeitos que desviam a tal norma social sofrem preconceitos e discriminações em diferentes instituições tais como na escola, onde ocorre um grande índice de casos homofóbicos, ou seja,

[...] a família, a escola e a igreja são três instituições onde a rejeição à homossexualidade opera como mecanismo com que se difunde a heterossexualidade e a separação dos gêneros, a socialização nestes âmbitos pretendem a uniformidade e a regularização da conduta sexual (COSME, SÁNCHEZ; TAPIA, 2006, p. 44).

***Quanto à homofobia na família: há famílias homofóbicas?***

Indagados/as a respeito de onde podemos encontrar a homofobia, uma adolescente expressa que a *homofobia está na educação dos familiares* e complementa: *no caso, na família né, sempre tem preconceito. Aí no caso começa a falar que não gosta, que não quer (Paty).*

No questionário preenchido pelos/as adolescentes havia uma questão referente ao que eles/as pensavam quanto à reação dos familiares caso soubessem que eram gays, lésbicas, bissexuais, travestis e/ou transexuais, sessenta e quatro (64) adolescentes responderam que a família tentaria mudar sua identidade sexual; trinta e três (33) responderam que seriam rejeitados totalmente e onze (11) acham que seriam espancados. Além desses dados, cento e quarenta e cinco (145) adolescentes consideram que gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais são tratados de forma injusta pela família.

Nessa direção, apresentamos o diálogo abaixo, que ilustra o entendimento de que a família, em muitos casos é homofóbica:

**Pesquisadora:** *E vocês acham que a família de vocês é preconceituosa?*

**Marina:** *A minha mãe é contra as minhas amigas com pessoas homossexuais.*

**Pesquisadora:** *E ela te diz por quê?*

**Marina:** *Ela diz que tem nojo. A minha mãe vive falando que se eu andar com uma lésbica ou gay vão ficar falando de mim. Eu tenho um amigo gay, que eu saía com ele e minha mãe enchia meus ouvidos por causa disso.*

**Pesquisadora:** *E a tua família, Rita?*

**Rita:** *Ela aceita, mas não apóia. São palavras diferentes, entendeste? Mas é isso, fazer o quê, né. O que a gente pode fazer?*

A fala da Rita, que diz que sua família aceita, mas não apóia, levou-nos a pensar que isso está relacionado ao fato de que muitas famílias preferem ignorar a homossexualidade de seus/as filhos/as, como uma forma de evitar que o preconceito social atinja-os, não precisando confrontar-se com os problemas que o assunto acarreta (CECHIN, 2009).

Cabe destacar que, dentre os duzentos e vinte e um (221) adolescentes, que participaram da pesquisa através do preenchimento do questionário, cento e oitenta e nove (189) responderam que os gays, as lésbicas, os/as bissexuais, travestis e transexuais são tratados pela sociedade de forma injusta, ou seja, não são tratados de forma respeitável.

De acordo com alguns/as adolescentes, há certa dificuldade em manter um diálogo com a família, para tentar expor seus sentimentos e assumir sua identidade. Isso é possível perceber na narrativa a seguir:



**Pesquisadora:** *Rita, e como é a relação da família com as tuas amigas, que tu disseste que tem várias amigas lésbicas?*

**Rita:** *Uma, ela tava contando pra mãe dela, mas a mãe dela não aceitou. Tem outras que elas não contaram, porque já sabem como elas são e elas não querem contar por causa do medo, que ela vai falar, né. A minha mãe falou que tem medo do que as pessoas vão pensar. Eu acho que ela tem que ir por mim e não pelas pessoas. Ela tem que aceitar o que eu sou. Eu falo isso pra ela. Acho que isso não é uma vergonha.*

Outros/as afirmam que seria muito complicado o diálogo com suas famílias, pois relatam que algumas pessoas de suas famílias são preconceituosas, o que dificultaria muito a relação, caso houvesse alguma pessoa homossexual em casa, como podemos verificar nas seguintes falas:

**Duda:** *O meu pai já é preconceituoso. A minha mãe não. Mas o meu pai acho que sim [...] Eu acho que ele tem preconceito mais com o lado masculino, sabe. Aí eu digo: \_ Ah, pai, nada a ver, é uma opção. É uma pessoa como nós, só muda a opção sexual. E ele, assim: \_ Ah, mas é uma coisa nojenta.*

**Flávia:** *Na minha família, acho que a minha mãe é mais por causa da minha irmã, porque a minha irmã dizia que gostava de mulher; mas ela é casada, tem marido e tudo. Mas no começo, quando ela tinha 15 anos mais ou menos, ela dizia que gostava de mulher e que ainda iria se envolver com uma mulher. Mas hoje ela tem marido e tudo. Mas minha mãe disse que não aceitaria uma filha lésbica.*

**Duda:** *Meu pai não aceitaria um filho gay, nem uma filha lésbica.*

**Flávia:** *Mas, com as pessoas, com a sociedade, minha mãe não tem preconceito. Mas ela disse que uma filha dela ela, não aceitaria.*

**Júlia:** *Ah, o meu pai é. A gente tava vendo televisão, né, faz, acho que uma semana isso e lá em casa são três meninas, né. São só mulheres. Aí apareceu, assim, um guri falando, né, que era gay. E meu pai disse: \_ Foi por isso mesmo que Deus não me deu filho homem! E eu disse pra mãe: \_ Tá aí o preconceito! E ele assim: \_ É, foi por esse motivo mesmo que Deus não me deu um filho homem, porque eu não ia aceitar uma coisa dessas.*

**Lúcia:** *Depende da família. Depende como a família vai aceitar. Tem famílias, por exemplo, que não têm diálogo com o filho. Então têm algumas famílias que, por ter esse diálogo, não vão aceitar quando a filha for falar, ou o filho. Então eu acho que tem que ter diálogo mais aberto com o filho e saber qual a atitude do filho e a posição dele.*

Desse modo, a família, ao apresentar atitudes homofóbicas, faz com que sujeitos LGBT “fujam” da sua “realidade” e refugiem-se no silêncio e enclausuramento de sua identidade sexual e de gênero. Cabe destacar que “muitas famílias vivem numa grande desinformação com respeito ao que supõe à realidade homossexual ou transsexual, o qual provoca com certa frequência a existência de situações de negação e rejeição” (LANASPA; GALÁN; GARRETA, 2006, p. 33). Segundo Alípio de Souza Filho (2007), “a apreensão e a recusa se baseiam em que filhos gays, lésbicas, travestis etc não cumpram as expectativas ou convenções morais e sociais” (p. 27), ou seja, a idéia de que os filhos e filhas devem dar a continuidade à família e que essa deve seguir o modelo padrão imposto pela sociedade, afirma

o preconceito por parte da família de sujeitos LGBT que devido, a essa imposição, acabam sendo controlados. Louro (2000) ressalta que

[...] a escola, juntamente com a família, organiza-se de forma a “garantir” a formação de indivíduos heterossexuais. Também aqui é possível, identificar algumas reformas no discurso normalizador: o discurso religioso do pecado pode ter sido substituído pelo discurso médico ou psicológico da doença ou desordem; de qualquer modo, permanece a convicção de que é preciso reconduzir, curar ou reorientar esses sujeitos (p. 50).

Nesta perspectiva, há uma preocupação em manter o discurso da heterossexualidade como a identidade natural, normal, ao passo que as tentativas de tratamentos, orientação e cura para a homossexualidade são inúmeras e, por vezes, ainda praticáveis. Porém, além da família, a escola tem se tornado uma instância onde o diálogo, a discussão sobre a temática da diversidade sexual e de gênero, bem como a discussão sobre a homofobia é quase que extinta, o que contribui para a afirmação da mesma como uma instituição também homofóbica.

### ***Quanto à homofobia na escola: seria essa uma instituição homofóbica?***

A escola, para muitos, é local de alegria, de aprendizagens, de conhecimento, de interação, mas, para algumas pessoas, é local de recusa, de exclusão, de rejeição, de tristeza, porque nela muitas identidades são marginalizadas, reprimidas e ignoradas. A homofobia na escola encontra-se em todos os lugares: na hora da chamada, nas paredes dos banheiros, nos livros didáticos, nas piadas dos/as colegas e professores/as, no acesso ao banheiro, em todos os cantos da escola, causando discriminação, exclusão, intimidação e humilhação (JUNQUEIRA, 2008).

A partir deste entendimento, analisamos as narrativas a seguir, verificando que os/as adolescentes participantes da pesquisa consideram a escola como um dos locais onde mais se exercem atitudes homofóbicas, o que fortalece a idéia de que analisar, problematizar, discutir a homofobia no âmbito escolar é tarefa que necessita de urgência:

**Pesquisadora:** *Onde vocês acham que se encontram mais casos de homofobia?*

**Duda:** *Ai, acho que na escola, porque a gente convive mais. Escola, trabalho, essas coisas assim, mais em grupo.*

**Sabrina:** *Acho que no colégio.*

O entendimento de que a escola é tida como uma das instâncias mais homofóbicas é reforçado a partir de dados produzidos nos questionários, onde cento e sessenta e três (163)

adolescentes, dentre o total de participantes que preencheram os questionários, consideram que sujeitos LGBT são tratados de maneira injusta na escola, ou seja, de forma não favorável, não respeitosa.

As escolas têm a preocupação de vigiar, controlar, disciplinar e normalizar os sujeitos que nelas convivem. Dessa forma, aqueles/as que escapam da norma têm duas “saídas”: ou vivem enrustidos em um espaço só seu, assumindo uma identidade que não lhes pertence, ou seja, vivem no armário para que não sejam descobertos e assim atingidos de alguma forma; ou assumem a sua identidade sexual e de gênero, rompendo com as barreiras da imposição da sociedade, ultrapassando a fronteira da normalidade.

No entanto, silenciar não é uma forma de impedir o surgimento da pluralidade sexual. Não problematizar as identidades sexuais e de gênero na escola, não significa que elas deixarão de existir, pois é inevitável nos depararmos com os tais outros no convívio escolar. Portanto, trazer as discussões acerca desta temática para o currículo escolar talvez fosse uma forma de minimizar a homofobia, rompendo com representações atribuídas aos estudantes que se desviam da norma.

Diante disto, podemos notar que tais questões sobre a homofobia, diversidade sexual e de gênero precisam ser discutidas no espaço escolar, pois é “através desse processo de contestação que as identidades hegemônicas constituídas pelos regimes atuais de representação podem ser desestabilizadas e implodidas” (SILVA, 1995, p. 201). No entanto, “sabemos que não é possível transformar a sociedade somente a partir da escola ou eliminar dela todas as relações desiguais de poder” (JUNQUEIRA, 2007, p.10).

De acordo com os dados produzidos a partir dos questionários, os/as professores homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais são mais respeitados do que estudantes LGBT. Segundo os/as adolescentes que responderam ao questionário, se um/a professor/a dissesse que é homossexual, sua identidade sexual não importaria, porém, o importante é que seja um/a bom/a professor/a. Assim, cento e noventa e sete (197) adolescentes dos duzentos e vinte e um (221) marcaram essa alternativa. Apenas doze (12) responderam que seria um motivo para debochar dele/a. Cinco (5) marcaram a alternativa que diz que os gays, as lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais não devem ser professores. E quatro (4) estudantes responderam que diriam à família para que apresentasse uma queixa na escola, caso um/a professor/a se assumisse homossexual. A fala a seguir elucida esta discussão:

**Pesquisadora:** *Se vocês soubessem que o professor ou professora é homossexual, como seria?*

**Marta:** *Eu acho que o comportamento dele assim, na escola, tinha que ser profissional. Por mim não teria nada. Eu não tenho preconceito, né. Com certeza não mudaria minha atitude com ele.*

Deste modo, reafirmamos que a homofobia expressa-se de várias formas, ou seja, “há práticas homofóbicas quando temos o preconceito em suas manifestações mais sutis, e não importa como seja praticado: um simples olhar, um gesto, uma pilhéria, zombaria” (SOUZA FILHO, 2007, p. 27). No entanto, quando comentávamos no grupo sobre este assunto, emergiu a seguinte fala, que exemplifica um caso de homofobia:

**Pesquisadora:** *E se chegasse na sala de aula e, abertamente, um professor dissesse que é gay, qual seria a atitude de vocês?*

**Pablo:** *Eu me mataria rindo.*

**Rita:** *Mas não é piada nem nada dizer que é gay ou lésbica.*

**Pesquisadora:** *Agora imagino uma pessoa se matando de rir porque tu és heterossexual?*

**Pablo:** *Ah, mas eu me mataria rindo.*

No diálogo a seguir, podemos verificar que a amizade ou a aproximação de um homossexual poderia resultar em atitudes violentas, “como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais” (LOURO, 2007, p. 29).

**Pesquisadora:** *E se teu melhor amigo te dissesse que é gay?*

**Alex:** *Eu cago ele a pau.*

**Pesquisadora:** *Tu irias deixar de ser amigo dele?*

**Alex:** *Eu ia. Ah, para que.*

**Pesquisadora:** *E se ele não te dissesse e outras pessoas soubessem e tu não? A tua relação não iria ser a mesma, seria?*

**Alex:** *Eles iam me chamar de veado, porque tava andando junto com ele. Eles iam achar que o cara ia ser parceiro.*

De um modo geral, podemos afirmar que a homofobia resulta na exclusão dos sujeitos LGBT do ambiente escolar, uma vez que muitos gestos, atitudes, palavras, que têm a pretensão de isolar, humilhar, excluir, fazem com que muitos/as adolescentes abandonem a escola. Ainda há porém, aqueles/as que se “arriscam”, se assumem e afirmam que “*também sou normal*”. Ainda sobre esta questão, Louro (2007) menciona que

[...] a escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, dessa forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do conhecimento e da ignorância (2007, p. 30).

Embora a escola constitua-se em um dos espaços em que se torna difícil assumir-se homossexual, o diálogo mostra-nos que há aqueles/as que lutam por seus direitos e optam por viver “livremente” sua sexualidade, assumindo sua identidade sexual:

**Pesquisadora:** *Como vocês reagiriam se tivesse um/a colega homossexual, travesti, transexual, bissexual?*

**Marina:** *Ah, iam ficar toda hora mexendo, falando. Iam ficar falando, sabe?*

**Marcos:** *Pra mim iam ficar zoando até a pessoa querer sair do colégio.*

**Rita:** *Ah, mas é muito chato. Eu tenho experiência própria, né. É muito chato. Deixa a pessoa sentida, sentimental<sup>17</sup>.*

**Pesquisadora:** *Mas que tipo de coisa o pessoal faz, Rita? Piadas, comentário, o que é?*

**Rita:** *É, piada. Todo mundo fica rindo, cochichando. Tu sente que tão falando de ti, mas, né...*

**Pesquisadora:** *E com relação aos professores, tu sentiu algo que pudesse demonstrar algum preconceito por parte deles?*

**Rita:** *Não.*

**Pesquisadora:** *Mais é por parte dos colegas? Tu já sofreu preconceito na escola?*

**Rita:** *É, não vou dizer que não, esse ano né, mas eu já senti. Eu também, às vezes, fico com vergonha de entrar no banheiro feminino, sabe. Ai não sei.*

**Pesquisadora:** *Alguma vez, alguma menina te disse algo?*

**Rita:** *Não, mas ficam olhando.*

**Pesquisadora:** *Tu ficarias mais à vontade se o banheiro fosse unissex?*

**Rita:** *Ah, eu gostaria. Mas eu também fico meio constrangida em entrar num banheiro de homem, né. Não tenho nada pra ficar segurando.*

**Marina:** *Ontem ela foi entrar no banheiro feminino e tinha um rapaz na porta e disse: \_O banheiro masculino é aqui.*

**Rita:** *Ah é.*

**Pesquisadora:** *E como é que tu te sentes em relação a isso, Rita?*

**Rita:** *Ah, eu não dou bola, eu entro e penso que eu sou normal e pronto.*

**Pesquisadora:** *Tu tens vontade de trocar o nome?*

**Rita:** *Não, eu me sinto bem com ele. Não, agora não. Não sei depois. Eu não fico constrangida. Eu acho que isso é normal.*

**Pesquisadora:** *E durante a chamada, como era quando te chamavam pelo teu nome?*

**Rita:** *Eu levantava a mão e ficava todo mundo: Ihhhh.*

Neste sentido, muitos têm lutado para promover a aceitação do nome social de travestis e transexuais na escola. Ser reconhecido pelo seu nome social em registros escolares, cadernos de chamada, enfim, a possibilidade de ser chamado pelo nome que deseja é uma forma de demonstrar acolhimento à diferença e esta é uma das tarefas que deve ser exercida pela escola, e não só por ela, mas por todas as instâncias sociais. Trabalhar com a diferença, reconhecê-la, problematizá-la faz-se necessário. Isso torna-se ainda mais reforçado nas palavras de Junqueira, quando menciona que:

A consolidação de um novo modelo de sociedade democrática e de educação de qualidade depende também da problematização e do enfrentamento ao sexismo, da homofobia e de seus efeitos. E isso só será

<sup>17</sup>Adolescente que assumiu sua identidade homossexual na escola e também durante os encontros do grupo focal em que participou.

alcançado se nos dedicarmos a superar nossas limitações, questionar radicalmente nossos preconceitos e promover mudanças significativas na organização da vida social e nas nossas atitudes. A escola é, sem dúvida, parte central desse processo (2007, p. 7).

Partindo deste entendimento, mostrar-se resistente a esta discussão na escola colabora para a não aceitabilidade de colegas homossexuais, bissexuais, transgêneros, facilitando a afirmação de identidades homofóbicas, como podemos analisar nas narrativas seguintes:

**Alex:** *Eu não suporto isso: mulher com mulher e homem com homem. Ah, eu não entendo, qual é a graça homem com homem, mulher com mulher? Pra mim, homem foi feito para ficar com mulher. Pra mim é assim.*

**Pesquisadora:** *Mas quem é que disse que homem tem que ficar só com mulher?*

**Alex:** *Pra mim, na minha cabeça, tem que ser assim.*

**Ricardo:** *Mas eles não pensam assim, negão.*

**Marina:** *Na tua cabeça é assim, não na cabeça dos outros. Os outros podem pensar diferente.*

**Alex:** *Ah, então eu penso diferente. Bah, tá louco. Se acontece isso comigo, eu me mato.*

**Pesquisadora:** *E tu achas que isso não pode acontecer, de tu te interessares por um outro homem um dia?*

**Alex:** *Ah é, eu me atiro de uma ponte.*

**Pesquisadora:** *O que tu farias se teu amigo te dissesse que é homossexual. Tu disse que cagaria ele a pau, né?*

**Alex:** *Faria uma gang pra cagar ele a pau.*

**Pesquisadora:** *Tu farias uma gang então?*

**Alex:** *Eu faria, para aprender a ser macho.*

**Pesquisadora:** *Tu achas que com a violência mudaria a identidade sexual dele?*

**Alex:** *Ah, não sei. Pra ele aprender.*

**Pesquisadora:** *E tu já agrediu alguém? Por que tu falou que iria montar uma gang?*

**Alex:** *Ah, mas se viesse me abraçar, eu cagava a pau. Com certeza eu cago. Mas eu nunca fiz isso.*

**Pesquisadora:** *Ou seja, tu aceitas, se for longe de ti. Se chegar perto de ti é violência?*

**Alex:** *Ah, se chegar me tocar, bah, eu não quero nem saber. Pode ser mulher, eu cago a pau. Pra mim, heterossexual é normal, mas bissexual, bichona, lésbica, pra mim, eca.*

O adolescente ainda segue expressando sua aversão em relação à homossexualidade, quando se assume homofóbico.

**Pesquisadora:** *Alex, diante das coisas que tu falaste, tu achas que és homofóbico?*

**Alex:** *Ahhhh, eu acho. Eu sou mesmo.*

**Pesquisadora:** *E se alguém resolvesse te denunciar por isso?*

**Alex:** *Ah tá. Vai dizer que pode isso?*

**Pesquisadora:** *Pode. Existe uma forma de denúncia sim.*

**Alex:** *Tá louco, mas eu não faço nada pra ninguém. Eu só não gosto.*

**Pesquisadora:** *Tu já sofreste algum preconceito por tu ser negro?*

**Alex:** *Eu, não. Se eu sofresse, eu cagava ele a pau.*

**Pesquisadora:** *Pois é, então se tu um dia agredires um homossexual fisicamente, verbalmente, seja como for, ele pode reagir também?*

**Alex:** *Mas isso eu nunca fiz pra ninguém.*

**Pesquisadora:** *E pra ti, o que ia adiantar, o que iria resolver juntar um monte de gente para bater?*

**Alex:** *Para ele criar respeito.*

A afirmação da heterossexualidade, tida pela sociedade em geral como a identidade natural, a atribuição de inúmeras representações à homossexualidade, bissexualidade,

transgeneridade e a ausência de discussões acerca deste assunto na escola, permite que muitos adolescentes expressem seu ódio, sua aversão frente aos/às colegas, amigos/as, professores/as, como podemos perceber na narrativa apresentada.

Ainda na narrativa apresentada, destacamos que há uma relação entre o preconceito homofóbico e o preconceito racial, uma vez que Alex, além de se assumir homofóbico, admitiu que reagiria de forma violenta, caso sofresse preconceito por ser negro. Segundo Rios (2007, p. 55), “se hoje são inadmissíveis as referências discriminatórias a negros, judeus e mulheres, ainda são toleradas, ou ao menos sobrelevadas, as manifestações homofóbicas”. Cabe destacar que, quando emergiu esta discussão nos grupos focais, salientamos aos adolescentes participantes que há um projeto de lei que visa à criminalização da homofobia, da mesma forma que o racismo, além de outras medidas que estão sendo tomadas, que visam promover o respeito aos sujeitos LGBT.

Como forma de promover o respeito aos direitos que os cidadãos LGBT possuem na sociedade, em 2004, foi lançado o Programa Brasil Sem Homofobia, uma articulação entre o Governo Federal e a Sociedade Civil Organizada, que é um trabalho de combate à violência e à discriminação contra LGBT. No entanto, a responsabilidade pelo combate à homofobia e pela promoção da cidadania de *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, não é somente deste programa. Ela se estende a todos nós cidadãos brasileiros. Como forma de promover um contexto de aceitação e respeito à diversidade, o programa Brasil Sem Homofobia traz inúmeras medidas; e dentro do contexto em que estamos discutindo, ou seja, em relação à educação, tem como diretrizes: o apoio à educação continuada a professores na área de sexualidade; estimular a produção de materiais didáticos educativos que promovam a discussão da temática homofobia, como forma de superar tal preconceito; estimular também o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos, que tenham como objetivo o combate à violência de cidadãos LGBT; e muitas outras ações que promovam o reconhecimento da pluralidade sexual, garantindo o respeito e a aceitação da diversidade sexual e de gênero (BRASIL, 2004).

Além disto, neste ano, foi lançado o Plano Nacional de Promoção da Cidadania de Direitos Humanos de LGBT, que é também uma ação entre o Governo Federal e a Sociedade Civil, que tem como objetivo a promoção de ações que garantam os direitos humanos de cidadãos LGBT, contribuindo para o combate à discriminação, promovendo o respeito à diversidade sexual e de gênero (BRASIL, 2009).

Contudo, além destas inúmeras ações que estão sendo desenvolvidas como forma de contribuir para o reconhecimento da pluralidade sexual e de gênero, a minimização da homofobia, cabe (re)afirmar que há a necessidade de inclusão da temática na escola, que é

uma das instituições que tem apresentado casos de violência homofóbica, por parte de colegas de classe e também por parte de professores.

Cabe destacar que, ao mesmo tempo em que surgiram narrativas de adolescentes que se assumem preconceituosos, também podemos encontrar registros de adolescentes que se demonstram contra a homofobia. É o que podemos perceber na fala a seguir:

**Bia:** *É tanta coisa que acontece, que a gente não pode fazer, que tu se sente tão, assim. É com é que se chama? Sabe, com as mãos e os pé amarrados. Tu não pode pegar (movimenta os braços como se tivesse pegando alguém pelo “pescoço”) e dizer: Te liga, sabe. Pra quê fazer isso? Dá vontade mesmo, sabe, de sacudir e dizer pra cada um. É tanta coisa. É guerra. É tudo. Mas isso é uma coisa tão próxima, sabe. Tanta gente que morre mais que guerra, sabe. É tanta gente que morre e nada acontece. Sei lá. É feio isso. É horrível. Não sei nem que palavra usar pra definir tudo que se sente, quando a gente quer e não tem o que fazer. Só assim, né, agir. Cada um de nós ter consciência já ajuda, mas, mesmo assim.*

No entanto, isto não diminui a necessidade e urgência de tal discussão na escola, uma vez que problematizar a homofobia, discutir as múltiplas identidades sexuais e de gênero, bem como incluir a temática no currículo escolar, é fator importante para o combate à discriminação contra estudantes LGBT. A escola deve estar aberta a esta discussão, garantindo o respeito e a igualdade entre todos/as.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao analisar as narrativas dos/as adolescentes, percebemos que os mesmos entendem a homofobia como uma atitude excludente, presente na família, na sociedade em geral e, em especial, na escola. A constituição dos grupos focais permitiram nos problematizar a homofobia, como forma de desestabilizar os discursos e as práticas homofóbicos presentes na sociedade e que se (re)produzem no âmbito escolar, o que foi possível perceber através da fala do adolescente que se assumiu homofóbico e ainda declarou que, se caso algum homossexual se aproximasse, ele reagiria com agressão física. Tal técnica possibilita-nos, através das discussões, maneiras dos/as adolescentes (re)pensarem as verdades produzidas sobre a sexualidade, bem como pode contribuir para desestabilizar os entendimentos que tais adolescentes possuem a respeito da homossexualidade e que contribuem para a afirmação da homofobia.

Além disto, através dos dados produzidos pelos/as adolescentes, evidenciamos que a família é uma instância que, muitas vezes, não favorece para que uma pessoa se assuma homossexual. Alguns/as adolescentes declararam que o diálogo sobre esta questão é problemático, o que faz como que muitos/as prefiram não comentar sobre sua identidade



sexual com seus familiares. Além disto, alguns familiares nem sequer permitem que seus filhos tenham amizades homossexuais.

Além da família, a escola é também um espaço difícil para que alguém se assuma homossexual e é nesse espaço que, segundo algumas adolescentes, necessitam ser discutidas questões de sexualidade, diversidade sexual e identidades de gênero e homofobia. Podemos verificar isto no diálogo abaixo:

**Pesquisadora:** *Vocês acham que a escola é um local propício para se discutir sobre diversidade sexual e homofobia?*

**Júlia:** *Tem que ser discutido, porque tem muitos que não têm essa oportunidade em casa, de discutir com o pai e com a mãe. Então eu acho que é uma coisa bem importante de ser discutido na escola.*

**Natália:** *Eu acho também, porque muitos filhos não falam com seus pais sobre esse assunto. Então acho que, na escola, é um outro meio de se expressar.*

**Marina:** *Precisa, sim, ser comentado, não só em escolas, mas em todos os lugares.*

**Duda:** *Acho que até de repente uma vez por mês, as professoras podiam fazer um círculo com os alunos; fazer uma palestra; falar mais. Até elas mesmo, não precisa chamar ninguém. Falar mais sobre o assunto, porque elas tão lá pra ensinar a gente e não só na matéria, matéria, matéria.*

Neste sentido, entendemos e (re)afirmamos que, devido à centralidade que a temática sexualidade tem assumido em diversas instâncias sociais e campos de saberes, torna-se importante discutir este assunto na escola, uma vez que essa instância participa na constituição dos sujeitos, produzindo identidades. Neste sentido, a inclusão desta temática no currículo escolar constitui-se como uma estratégia que pode contribuir para a minimização dos estigmas, representações e preconceitos atribuídos aos sujeitos LGBT.

A escola, por afirmar a heterossexualidade como a identidade sexual natural, acaba permitindo e fortalecendo a homofobia em seu âmbito escolar. Sendo inegável a presença de estudantes tidos como aqueles que “desviam” a norma, é papel social da escola a promoção de uma cultura de respeito a todos os sujeitos que nela convivem.

Neste sentido, promover a discussão da temática homofobia no espaço escolar é uma forma de contribuir para o reconhecimento da pluralidade sexual e de gênero, ou seja, segundo Borrillo (2001), é preciso promover ações pedagógicas contra a homofobia; porém, a “ação pedagógica deverá começar por denunciar o conjunto de códigos culturais e estruturas sociais que transmitem valores que reforçam os prejuízos e a discriminação com respeito aos gays e às lésbicas” (p. 118, tradução nossa). Além disso,

[...] a educação relativa à luta contra a homofobia consistiria em definitivo em sensibilizar a população heterossexual de maneira que não considere sua sexualidade como indiscutível, nem seu comportamento como necessariamente compartilhada por todos, é dizer, que a educação teria por objetivo mostrar que outras formas de sexualidade podem coexistir com a

sua, sem prejudicá-la ou constituir uma provocação com parte dos homossexuais (Ibid., p. 122, tradução nossa).

Para finalizar, destacamos que a nossa proposta é pensarmos o currículo escolar a partir de uma “pedagogia da diferença”, ou seja, problematizarmos a questão da diferença na escola, pois introduzir tal questão no espaço escolar é uma forma de “deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu” (PARDO *apud* SILVA, 2000, p. 101).

O silenciamento destas questões no contexto escolar é uma forma de legitimar algumas identidades, afirmando a heterossexualidade como a norma, marginalizando outras (LOURO, 2007). Portanto, neste estudo, buscamos “pensar a educação como produção da diferença, afastando da sexualidade o caráter de pedagogia normativa, legitimadora de uma identidade sexual hegemônica, que se pretende estável e natural” (SILVA, 2008, p. 15). Promovemos assim, uma forma de aceitação do outro como legítimo outro.

## REFERÊNCIAS

BORRILLO, D. 2001. Homofobia. Paris: Presses Universitaires de France.

BRASIL. 2004. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, p.1-32.

BRASIL. 2005. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Estatuto da Criança e do Adolescente**; Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. Brasília: MEC, ACS.

BRASIL. 2009. Secretaria Especial de Direitos Humanos. **Plano Nacional de Promoção da cidadania e Direitos Humanos de LGBT: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais**. Brasília.

CECHIN, A. F. 2009. Vivências em espaços educativos: constituição de identidades homossexuais em homens adultos. Tese de doutorado: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. [http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=366](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=366)

COSTA, M. V.(Org.). 2004. **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

COSME, J. A. G.; SÁNCHEZ, G. D.; TAPIA, J. M. M. 2006. Homofobia y salud. In: Revista **Salud y problema**. Nueva época. Año 11/ezemplar doble. Número 20/ Enero- Junio de 2006/ Julio – diciembre de 2006. Universidad Autónoma Matroploitana- Xochimilco.

DIAS, Maria Berenice. 2000. **União homossexual: o preconceito & a justiça**. Porto Alegre: Livraria do Advogado.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. 2007. **Muito prazer, sou Cellos, sou de luta: a produção da identidade ativista homossexual**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande.

FELIPE, J., Bello, A. T. 2009. Construção de Comportamentos Homofóbicos no Cotidiano da Educação Infantil. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 141-157.

FOUCAULT, M. 1999. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. 2001. **Os anormais: curso Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes. Coleção Tópicos.

\_\_\_\_\_. 2007. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da COSTA ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon Albuquerque. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.

FRY, P.; MACRAE, E. 2009. **O que é homossexualidade**. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense.

FURLANI, J. 2003. **Mitos e tabus as sexualidade humana**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

GATTI, B. A. 2005. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro.

GONDIM, S. 2003. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. Paidéia, p. 149-161.

HALL, S. 1997. The Work of Representation. In: HALL, Stuart.(Org.) Representation. Cultural Representations and Signifying Practices. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi.

\_\_\_\_\_. 2000. Quem precisa da identidade? In: Silva, T. T. da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes.

JUNQUEIRA, R. D. 2007. Por uma pedagogia da diversidade de corpos, gêneros e sexualidades. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, F. F. da; MAGALHÃES, J. C.; QUADRADO, R. P. (Org). **Sexualidade e escola: compartilhando saberes e experiências**, p. 7-13. Rio Grande: FURG.

\_\_\_\_\_. 2008. Escola e enfrentamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhoria da educação de todos. In: RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO,

R. P (Org). **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. 2. ed. rev. ampl. Rio Grande: Furg.

\_\_\_\_\_. 2009. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 13-51.

\_\_\_\_\_. 2009. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 367-444.

\_\_\_\_\_. 2009. **Homofobia**: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. [http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07\\_junqueira.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07_junqueira.pdf)

KATZ, J. N. 1996. **A invenção da heterossexualidade**. Prefácio Gore Vidal; tradução Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro.

LANASPA, Jesús Generelo; GALÁN, José Ignacio Pichardo. 2005. **Homofobia en el sistema educativo**. COGAM. Comisión de Educación.

LANASPA, J. G.; GALÁN, J. I. P.; GARRETA, G. G. 2006. **Adolescencia y sexualidades minoritarias**: voces desde la exclusión. Comisión Educación COGAM.

LOURO, G. L. 1997. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes.

\_\_\_\_\_. 2000. **Currículo, gênero e sexualidade**. Portugal: Porto Editora.

\_\_\_\_\_. 2003. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L., FELIPE, J., GOELLNER, S. V. (Org). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação, p.41-52.

\_\_\_\_\_. 2007. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes *et al* (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica.

\_\_\_\_\_. 2009. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 85-93.

MISKOLCI, Richard. 2009. **Pânicos morais e controle social** – reflexões sobre o casamento gay. Cadernos Pagu, n. 28, jan./jun. 2007. [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100006&script=sci_arttext)

PETERS, M. 2000. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**: uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica.

QUADRADO, R. P. 2007. Adolescência como construção sócio-cultural e história. In

RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO, R. P. (Org). **Corpos, Gênero e Sexualidade:** questões possíveis para o currículo escolar. Caderno Pedagógico – Séries Finais. Rio Grande: FURG, p. 10-14.

RANGEL, R., AZEVEDO, S. 2009. **Eles são do exército. Eles são parceiros. Eles são gays.** <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI5020-15204,00-ELES+SAO+DO+EXERCITO+ELES+SAO+PARCEIROS+ELES+SAO+GAYS.html>

RIBEIRO, P.R.C. 2002. **Inscrevendo a sexualidade:** discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RIOS, R. R. 2007. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: BARROS JÚNIOR, F. O. B., LIMA, S. O. (Org.). **Homossexualidades sem fronteiras:** olhares. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, p. 37-78.

SAGGESE, G. S. R. 2009. **Quando o armário é aberto:** visibilidade, percepções de risco e construção de identidades no *coming out* de homens homossexuais. [http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST46/Gustavo\\_Santa\\_Roza\\_Saggese\\_46.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST46/Gustavo_Santa_Roza_Saggese_46.pdf)

SEDGWICK, E. K. 2009. **A epistemologia do armário.** <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>

SIERRA, S. C. 2009. **Homofobia y masculinidad.** El cotidiano, mayo-junio/2002, vol.18, numero113. Universidad Autónoma Metropolitana – Azcapotzalco. Distrito Federal, México, p.8-14. <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/325/32511302.pdf>

SILVA, A. F. 2008. **Pelo sentido da vista:** um olhar gay na escola. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Pelotas - Faculdade de Educação, Pelotas/ RS, 2008.

SILVA, T. T. da. 1995. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: \_\_\_\_\_. **Alienígenas na sala de aula.** Petrópolis, Vozes, p. 190-207.

\_\_\_\_\_. 2000. **A teoria cultural e educação:** um vocabulário crítico. Belo horizonte: Editora Autêntica.

\_\_\_\_\_. 2000. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

\_\_\_\_\_. 2004. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

SILVA, M. A. 2009. **Este corpo não te pertence!** Algumas reflexões sobre saúde e doença na modernidade – O caso do “Homossexualismo”. <http://br.monografias.com/trabalhos-pdf901/este-corpo-nao/este-corpo-nao.shtml>

SOUZA FILHO, A. 2007. A resposta gay. In: BARROS JÚNIOR, F. O. Lima, S. O. (Org). **Homossexualidades sem fronteiras**: olhares. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, p. 11-36.

SPARGO, T. 2004. **Foucault y la teoria queer**. Barcelona: Gedisa Editorial.

VEIGA-NETO, A. 2004. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, M. V. (Org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 37-72.

WEEKS, J. 2007. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica.

WELZER-LANG, D. 2009. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>

WOODWARD, K. 2000. Identidade e diferença: uma introdução teórica e cultural. In: SILVA, T. T. da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

## **4.2 DISCUTINDO AS ARTICULAÇÕES ENTRE O DISCURSO RELIGIOSO E A CONSTITUIÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE<sup>1</sup>**

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar narrativas das adolescentes sobre religião e homossexualidade, que emergiram a partir da constituição de um grupo focal, formado por adolescentes de algumas escolas do município do Rio Grande/RS. No decorrer do artigo, apresentamos alguns enunciados presentes na Bíblia, discutindo as implicações dessa na fabricação dos sujeitos, no controle dos corpos e dos desejos sexuais através dos discursos sobre o corpo e as identidades sexuais, em especial, a homossexualidade. Ao analisar as narrativas de adolescentes, percebemos a (re)afirmação da heterossexualidade como o padrão normal de sexualidade. Além disto, emergiu, nas narrativas, a mudança de sexo, como um questionamento da capacidade de Deus. Portanto, a homossexualidade é tida como ato contra a natureza, uma vez que não corresponde às leis de Deus.

Palavras-chave: Bíblia. Discurso religioso. Homossexualidade.

### **DISCUSSING THE LINKS BETWEEN RELIGIOUS DISCOURSE AND THE ESTABLISHMENT OF HOMOSEXUALITY**

Abstract: This study aimed to analyze the narratives of adolescents about religious discourse and homosexual identity construction. It emerged from the establishment of a focus group made up at schools in Rio Grande city (RS, Brazil). Throughout the paper, statements from the Bible are presented in order to discuss their implications on the constitution of subjects and in the control of bodies and sexual desires through the discourses on the body and sexual identities, in particular, homosexuality. The narratives of adolescents (re)affirmed heterosexuality as the pattern. Moreover, the change of sex emerged as questioning the ability of God. Therefore, homosexuality is seen as an act against nature, since it does not correspond to the laws of God.

Keywords: Bible. Religious discourse. Homosexuality.

## **INTRODUÇÃO**

Neste artigo, analisamos as narrativas das adolescentes sobre religião e homossexualidade, buscando tecer algumas aproximações com a rede de enunciados presentes na Bíblia. No entanto, não estamos atribuindo um juízo de valor às Escrituras Bíblicas, mas sim discutimos as implicações das mesmas na constituição dos sujeitos, no controle dos corpos e desejos sexuais através dos discursos sobre o corpo e a sexualidade, em especial às identidades sexuais<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Este artigo mantém as normas exigidas pela revista Educação em Questão - UFRN, para a qual o mesmo será submetido.

<sup>2</sup> Entendemos as Identidades Sexuais como construções sócio-culturais.

Neste estudo, problematizamos como tais discursos produzem efeitos na sociedade e nos sujeitos, ensinando modos de ser e agir. Para tanto, empregamos o termo discurso numa perspectiva foucaultiana, entendendo-o “não como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (Foucault, 2005, p. 54-55). Operamos com o termo discurso religioso em relação aquele produzido e veiculado aos sujeitos nas instituições religiosas.

Os discursos produzidos interpelam os sujeitos e produzem efeitos na constituição de suas subjetividades, uma vez que instauram “verdades” sobre determinadas formas de ser e estar na sociedade. Para Foucault, a

[...] verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (2004, p. 12).

Neste sentido, o autor destaca que as próprias instâncias sociais, entre elas a escola, a família, as instituições religiosas, possuem os seus regimes de verdade, que se instauram através de múltiplos discursos (re)produzidos na sociedade. Para Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (2009, p. 10). Neste sentido, não existe o poder, mas sim relações de poder; o “poder não opera em um único lugar, mas em lugares múltiplos: a família, a vida sexual, a maneira como se trata os loucos, a exclusão dos homossexuais, as relações entre os homens e as mulheres” (Foucault, 2003, p. 262).

A partir do fim do século XVII, ocorreram transformações e mudanças em relação à discussão acerca do sexo, no entanto o sexo foi colocado em discurso. Em vez de uma restrição, houve uma crescente incitação a falar. Segundo Foucault, houve uma explosão discursiva “em torno e a propósito do sexo” (2007, p. 21).

Nessa explosão discursiva, houve um refinamento do vocabulário autorizado: definiu-se onde, quem e quando falar sobre sexo. Essa foi a estratégia utilizada pela sociedade contemporânea, a fim de vigiar, normatizar e controlar a sexualidade, falando intensamente sobre ela. Segundo Foucault, o ponto essencial sobre o discurso da sexualidade está “em levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que



se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz” (2007, p. 16), ou seja, existem diversos mecanismos de interdição, que funcionam com o propósito de estabelecer aquilo que pode ser dito, visto e praticado em relação à sexualidade.

Para Foucault, os mecanismos de interdição do discurso são: o “tabu do objeto” (2007, p. 9) – não se pode falar de tudo –, o “ritual da circunstância” (Ibid., p. 9) – não se pode falar de tudo em qualquer lugar e o “direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala” (Ibid., p. 9) – qualquer um não pode falar de qualquer coisa. Esses mecanismos imbricam-se, “formando uma grade complexa que não cessa de se modificar” (Ibid., p. 9). Foucault ainda destaca que

[...] o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que fala (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor e de coerção. Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos (Ibid., p. 39).

Com o mecanismo de interdição operando, há um controle sobre o que, como, quando, onde e quem pode falar a respeito da sexualidade. A partir do século XVIII, ocorre, então, uma “incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado” (Ibid., p. 24). Pratica-se um policiamento sobre o sexo, no sentido de regular e não de proibir; dessa forma não se exerce um mecanismo de censura, porém estabelece-se uma relação de controle à sexualidade.

Segundo Foucault, com a nova pastoral cristã e com o sacramento da confissão, depois do Concílio do Trento, há um controle e policiamento da língua, mas as confissões não param de crescer, ou seja, o “sexo não deve mais ser mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até as mais finas ramificações [...] tudo deve ser dito” (Ibid., p. 25). A confissão evidencia-se na sociedade cristã como um mecanismo de controle e de estabelecimento de relações de poder entre aquele que confessa e aquele que ouve as confissões.

O cristianismo, ao penetrar no Império Romano, tornou-se rapidamente a religião do Estado, desempenhando mecanismos de poder sobre os indivíduos. O poder pastoral emerge através da ação de indivíduos que desempenham, na sociedade cristã, o papel de condutores

que agem como pastores sobre seu rebanho, sobre suas ovelhas, conduzindo-as (FOUCAULT, 2006).

Segundo Foucault (2006), há algumas características importantes sobre esse poder, que serão destacadas aqui: 1) o poder pastoral não age sobre o território como o poder político tradicional; o poder pastoral age sobre uma multiplicidade, sobre os indivíduos, diferentemente do poder exercido entre os gregos, ou seja, na antiguidade grega e romana, não existia indivíduos que pudessem desempenhar a função de pastores a conduzir seu rebanho, “consequentemente o poder pastoral garante ao mesmo tempo a subsistência dos indivíduos e a subsistência do grupo, diferentemente do poder tradicional que se manifesta essencialmente pelo triunfo sobre os dominados” (Ibid., p. 66); 2) é um poder que se caracteriza, especialmente, pela presença de um pastor que se sacrifica pelo seu rebanho; 3) é um poder individualista, embora característico, por agir sobre a multiplicidade, sobre o território; ele age individualmente, garantindo a salvação de todos os indivíduos, ou seja, o pastor é capaz de cuidar dos indivíduos um a um.

Segundo o autor, viver em uma sociedade onde o poder pastoral operava era viver sobre determinadas situações que se exerciam durante o desempenho desse poder. Neste sentido, o poder pastoral consistia em obrigar os indivíduos a fazerem de tudo para a sua salvação, ou seja, era preciso fazer o necessário para ser salvo; dessa forma evitava-se ser punido.

Foucault menciona que o poder pastoral trouxe consigo uma série de mecanismos, de técnicas, procedimentos que fazem referência à verdade ou à produção da verdade. Ou seja, o pastor cristão “ensina a verdade, ele ensina a escritura, a moral, ele ensina os mandamentos de Deus e os mandamentos da Igreja” (Ibid., p. 69). Foucault ainda sobre essa questão salienta que

[...] por um lado o pastor cristão para exercer sua tarefa de pastor, deve saber, é claro, tudo o que fazem as suas ovelhas, tudo o que se passa na alma, no coração, no mais profundo dos segredos do indivíduo. Esse conhecimento da interioridade dos indivíduos é absolutamente exigido para o exercício do pastorado cristão. O que significa conhecer o interior dos indivíduos? Significa que o pastor disporá de meios de análise, de reflexão, de detecção do que se passa, mas também que o cristão será obrigado a dizer ao seu pastor tudo o que se passa no âmago de sua alma; particularmente, ele será obrigado a recorrer, do ponto de vista do seu pastor, a essa prática tão específica do cristianismo: a confissão exaustiva e permanente (Ibid., p. 70)

A confissão é tida, então, como uma das formas de controle sobre os sujeitos, como forma de produção da verdade sobre a sexualidade. O cristianismo, relacionado com a

sociedade romana, já havia instituído a monogamia à sexualidade, com a finalidade exclusiva da reprodução. O cristianismo, então, encontrou “um meio de instaurar um tipo de poder que controlava os indivíduos através de sua sexualidade, concebida com alguma coisa da qual era preciso desconfiar, alguma coisa que sempre introduzia no indivíduo possibilidades de tentação e de queda” (Ibid., p. 71).

O cristianismo faz parte da história da sexualidade, a partir do momento que opera através de seu mecanismo de poder pastoral sobre os indivíduos, como uma forma de fazer com que tais indivíduos percebam, em seu interior, as suas fraquezas em relação à sua sexualidade, ao seu corpo. Dessa forma, o papel do cristianismo em relação à sexualidade não era, portanto, da ordem do ato interdito, do ato recusado, ou seja, o poder pastoral agia como “um mecanismo de poder e de controle, que era ao mesmo tempo um mecanismo de saber, de saber dos indivíduos, de saber sobre os indivíduos, mas também de saber dos indivíduos sobre eles próprios e em relação a eles próprios” (Ibid., p. 72). Cabe salientar que o discurso da confissão assume outros patamares; não se trata mais da confissão, que fazia referência somente ao pecado e à salvação, mas percebemos, agora, o discurso do corpo e da vida, operando através da ciência.

A confissão, neste sentido, passa por uma explosão de discursividades “que tomaram forma na demografia, na biologia, na medicina, na psiquiatria, na psicologia, na moral, na crítica política” (FOUCAULT, 2007, p. 40); dessa forma, ocorre uma dispersão do discurso unitário da confissão em meio aos discursos científicos produzidos sobre o sexo. O autor ainda menciona que

[...] a confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes, confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. (Ibid., p. 68).

Neste sentido, através da confissão, é capaz de se controlar o corpo, a sexualidade, os atos, as práticas dos sujeitos, destacando que as instituições religiosas também exercem essa ação de controle, seja através de suas técnicas de poder sobre o corpo, seja através de seus discursos que se proliferam cada vez mais, atribuindo à diversidade sexual, à homossexualidade em especial, um caráter pecaminoso, contra a natureza, algo contra as leis de Deus. Neste estudo, entendemos a homossexualidade como uma identidade social, cultural

e historicamente construída através da multiplicidade discursiva existente sobre o sexo e que, ao longo dos anos, e por diferentes campos, instâncias e instituições foram sendo (re)produzidos, (re)significados, atribuindo a essa identidade sexual um caráter pecaminoso, patológico, perverso, criminoso.

Dentre esses discursos, destacamos o religioso, que contribui para a atribuição da homossexualidade como algo contra a “natureza”, como algo que se comete contra as leis de Deus. Neste sentido, muitas vezes, as instituições utilizam os textos presentes na Bíblia como uma forma de “provar” e (re)afirmar aquilo que se fala sobre a sexualidade.

## **A BÍBLIA E A HOMOSSEXUALIDADE**

A Bíblia é tida aqui como um monumento<sup>3</sup> que está implicado na produção dos sujeitos, uma vez que esses, ao serem interpelados pelos textos bíblicos, constituem-se e posicionam-se de determinadas maneiras na sociedade.

Neste sentido, as instituições religiosas utilizam as passagens bíblicas como estratégias de controle e de governo sobre os corpos e as sexualidades. Tomamos a palavra governo, no sentido de regulação das condutas conforme as regras determinadas por cada instituição, salientando que são como “instâncias efetivas de construção, manutenção e reprodução de práticas, crenças e valores culturais” (LOURO, 2005, p. 70). As instituições religiosas, através de seus discursos, têm buscado dirigir a conduta dos sujeitos, punir as atitudes e comportamentos que se desviam da norma.

O ato de governar os sujeitos é uma função do poder pastoral, e esse é utilizado em diversas instâncias religiosas como forma de regular e governar os sujeitos homossexuais, por exemplo, instruindo-os a confessar suas práticas e seus desejos para, dessa forma, as sanções normalizadoras operarem sobre tais sujeitos, de forma a estabelecer o “padrão normal” de sexualidade, a heterossexualidade. Neste sentido, o sujeito confessa todos os seus “pecados sexuais”, as sanções são exercidas sobre esse e, então, é salvo.

A homossexualidade, em meio aos discursos (re)produzidos pelas instituições religiosas, é tida como antinatural, como abominação, como pecado, uma vez que não há a possibilidade de procriação, não correspondendo, dessa forma, com a constituição da família

---

<sup>3</sup> A Bíblia é um documento que a perspectiva foucaultiana toma, assume e utiliza como monumento (FOUCAULT, 2005). Isto está implicado em não tomá-la como um texto que pode explicar algo até então escondido ou “mal-entendido”, “mal-explicado”, ou seja, não buscamos a origem dos enunciados bíblicos, mas sim as implicações desses na constituição dos sujeitos e no controle de suas condutas. Segundo Foucault apud Castro (2009, p. 125) “a arqueologia não se ocupa dos discursos como um documento, como o signo de outra coisa, mas como um monumento, isto é, segundo sua descrição intrínseca”.

patriarcal, constituindo a idéia de que *gays* e lésbicas são sujeitos desviantes e anormais. Nessa perspectiva,

[...] este estabelecimento moral religioso, a partir da abominação do prazer homossexual está referendado na inibição do prazer sexual, na condução do sexo somente procriativo, determina a dualidade nas relações entre os homens e as mulheres (masculino *versus* feminino), fixa o estabelecimento dos papéis sexuais e sociais eliminando a possibilidade da homossexualidade, pois é dado para os sujeitos uma única alternativa: o acasalamento do macho com a fêmea, e vice-versa (LOIOLA, 2001, p. 42).

Neste sentido, a constituição da homossexualidade como um ato pecaminoso faz-se a partir de vários discursos sobre a sexualidade, que regulam os desejos e as condutas e são baseados nas Escrituras Bíblicas. Neste sentido, apresentamos algumas passagens bíblicas utilizadas, muitas vezes, para caracterizar a homossexualidade como um ato perverso.

### **O pecado de Sodoma**

A história de Sodoma e Gomorra é encontrada em Gênesis 19: 1-38. Ló recebe a visita de dois anjos e convida-os a passar a noite em sua casa. Os visitantes foram recepcionados com um banquete, mas antes que fossem deitar, os homens daquela cidade, os homens de Sodoma, foram até a frente da casa de Ló e o chamaram, perguntando: *Onde estão os homens que a ti vieram nesta noite? Traze-os fora a nós, para que os conheçamos*. Ló, para impedir que seus vizinhos fizessem qualquer mal aos seus visitantes, pois estes foram acolhidos sob a sombra de seu teto, oferece suas duas filhas, dizendo que elas ainda não conheciam nenhum homem. Os homens de Sodoma irritados com a presença dos estrangeiros, não deram ouvidos às palavras de Ló e, portanto, o empurram contra a porta. Os anjos visitantes de Ló estenderam a mão e puxaram Ló para dentro de casa. E feriram de cegueira os homens que estavam à porta da casa. Então disseram aqueles homens a Ló: *Tens alguém mais aqui? Teu genro, e teus filhos, e tuas filhas, e todos quantos tens nesta cidade, tira-os fora deste lugar porque nós vamos destruir este lugar, porque o seu clamor tem aumentado diante da face do SENHOR, e o SENHOR nos enviou a destruí-lo*. Em seguida, Ló chama seus genros e suas duas filhas e pediu que saíssem daquele lugar, pois a cidade seria destruída. E, conseqüentemente, a cidade de Sodoma e a cidade vizinha, Gomorra, foram destruídas por uma chuva de enxofre e fogo. Essa passagem da Bíblia pode ser interpretada pelos leitores como se tivesse havido naquele contexto relações sexuais entre os visitantes de Ló e os

homens da cidade de Sodoma. O significado atribuído à palavra “conhecer”, mencionada pelos homens da cidade de Sodoma na passagem citada, foi de ato sexual, porém na Bíblia traduzida para crianças e adolescentes, na qual enfatiza-se que a tradução dessa é feita na linguagem de hoje, a palavra conhecer é substituída pela palavra relações (BÍBLIA SAGRADA, 2000).

Destacamos que é em referência a essa história bíblica que muitos homossexuais eram chamados de *sodomitas*. Neste sentido, “a palavra sodomita passou a se referir àqueles que mantêm relações anais, e o pecado de Sodoma foi considerado como sendo o ato homogenital masculino” (HELMINIAK, 1998, p. 40). O autor Daniel Helminiak, não concordando com os motivos dados em referência à história da destruição da cidade, argumenta que o pecado de Sodoma foi “abuso e ofensa contra estrangeiros. Insulto aos viajantes. Falta de hospitalidade para com os necessitados” (Ibid., p. 43). Ele menciona que

[...] há uma triste ironia acerca da história de Sodoma quando compreendida à luz de seu próprio contexto histórico. As pessoas atacam homens e mulheres homossexuais porque eles são diferentes, esquisitos, estranhos. Lésbicas e gays não se encaixam em nossa sociedade, fazendo-se com que eles permaneçam estranhos, estrangeiros. São deserdados por suas próprias famílias, separados de seus filhos, despedidos de seus empregos, despejados de imóveis e expulsos de bairros, insultados por personalidades públicas, espancados e assassinados nas ruas. Tudo isto é feito em nome da religião e da suposta moralidade judaico-cristã. Esta opressão é o próprio pecado do qual o povo de Sodoma foi culpado. É exatamente este o comportamento que a Bíblia condena repetidas vezes. Portanto, aqueles que oprimem os homossexuais devido ao suposto “pecado de Sodoma” podem ser eles próprios os verdadeiros “sodomitas” tal como a Bíblia os entende (Ibid., p. 46, grifos do autor).

No entanto, com base na história de Sodoma e conseqüentemente nos atos ocorridos nessa cidade, a homossexualidade é vista como um pecado sexual.

### **A abominação no texto de Levítico: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é”**

Em Levítico (18:22), quem cometia a abominação era punido com a pena de morte; porém não só as relações sexuais entre dois homens, como também o adultério, o incesto e a bestialidade, também eram considerados crimes, cada um com sua diferente causa. Segundo Helminiak (1996), “o Levítico condenava o sexo homogenital como um crime religioso de idolatria e não como uma ofensa sexual, e era esta traição religiosa o que era considerado

grave o suficiente para merecer pena de morte” (p. 49). No entanto, nessa passagem, não se faz menção nenhuma à relação homossexual feminina.

### **A história de Rute e Naomi: a Bíblia fala em homossexualidade feminina?**

A passagem de Rute 1, 16-17 é utilizada para referir-se à homossexualidade feminina:

Disse, porém, Rute: Não me instes para que te abandone, e deixe de seguir-te; porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus; Onde quer que morreres morrerei eu, e ali serei sepultada. Faça-me assim o SENHOR, e outro tanto, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti (Rute 1, 2009).

Segundo Lindener e López (1999), esta passagem é lida muitas vezes em “celebrações de casamento, não é só declaração de solidariedade e continuidade da relação familiar depois da morte dos homens. Elas identificam esta narração como testemunha escondida de uma relação lésbica em tempos bíblicos” (p. 111). Os autores ainda mencionam que

[...] Rute é um texto múltiplo e inacabado em suas interpretações. Para alguns, Rute conta uma história dos tempos dos Juízes (1, 1), que explica ao povo a história do rei Davi, para outros é considerado com uma história de amor e fidelidade à amizade, também tem-se destacado como objetivo do livro a universalização da fé em Javé e a perpetuidade clânica (Ibid., p. 113).

### **Atos contra a natureza**

Segundo Daniel Helminiak (1998), o texto da Epístola aos Romanos é o texto a partir do qual muitas pessoas concluem que as relações homossexuais não são “naturais”. O texto escrito em Romanos 1, 22-27 diz:

Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. Por isso também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém. Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro (Romanos 1: 2009).

Segundo o autor Helminiak (1998), é a partir dessa passagem bíblica que a homossexualidade é entendida, por muitos, como algo contra a natureza de Deus, ou seja, algo não natural. O autor afirma que natural, dado por Paulo à palavra natureza, “refere-se aquilo que é característico, consistente, comum, padrão regular e esperado. Quando as pessoas agem conforme as expectativas e demonstram uma certa consistência, elas estão agindo naturalmente” (1998, p. 70).

Destacamos que não há uma única forma de pensar sobre os textos bíblicos: as leituras são feitas de maneiras diferentes e por diferentes sujeitos. Além disso, a cada tradução, leitura, tempo, época e sujeitos diferentes, o texto é interpretado de múltiplas maneiras. Cada leitor interpreta à sua maneira e (re)produz as passagens de acordo com seu contexto religioso, cultural e histórico em que vive.

Neste sentido, interessa-nos os efeitos produzidos por tais textos na constituição dos sujeitos e não se o que está posto na Bíblia possui o caráter de “verdade”. Nosso interesse é, então, buscar compreender a produção de significados e efeitos sobre e no interior de grupos sociais.

Deste modo, problematizamos o quanto os discursos religiosos, através dos significados dados as suas escrituras, vão produzindo efeitos e constituindo os sujeitos a agir de determinada forma, de assumir determinadas posturas e de falar sobre determinadas coisas com base naquilo que se compartilha através da leitura da Bíblia. Por exemplo, o caráter pecaminoso que se atribui à homossexualidade, baseado no texto de Romanos, em relação a ser algo contra a natureza, faz-nos compreender a atribuição ao sujeito homossexual como anormal. Neste sentido, normais são aqueles que agem conforme a “regra imposta” – casal heterossexual, branco e cristão –, são também aqueles que não desviam e não fogem à moral religiosa.

Assim, as instituições religiosas exercem estratégias de controle sobre os sujeitos, através das passagens bíblicas que são (re)produzidos na própria instituição, controlando os corpos, as sexualidades, as posturas, o que “pode e o que não pode ser dito”.



## O GRUPO FOCAL, AS ANÁLISES E A INVESTIGAÇÃO NARRATIVA

*“Eu adoro falar sobre este tema para mim é super interessante, mas a minha religião não aceita homossexuais (Marina)”.*

A frase acima refere-se a um comentário feito por uma adolescente durante sua participação em uma pesquisa de mestrado<sup>4</sup>, que tem como objetivos analisar narrativas de adolescentes sobre diversidade sexual e de gênero, conhecer os discursos desses/as adolescentes produzidos sobre as identidades sexuais e de gênero, e investigar as narrativas deles/as sobre a homofobia na sociedade, problematizando a importância de discutir esta temática no contexto escolar. Iniciamos nossa discussão com esse comentário, uma vez que ele nos evidencia o quanto somos controlados e vigiados em relação a nossa sexualidade por diversas instâncias, aqui, no caso, as instituições religiosas. Não faremos juízos de valores acerca das diferentes crenças religiosas e instituições; no entanto, analisaremos as narrativas produzidas por algumas adolescentes referente à questão da homossexualidade e da religião.

Os dados narrativos foram produzidos a partir da participação de algumas adolescentes em um grupo de discussões, conhecido como Grupo Focal. O Grupo Focal é um grupo de discussões acerca de uma(s) determinada(s) temática(s), que possibilita “o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum” (GATTI, 2005, p. 11). O mesmo foi constituído apenas por meninas, durante o qual emergiu a discussão sobre religião e homossexualidade. Os/as responsáveis pelas adolescentes participantes do grupo receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informando os objetivos do trabalho, horário, local e data dos encontros. Por questão ética, as mesmas tiveram seus nomes trocados, mantendo dessa forma seu anonimato.

Utilizamos o grupo focal para a produção dos dados da pesquisa, uma vez que nos valem da Investigação Narrativa como metodologia. Destacamos que este tipo de metodologia possibilita diferentes maneiras de produção de dados, sendo o grupo focal uma delas.

A narrativa como investigação é utilizada porque somos seres contadores de história. Desta forma no processo de contar e narrar histórias, os sujeitos vão constituindo sua própria identidade, assumindo diversas posições de sujeito, uma vez que elas são produzidas em meio

---

<sup>4</sup> A pesquisa de mestrado citada foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, na Universidade Federal do Rio Grande.

a contextos sociais diferentes (CONNELLY; CLANDININ, 1995; LARROSA, 1996). Neste sentido, “o estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma como os seres humanos experimentam o mundo” (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 11, tradução nossa). No entendimento desses autores, a narrativa é tanto o método de investigação quanto aquilo que se investiga. O grupo focal, portanto, foi utilizado na produção dos dados tendo em vista o entendimento de que os participantes possuem diferentes “realidades”, linguagem, atitudes, comportamentos, expressando-se de diferentes maneiras condizendo com o seu contexto social e cultural, bem como de acordo com as relações estabelecidas nesse contexto, ou seja, “cada pessoa se encontra já imersa em estruturas narrativas que lhe pré-existem e em função das quais constrói e organiza de um modo particular sua experiência, impõe-lhe um significado” (LARROSA, 2002, p. 70).

Neste sentido, apresentamos as narrativas que evidenciam a discussão sobre homossexualidade e religião:

**Pesquisadora:** *O que as religiões falam em geral sobre a homossexualidade?*

**Bia<sup>5</sup>:** *A católica, por exemplo, já disse que não aceita tipo a camisinha, né, que é uma coisa assim que é necessário, que não tem porquê. Eles já não gostam disso, imagino, ainda mais sabendo que Deus fez o homem e a mulher para se reproduzirem e eles são contra a camisinha pra poder se reproduzirem, porque foi a lei de Deus, foi assim que Ele fez, e aí uma pessoa que não pode procriar assim, acho que eles levam, a maioria das religiões, acho que leva isso como prioridade. Não sei as outras né, mas a católica eu sei que é assim e acho que em geral também porque todas pensam...*

**Marina:** *A minha é.*

**Pesquisadora:** *De que religião tu és?*

**Marina:** *Evangélica.*

**Pesquisadora:** *E o que eles dizem a respeito da homossexualidade?*

**Marina:** *Ah, sei lá. Quando entra um homossexual na igreja, eles ficam tudo olhando de cara feia.*

**Pesquisadora:** *Mas o que o pastor fala? Ele faz algum comentário a respeito da homossexualidade?*

**Marina:** *Fala. Ele fica dizendo que tá errado, que não tá certo, essas coisas assim. Por exemplo, assim, se não for homem e mulher juntos, não pode entrar pra igreja.*

**Laura:** *Eu acho assim, que por toda minha família ser evangélica, a gente além de não aceitar, não acredita nisso, sabe. Tanto que os meus pais, eles são bem: é isso, é isso; é aquilo é aquilo. Não tem meio termo, chances ou opção de mudar, entendeu. Se Deus fez assim, você tem que ser assim. Eu acho que Deus sabe mais que a gente mesmo. Então se ele fez você homem, é porque você deveria ser homem, entendeu? Que você não tem, mesmo que você ache que você se entenda como mulher, você nasceu homem. Um dia você vai entender que você tem que ser homem.*

**Pesquisadora:** *E o que tu achas?*

**Laura:** *Eu respeito, porque uma pessoa pode decidir o que ela quer ser. Eu respeito isso, mas eu também não aceito.*

**Pesquisadora:** *Mas o que a tua religião prega, o que eles dizem a respeito da homossexualidade?*

**Laura:** *Desde que eu nasci, o meu pai sempre me deu a escolha: é isso, isso e isso. A religião, sabe:, é isso, isso e isso, você quer? Ele nunca disse assim: tu vai pra igreja, porque eu tô mandando. Quando eu era pequena, eu até ia obrigada, porque era criança, mas agora, depois que eu fiz meus 15 anos,*

---

<sup>5</sup> Por questão ética e para manter o anonimato das participantes, os seus nomes foram trocados.

meu pai sentou comigo e disse assim: Você já tem cabeça; você já sabe o que é certo e o que é errado; o que eu tinha pra te ensinar eu já te ensinei; daqui pra frente, eu vou te aconselhar, mas aí é da tua cabeça; tu vai saber o que tu vai querer e o que tu vai fazer. Eu tenho certeza, se eu chegasse pro meu pai e dissesse: Pai, eu sou lésbica, sabe, ele não ia gostar. Por que, qual é o sonho de um pai? Não é bem aceito na sociedade? Ninguém quer ser diferente, sabe, mas eu acho que, se eu chegasse pra ele e falasse, ele não ia ter a maior felicidade do mundo, mas ele iria me respeitar porque foi uma escolha minha e é isso que o meu pai conversa comigo. Só que eu acho que não é o que eu quero.

**Pesquisadora:** Não, não, mas o que a religião diz?

**Laura:** Assim: Deus fez o homem e a mulher; e tipo assim: Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem; tipo assim, como é que eu posso explicar?

**Pesquisadora:** A tua igreja então não aceitaria um gay e/ou uma lésbica?

**Laura:** Não.

**Pesquisadora:** Não iria poder freqüentar?

**Laura:** Ia ser bem recebido, ia ser tratado normalmente, mas não ia aceitar pra se integrar ao grupo evangélico, tipo assim ó: Se eu tenho uma amiga lésbica e levasse ela na igreja, todos iriam receber ela bem, iriam tratar ela normal, iam respeitar, sabe, como uma pessoa normal; foi uma opção dela; mas tipo se ela quisesse se integrar na igreja, ia ter um monte de coisas pra mudar, entendeu?

**Pesquisadora:** E sobre a tua religião, o que pensam?

**Flávia:** Eu não tenho religião.

**Maíra:** Minha religião é Deus.

**Thais:** Católica.

**Natália:** Eu fui batizada na católica, mas eu frequento a espírita.

**Pesquisadora:** E o que a católica diz?

**Thais:** Ah, eu não sei, porque eu não frequento muito.

**Pesquisadora:** E a espírita, Natália?

**Natália:** Pois é, tem uma coisa legal que eu acho lá, que a gente tá, que eu sou da mesa, então esses tempos que a gente tava tipo ajudando um drogado, tipo uma consulta, sabe, e a gente faz isso também com esse tipo de...

**Pesquisadora:** ...pessoas que vão pedir ajuda.

**Natália:** Isto. Lá a gente recebe qualquer um, com braços abertos. Se tiver que ajudar a gente ajuda, até porque nós temos que fazer o nosso direito de ajudar nós mesmos e os outros, né. Lá ninguém tem preconceito. Muito pelo contrário a gente apóia: Se é a tua escolha, vai em frente. Se precisar, a gente tá aí. A gente tá ajudando agora, até um filho da que coordena lá. Ele é gay, né, e por isso mesmo, ele vai lá, até brinca com nós, conversa com nós. Esse gur,i que é usuário de drogas e vai lá, agora ele tá bem melhor do que antes com ajuda de todos nós de lá.

**Laura:** Deixa eu te perguntar uma coisa, assim independente de religião, porque geralmente religião segue regras: Vamos supor assim, religião é isso e etc. Agora elas falaram: não tenho religião, minha religião é Deus, ta. Então vamos por isso, por Deus, saindo de religião, tipo assim: Mudança de sexo, você não acha que estaria tirando tipo a capacidade de Deus? Tipo, eu nasci mulher, mas eu quero ser homem, será que Deus não errou quando ele me fez? Será que ele não deveria ter me feito mulher? Será que, tipo, Deus todo mundo sabe que ele é poderoso, que ele é perfeito, que ele não erra; então se eu tô mudando meu sexo, eu tô dizendo que Deus errou porque foi ele que me fez. Deus fez cada um de nós, não é isso? Então, será que quando se aceita, não to dizendo pra elas mudarem a opinião delas, é só uma pergunta, quando se aceita que ele mudou de sexo, feito isso, será que não se está questionando a capacidade de Deus?

**Duda:** Eu acho que não está questionando a capacidade de Deus e sim o psicológico dele, porque se ele queria ser, acho que Deus não vai julgar ninguém pelo sexo e sim pela sua personalidade, porque se ele quiser mudar, passar de homem para mulher ou vice-versa ele vai tá no psicológico dele. Se ele depois se sentir culpado, foi a escolha dele. Então eu acho que não deveria pensar: Bah se Deus me fez assim, então não vou fazer isso por tal e tal motivo.

**Laura:** Não é pela pessoa assim que eu tô dizendo, mas por Deus, entendeu? Tipo não é pra pessoa pensar: Ah Deus me fez errado. To falando por Deus. Será que Deus errou fazendo aquela pessoa mulher, se aquela pessoa, porque Deus sabe do futuro, então Deus saberia que aquela pessoa iria querer ser mulher, mas ele fez ela homem, então o erro não seria da pessoa, porque isso sim foi uma escolha dela, mas seria Deus.

**Natália:** *Eu acho que Deus fez a parte dele.*

**Duda:** *Sim, exatamente. Eu acho que Deus não julga ninguém pelo sexo, pelas suas escolhas, mas sim pelo que a pessoa faz, pelas suas atitudes, vamos dizer assim, não pelo sexo, pelo jeito de falar, pelo jeito de vestir, não, pela sua personalidade.*

**Flávia:** *Eu queira perguntar uma coisa pra ela (aponta para Laura). Será que Deus fez isso pra fazer uma prova a eles, pra fazer um obstáculo na vida deles?*

**Laura:** *Eu acredito que Deus tem outras formas de obstáculos, outras coisas pra ser provadas. Só que, como ela diz, Deus não julgaria então pelo sexo, pelo que a pessoa é. Então Deus também não julgaria pelo sexo, pelo que a pessoa quer ser.*

**Flávia:** *Mas pode ser assim também: Olha, ele pode colocar um obstáculo pra ti, ele faz um homem, só que esse homem ainda vai se revelar ser homo, mas pra ele, ele tem que primeiro tem que passar por cima do preconceito dele, pode ser um obstáculo pra ele se aceitar, pra ele ser o que ele é, por isso que eu te perguntei se não é um obstáculo de Deus a ele, entendeste?*

**Laura:** *Entendi. Só que assim, eu acho que, como é que eu posso te explicar, se Deus conhece a gente às vezes até melhor que a gente, por que, às vezes, a gente tem uma dúvida uma coisa assim, uma coisa que a gente não sabe, entendeu, tipo assim, ó: Se Deus queria que a pessoa se conhecesse, se entendesse, a pessoa poderia muito bem se entender como mulher, tipo assim: Eu sou mulher, sendo que Deus quer que eu me entenda como homem, eu posso me entender como homem, só que se é uma mulher.*

**Pesquisadora:** *Pelo que eu entendi do questionamento dela, é que, se vocês não acham que ser homossexual, ou querer trocar o sexo não seria um questionamento da capacidade de Deus?*

**Duda:** *Eu acho que não. Eu acho que, pra ser gay ou lésbica, tu tem que antes de tu te assumir, tu tem que te aceitar, tu tem que ter a tua certeza de que tu quer aquilo pra tua vida, porque muitas pessoas, muitas mulheres passam e os homens dizem: Como eu queria ser igual a ela. E aí mulheres: Ai que homem bonito. Admiram as pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto, porque queriam até de repente serem iguais, mas tu nunca vai ser igual a ninguém, tu tem que te aceitar, tu tem que te conhecer, tu tem que saber o que tu quer da tua vida, porque não adianta tu aí hoje: eu vou ser gay; e amanhã: eu vou ser hetero. Eu acho que depende de cada pessoa.*

**Flávia:** *Tem algumas teorias que dizem que Deus não é perfeito. Não tô questionando ta, que Deus foi pra cruz porque ele roubou. Tem várias teorias.*

**Duda:** *Eu já não acredito nisso. Eu acho que Deus foi pra cruz pra salvar o povo dele.*

**Laura:** *Deus ou Jesus?*

**Duda:** *Jesus.*

**Laura:** *Tipo na minha religião, esse negócio que ela falou de Deus ir pra cruz, só pra ficar bem entendido, na minha religião Jesus é uma pessoa e Deus é outra: Jesus veio à terra; Deus nunca saiu do céu, digamos assim.*

As narrativas evidenciam-nos que há vários pontos de discussão e análise acerca do que foi mencionado no grupo sobre a questão da religião e homossexualidade. Em meio às falas das adolescentes sobre a sexualidade, destacamos o discurso da família-reprodução, instituído como verdadeiro e legítimo, formado pelo casal heterossexual com a função de procriação.

Por este viés, os demais arranjos familiares, que não correspondem ao modelo padrão de família, constituem, assim, um discurso de anormalidade referente à sexualidade dos indivíduos, uma vez que esses não seguem a regra imposta pela sociedade. Neste contexto, a homossexualidade possui seu caráter antinatural, uma vez que a função reprodutora é constituinte da relação heterossexual, não correspondendo, dessa forma, à imposição social e à manutenção do modelo de família nuclear – heterossexual, branca e cristã. Esse modelo de

família nuclear é reproduzido pelas instituições religiosas quando instauram e legitimam uma única forma de viver a sexualidade, a heterossexualidade, controlando os corpos e desejos dos sujeitos.

Sobre essa questão, Torres (2005) destaca que, do século XV ao XIX, está articulada, tanto na Igreja Católica como no mundo por ela influenciado, uma moral na qual o sexo é visto apenas como função procriadora (p. 83). Foucault (2007a) destaca que “a prática procriadora, se se quiser conjurar todos os perigos que a ameaçam e assegurar-lhe o sucesso que dela se espera, demanda uma grande atenção, ou melhor, toda uma atitude moral” (p. 112). Neste sentido, é contra as leis de Deus uma relação que não tem como função a reprodução, não podendo dessa forma constituir uma família dentro dos padrões normais ditos pela sociedade. As relações homossexuais, neste sentido, não obedecem à ordem de Deus, uma vez que, segundo Natividade (2009), “o pênis, que produz esperma, não foi criado por Deus para o prazer individual (fora do casamento cristão), mas para a reprodução da espécie humana, para ser depositada em um vaso natural (a vagina), também criada por Deus” (p. 120). Além disso, Busin (2007) destaca que “uma prática sexual desvinculada da procriação, além de antinatural, traz à tona a questão do prazer sexual imediato, desvinculado de laços afetivos” (p. 57), que é a questão segundo a qual, muitas pessoas consideram que não há relações homossexuais duradouras e com amor.

Deste modo, levando em conta a associação que se faz das relações sexuais com a reprodução, a não correspondência à família-reprodução seria uma forma de ignorar a vontade divina, uma vez que a “família é considerada a expressão máxima de Deus na Terra, e a reprodução com a finalidade de constituir a família de Deus é o princípio defendido” (NATIVIDADE, 2009). Torres (2005) destaca que o modelo de família heterossexual

[...] é apresentado pela Igreja Católica como única opção para o exercício da sexualidade e criação dos filhos [...] o exercício da sexualidade somente é permitido dentro da família legitimada pelo matrimônio. Os homossexuais permanecem num duplo impeditivo: não se aceitam na Igreja Católica uniões conjugais entre pessoas do mesmo sexo e não se permite a sexualidade fora do casamento (p. 88).

A passagem abaixo é utilizada por Julio Severo para referir-se ao casamento heterossexual, tido por ele como a determinação divina. Dessa forma, “o chamado para o casamento e sexo tem alvo específico: homem e a mulher” (2009).

Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez. E disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão

dois numa só carne? Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem (MATEUS 19, 2-6).

A partir desse entendimento, a família formada por um casal homossexual é tido como um pecado sexual contrário à natureza divina (TORRES, 2005). Isso é evidente na fala de Laura, quando diz que “Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem”. Neste sentido, “a legalização das uniões homossexuais acabaria, portanto, por ofuscar a percepção de alguns valores morais fundamentais e desvalorizar a instituição matrimonial” (RATZINGER, 2009), uma vez que o matrimônio faz referência à família padrão, que tem por função o sexo a propósito da procriação. A procriação é considerada uma das principais justificativas do ato sexual (FOUCAULT, 2006). Segundo Ribeiro (2002, p. 63), a “sexualidade encontra-se relacionada à procriação, por conseguinte, à copulação sendo uma razão justificável para as relações sexuais e para a formação de uma família constituída por um casal heterossexual e seus filhos”. Segundo Foucault (2007), o discurso da família conjugal emergiu a partir da burguesia vitoriana, em que

[...] a sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos (p. 9-10).

Sobre essa questão, Loiola (2001) destaca que o casamento é tido como o sacramento mais importante nas instituições religiosas. Sendo assim

[...] a sua norma também será elevada – casa-se homem com mulher e vice-versa, bem herdado pela geração de Adão e Eva – conforme a escritura sagrada, fundamentada, especialmente, na reprodução da espécie humana, concomitante a reprodução das idéias cristãs traduzida pelos seguidores de Jesus (p. 75).

Outro ponto de destaque das narrativas foi a questão da mudança de sexo, onde as meninas questionam se mudar o sexo não seria uma forma de duvidar da capacidade de Deus. Há um contraponto em que Flávia questiona se não seria então um obstáculo na vida do sujeito que ele tivesse que superar, ou seja, Deus *“faz um homem, só que esse homem ainda vai se revelar ser homo, mas pra ele, ele tem que primeiro tem que passar por cima do preconceito dele, pode ser um obstáculo pra ele se aceitar, pra ele ser o que ele é”* (Flávia).

Através dessas falas, podemos perceber que, para Laura, a mudança de sexo seria uma forma de rejeitar a vontade divina. Já a Flávia entende que essa seria uma forma de aceitação pessoal, uma forma do/a homossexual reconhecer-se como tal, contribuindo dessa forma para a superação do preconceito que ele pudesse vir a ter.

Ainda temos, nas narrativas, a questão da conversão religiosa, pois segundo a adolescente Laura, o/a homossexual até pode frequentar a sua instituição religiosa, mas para pertencer ao grupo evangélico, essa pessoa precisará mudar como, por exemplo, a identidade sexual. Natividade (2009), sobre suas análises referentes a alguns livros evangélicos, aponta para a questão da restauração sexual, em que o discurso religioso busca assumir uma única forma de viver a sexualidade, seus desejos e prazeres, a heterossexualidade. Neste sentido, as pessoas que fogem desse padrão precisam de restauração sexual, o que equivale à reparação. O autor menciona que, para o discurso evangélico isso significa que

[...] um impulso sexual natural (heterossexual) foi pervertido em sua origem por experiências traumáticas e pela prática de certos pecados, é passível de ser restaurado pela comunhão com o Espírito Santo, em um processo que envolve cura das memórias, busca da santificação, disciplina e libertações [...] a retórica evangélica recorre a um naturalismo com certas especificidades: privilegia uma concepção de natureza divinamente concebida e ordenada. Todo o esforço pela cura (em seu sentido ideal) envolverá necessariamente um retorno às determinações de Deus, no que tange à sexualidade humana. A noção de restauração sexual pressupõe também um ideal de gênero a ser perseguido pela via da experiência religiosa (p. 124).

Partindo desses entendimentos, a restauração faria do/a homossexual um/a ex-homossexual, dessa forma remetendo-nos à fala de Laura, assim podendo pertencer ao seu grupo religioso, uma vez que houve a sua conversão.

Neuza Itioka (2005), presidente do Ministério Ágape da Reconciliação, em seu livro *Restauração Sexual*, faz algumas considerações a respeito da homossexualidade. Ela diz que seu objetivo, através desse livro, é “trazer esperanças aos irmãos que lutam com suas tendências homossexuais, mostrando que existe solução para eles (p. 71); e ela continua, dizendo que “o propósito é ajudar os que realmente desejam ser liberto, bem como auxiliar aos libertadores a ministrar os que escolheram deixar as práticas homossexuais” (Ibid., p. 71). A autora aponta que, para poder ajudar os homossexuais a se libertarem ela precisa antes saber quais foram as causas que o/a levaram a ser homossexual, entre as quais ela destaca: educação sexual a favor da homossexualidade, a tolerância social, a legalização das relações homossexuais, a falta de presença do pai, pai com inclinações homossexuais, o divórcio,

irmão com tendências homossexuais, hospedar homossexuais em casa. Neuza destaca que o tratamento aos homossexuais é feito tendo em vista a perspectiva dos libertadores, através da “cura das memórias, das feridas da alma, das emoções e a liberação dos demônios justamente com a saída da prisão espiritual” (2005, p. 69). No entanto, a autora destaca que um/a homossexual não se restaura ao estado que Deus o/a criou, a não ser com a “expulsão dos demônios”. Nessa direção, sobre as curas das memórias, Natividade (2009) destaca que

[...] a literatura religiosa concebe a cura das memórias como etapa fundamental na restauração da sexualidade, partindo do pressuposto de que a homossexualidade, assim como outros desvios sexuais “arraigada” na mente do indivíduo, sob a forma de emoções doentes, traumas e vícios. Para atingir a cura das memórias é preciso buscar a raiz do problema, localizando lembranças para situar quando e onde se deu o desvio de um curso normal da sexualidade (p. 125).

Partindo desse princípio, deve-se confessar todos os seus desejos, todas as suas condutas de modo a encontrar a “origem do problema”, que fez com que o sujeito homossexual rompesse com a ordem natural de Deus, fugindo às regras. Neste sentido, o indivíduo, ao arrepender-se, ao renunciar ao erro, ao confessar, liberta-se de seu pecado (NATIVIDADE, 2009). Neste sentido, “confessa-se – ou se é forçado a confessar. Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum imperativo interior, é extorquida; desencavam-na na alma ou arrancam-na ao corpo” (FOUCAULT, 2007, p. 68).

Cabe salientar que o Cristianismo instaurou um procedimento singular de confissão: aquele que era localizado somente no interior da penitência, porém com as transformações ocorridas e, especificamente, após a Reforma, o discurso da confissão explode, tomando novos rumos, “ela se tornou um comportamento que podia ter funções simplesmente, digamos, psicológicas, de melhor conhecimento de si, de esclarecimento de suas próprias tendências, de possibilidade de gerir a vida” (FOUCAULT, 2003, p. 237). Porém, para o discurso religioso destacado aqui, a confissão é imprescindível para obter a cura e libertar-se da homossexualidade. Neuza Itioka (2005) aponta que o primeiro aspecto importante para que ocorra a libertação e restauração sexual do sujeito, é arrepender-se do seu pecado. Dessa forma, deve-se confessar todos os eventos da vida anteriormente ao erro e ao pecado, não esquecendo de nada. Assim “toda a biografia do sujeito deve passar pelo crivo da memória: o passado deve ser pesquisado, analisado, examinado, perscrutado, confessado e renunciado” (NATIVIDADE, 2009).

Nas narrativas, podemos perceber que os discursos produzidos nas instituições religiosas interpelam os sujeitos, constituindo-os como sujeitos pertencentes a determinadas



religiões ou não, e esses reproduzem, muitas vezes, tais discursos, alegando a homossexualidade como algo contra as leis de Deus e que o sujeito homossexual precisa de ajuda para se libertar desse mal que o aflige.

Destacamos que as problematizações feitas ao longo do texto contribuem para destacar que a adolescência é atravessada por esses discursos que permeiam a sociedade e (re)produzem a afirmação de que a homossexualidade é um ato de pecado, que não coincide com a “vontade de Deus”.

### **ENFIM...**

A homossexualidade, segundo as narrativas apresentadas neste artigo, é uma identidade sexual anormal, uma vez que não cumpre com alguns princípios bíblicos como, por exemplo, a procriação. A heterossexualidade, neste sentido, representa o modelo padrão de sexualidade, uma vez que não desvia as regras impostas socialmente, é então, a relação natural.

Nas narrativas, podemos perceber o quanto o discurso religioso permeia a sociedade, no caso aqui entre as adolescentes, como uma forma de instaurar aquilo que é “aceito” ou não perante as leis de Deus. Neste sentido, a homossexualidade, como a identidade anormal para algumas instituições religiosas, necessita de cura, de restauração e libertação. Além disso, cabe salientar que a confissão, exercida até hoje por algumas instituições religiosas, é uma forma de controle sobre os desejos e sobre a vida dos sujeitos. Embora a confissão tenha assumido um novo patamar de discussão, algumas instituições ainda operam com ela, para dessa forma as pessoas confessarem seus pecados e, então, receber o “castigo” que confere aos seus erros.

As narrativas possibilitam-nos perceber que o discurso religioso atravessa também os/as adolescentes, fazendo-os reproduzi-lo diante das discussões realizadas. Neste sentido, alguns textos bíblicos, como os que foram apresentados, contribuem para a afirmação da homossexualidade como um pecado, como uma abominação, como um ato contra a natureza de Deus. Dessa forma, o discurso religioso, ao instaurar o que é e o que não é aceito diante das leis de Deus, controla, vigia e governa os corpos e as condutas dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri – São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BÍBLIA ON LINE. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/>>. Acesso em: 10 out. 2009.

BUSIN, Valéria Melki. **Homossexualidade, religião e gênero**: a influência do catolicismo na construção da autoimagem de gays e lésbicas. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ PUC. Mestrado em ciências da religião: São Paulo, 2008.

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CONNELLY, Michael; CLANDININ, Jean. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, J. et al. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Laertes, 1995.

FOUCAULT, Michel. Diálogo sobre o Poder. In \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos IV**: Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2004.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e poder. In \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos V**: Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

HELMINIAK, Daniel. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. São Paulo: Summus, 1998.

ITIOKA, Neuza. **Restauração Sexual**: Deus pode curar suas dificuldades mais íntimas. Associação do Ministério Ágape Reconciliação: São Paulo: 2005.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In: \_\_\_\_\_. **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996.

\_\_\_\_\_. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz (Org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 2002.

LINDNER, Sabine, LÓPEZ, Mena. Deuses e mulheres – entre o mito e a realidade: religião, lesbianidade e maternidade. In: **Mandrágora Religião e homossexualidade**. Universidade Metodista de São Paulo, 1999.

LOIOLA, Luis Palhano. **Coisas difíceis de dizer**: as manifestações homofóbicas do cotidiano de jovens. 2001. Dissertação de Mestrado em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação. Fortaleza: UFC, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, Gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. In: **Revista Brasileira Ciências Sociais**, São Paulo, n. 61, v. 21, jun. 2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/107/10706106.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2009.

RATZINGER, Joseph Card., AMATO, Angelo. Considerações sobre os projectos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais. IN: **Congregação para a doutrina da fé**. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20030731\\_homosexual-unions\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20030731_homosexual-unions_po.html)>. Acesso em: 20 out. 2009.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade**: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. 2002. Tese de Doutorado, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre: UFRGS, 2002.

ROMANOS 1. **Bíblia on line**. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/rm/1>>. Acesso em: 17 out. 2009.

RUTE 1. **Bíblia on line**. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/rt/1>>. Acesso em: 17 out. 2009.

SEVERO, JULIO. **A bíblia e o homossexualismo**. Disponível em: <<http://juliosevero.blogspot.com/2004/05/bblia-e-o-homossexualismo.html>>. Acesso em: 15 out. 2009.

STUMPF, Débora Carine. **Representações de sexualidade no currículo da Nova Escola e a construção do sujeito heterossexual**. 2003. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

TORRES, Marcos Antônio. **Os significados da homossexualidade no discurso da Igreja Católica Romana pós-Concílio Vaticano II**: padres homossexuais, tolerância e formação Hegemônica católica. Belo Horizonte: 2005. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

### **4.3 PROBLEMATIZANDO OS MARCADORES SOCIAIS DE GÊNERO NA CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS HOMOSSEXUAIS<sup>1</sup>**

Resumo: Neste estudo, analisamos dados narrativos produzidos por adolescentes, acerca das representações de gênero que se relacionam à homossexualidade. Na perspectiva de discutir o entrelaçamento das identidades de gênero e das identidades sexuais, problematizando-as como construções sociais e culturais, estabelecemos algumas conexões com o campo dos Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas. Segundo os/as adolescentes participantes da pesquisa, nas diversas instâncias sociais há diversas formas de ver e entender a homossexualidade, o que diferencia a homossexualidade feminina da homossexualidade masculina. Os/as mesmos/as afirmam que entre duas mulheres há mais carinho, amizade, permite-se uma relação mais próxima do que entre dois homens, uma vez que na nossa sociedade, homem tem que ser grosseiro, viril, etc. Além disto, apresentamos algumas narrativas, que rejeitam ambas as identidades sexuais mencionadas.

Palavras-chave: Identidades. Homossexualidade. Homofobia. Escola.

#### **QUESTIONING THE SOCIAL MARKERS OF GENDER IN THE CONSTITUTION OF HOMOSEXUAL SUBJECTS**

Abstract: This study aimed to analyze the narrative data produced by adolescents about gender representations related to homosexuality. With a view to discuss and question the interweaving of gender and sexual identities, exploring them as socially and culturally constructed, connections with the Cultural Studies in its post-structuralist bias were established. Participants in the research noted that there is a greater acceptance of female homosexuality. According to them, on the one hand, women show more affection, friendship, allowing a closer relationship than men do; on the other hand, a man “shall not” be homosexual due to the fact that he has to be rough, virile, etc. Moreover, narratives rejecting both sexual identities mentioned are also presented.

Keywords: Identity. Homosexuality. Homophobia. School.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo<sup>2</sup> tem como objetivo analisar dados narrativos produzidos por adolescentes, acerca das representações<sup>3</sup> de gênero que se relacionam à homossexualidade, buscando problematizar o entrelaçamento das identidades de gênero e das identidades sexuais, uma vez que os marcadores sociais instituem as maneiras de ser e agir como homens e mulheres e de

---

<sup>1</sup> O artigo mantém as normas exigidas por Cadernos de Pesquisa – Fundação Carlos Chagas, para o qual o mesmo será submetido.

<sup>2</sup> Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (Associação Ampla FURG/UFRGS/UFSM), na Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

<sup>3</sup> Tomamos representação a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, como construções discursivas feitas a partir de uma rede de significados, instituídos através das linguagens.

pensar e atuar em relação à sexualidade. A fim de discutirmos sobre tais questões, estabelecemos algumas conexões com o campo dos Estudos Culturais<sup>4</sup>, nas suas vertentes pós-estruturalistas.

De acordo com Louro (2007), as identidades de gênero são construções sociais e históricas, produzidas em relação às características biológicas, ou seja, os significados sociais atribuídos às masculinidades e às feminilidades são sempre produzidos no contexto de uma determinada cultura. Portanto, as identidades de gênero referem-se aos modos de ser, de se portar, de amar, de se vestir, de andar, de falar, etc. vinculados ao mundo masculino e feminino. Com relação às identidades sexuais, Louro (2007) também afirma que essas construções se estabelecem e se codificam na sociedade, na história e na cultura e que dizem respeito às diferentes formas de expressar os prazeres e os desejos corporais, que podem ser tanto com parceiros do sexo oposto (heterossexuais), quanto com parceiros do mesmo sexo (homossexuais), ou até mesmo de ambos os sexos (bissexuais).

As identidades de gênero e as identidades sexuais são (re)produzidas e assumidas em diferentes espaços, entre os quais destacamos a escola, que é uma instância de aprendizagem que não apenas transmite/produz conhecimentos, mas que, a partir de múltiplos discursos, práticas, códigos, regras, saberes, determina o que os sujeitos podem ou não podem fazer, posicionando-os na sociedade. Louro (2000) destaca que “a escola está absolutamente empenhada em garantir que os seus meninos e meninas se tornem homens e mulheres “verdadeiros” que correspondam às formas hegemônicas de masculinidade e feminilidade” (p. 49, grifos da autora). Neste sentido, a escola participa da constituição dos sujeitos, fabricando as identidades de gênero e as identidades sexuais, “legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras” (LOURO, 2007, p. 31).

A heterossexualidade é reforçada na sociedade, e também na escola, como a única forma normal, natural e legítima de expressar os desejos e prazeres. Dessa forma há um conjunto de regras, normas<sup>5</sup>, valores, mecanismos que buscam definir a heterossexualidade como a identidade sexual normal. A homossexualidade, por não corresponder aos padrões

---

<sup>4</sup> Os Estudos Culturais constituem-se em um campo de teorização, investigação e intervenção, que estuda os aspectos culturais da sociedade (COSTA, 2004; VEIGA-NETO, 2004). Neste sentido, a cultura pode ser entendida como “a produção e o intercâmbio de significados – o ‘dar e o receber de significados’ – entre os membros de uma sociedade (HALL, 1997, p. 2).

<sup>5</sup> Segundo Marcio Fonseca (2002), baseado nas discussões do filósofo Michel Foucault, a psiquiatria, tida como um campo fenomenologicamente aberto, coloca duas coisas: “a ‘norma’, entendida como regra de conduta, como princípio de conformidade, a que se oporão a irregularidade, a desordem, a excentricidade e a ‘norma’ enquanto regularidade funcional, enquanto princípio de funcionamento adaptado e ajustado, a que se oporão o patológico, o mórbido, o disfuncional. A psiquiatria permitiria, assim, o ajustamento parcial desses dois ‘usos’ ou ‘realidades’ da norma: a norma como regra de conduta e a norma como regularidade funcional” (p. 85).

estabelecidos aos gêneros e aos desejos sexuais, é caracterizada como uma identidade desviante. Dessa forma, esse padrão imposto socialmente é reforçado e ensinado nas instituições escolares como a sexualidade natural, formada por um casal heterossexual – homem e mulher – que age conforme as normas de gênero e com o desejo reprodutivo. A heterossexualidade compulsória, segundo Swain (2007), “conduz o processo de subjetivação feminino, estabelece lugares de fala e de atuação, delimita funções. Induz comportamentos, institui representações sociais e sobretudo, restringe o humano à condição binária, hierárquica e reprodutora” (p. 9).

Tamsin Spargo (2004) argumenta que a heterossexualidade vincula-se ao gênero, uma vez que há uma série de produções de tabus contra homossexualidade, que resulta na coerência dos gêneros aparentemente unidos aos sexos biológicos. Segundo Butler (2003), “a instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação em que o termo masculino diferencia-se do feminino, realizando-se essa diferenciação por meio de práticas do desejo heterossexual” (p. 45). Neste sentido, as relações de gênero encontram-se imbricadas nas identidades sexuais. A sexualidade é atravessada por esquemas classificatórios baseados na oposição e na hierarquização entre os gêneros masculino e feminino. A heterossexualidade compulsória, portanto, conduz os sujeitos, domesticando-os a agir conforme as normas de gênero e sexuais, induzindo-os à relação natural entre os sexos opostos. A heterossexualidade, construída como uma identidade normatizadora, adquire seu caráter de “verdade”, disciplinando os sujeitos à prática sexual dentro dos padrões sociais (SWAIN, 2007).

Por este viés, a homossexualidade recebe seu caráter de anormalidade, uma vez que transcende e não obedece, muitas vezes, ao padrão imposto socialmente ao gênero masculino ou feminino. Desse modo, “a homossexualidade se mostra como *locus* de transgressão e de recriação da dicotomia homem/mulher” (MONTEIRO, 2009). Neste sentido, de acordo com os marcadores sociais atribuídos a cada gênero, criam-se expectativas a respeito do comportamento considerado apropriado aos homens e às mulheres, o que relaciona as identidades de gênero às identidades sexuais. Se o menino é meigo, fala carinhosamente e é caprichoso, é *gay*. Se a menina usa calça larga, tem cabelo curto e joga futebol, é lésbica.

Tânia Swain (2004) argumenta que

[...] mulheres e homens, assim somos designados ao nascer, assim somos olhados, avaliados, em tons de apreciação ou menosprezo, segundo critérios de beleza, sedução, fecundidade. Assim também nos olhamos, nos criticamos, nos julgamos, submissos ou rebeldes à norma [...] a heterossexualidade compulsória, fenômeno relativamente recente na história

humana, passa a ser a regra universal, o que determina a integração social dos papéis do “verdadeiro” masculino e feminino (p. 16-17).

Desta forma, aqueles/as que não correspondem às atribuições feitas para determinado gênero passam a ser estigmatizados/as e, portanto, discriminados/as do contexto social em que se vive, ou seja, “aqueles/as que transgridem as fronteiras de gênero e sexualidade, que atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados ‘próprios’ de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes” (LOURO, 2004, p. 87). A homossexualidade é, dessa forma, rejeitada, passível de correção e excluída, uma vez que a heterossexualidade é a norma imposta socialmente. Eribon (2008) argumenta que, ao organizarmos a sexualidade conforme hierarquizações, nossa sociedade confere à homossexualidade um estatuto de inferioridade.

Butler afirma que:

A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e ‘fêmea’. A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do sexo nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. Ora, do ponto de vista desse campo, certos tipos de “identidade de gênero” parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente porque não se conformam às normas da inteligibilidade cultural (2003, p. 39, grifos da autora).

A partir desses entendimentos, os sujeitos que escapam à “zona de normalidade”, que fogem do padrão histórico, cultural e social e das permissividades atribuídas a cada gênero, que normatizam os sujeitos, são tidos/as como anormais. Dessa forma, tais sujeitos passam por constrangimentos e tornam-se alvo de vigilância (SILVA, 2008). Louro (2000) afirma que “a esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia” (p. 80).

Operamos com o termo homofobia, no sentido de manifestação de ódio, repulsa, aversão, nojo, etc. não somente em relação aos/as homossexuais, mas também a transgêneros (travestis e transexuais) e bissexuais. Borrillo também destaca que a “homofobia é um fenômeno complexo e variado. Podemos entrevê-la em piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado; no entanto, ela pode revestir-se também de formas mais brutais,

chegando inclusive à extermínio” (2009, p. 18). Neste sentido, é importante destacar que a homofobia não se articula somente através da agressão física, mas também através de manifestações verbais, como xingamentos, apelidos referentes à homossexualidade, a transgeneridade e a bissexualidade, além de deboches, risos, piadas, etc. A homossexualidade, portanto, perturba os heterossexuais, incomoda, inquieta, provoca a rejeição porque subverte a ordem natural (ERIBON, 2008).

Segundo Borrillo (2009),

[...] a homofobia organiza uma espécie de “vigilância do gênero”, pois a virilidade deve se estruturar não somente em função da negação do feminino, mas também da rejeição à homossexualidade. A homofobia é a estigmatização, por repulsa ou violência, das relações sensíveis entre homens, particularmente quando esses homens são apontados como homossexuais ou se afirmam como tais. É, igualmente, a estigmatização ou negação das relações entre mulheres que não correspondem a uma definição tradicional de feminilidade. Dessa forma, a homofobia geral permite denunciar os desvios e deslizes do masculino em direção ao feminino e vice-versa, de tal maneira que se opera uma espécie de atualização constante nos indivíduos, lembrando-os de seu “gênero certo” (p. 22).

Desta forma, ao construirmos a heterossexualidade como a única maneira de viver os desejos e prazeres, estamos relegando a homossexualidade ao lado da anormalidade, da patologia, do desvio, da diferença. Segundo Louro, “ninguém é essencialmente diferente, ninguém é essencialmente o outro, a diferença é sempre constituída a partir de um dado lugar que se torna o centro” (2000, p. 42). Neste sentido, a heterossexualidade assume o centro, é a referência, uma vez que corresponde às expectativas da sociedade em relação aos gêneros e em relação à própria sexualidade. Fry e MacRae (2009) destacam que a homossexualidade e as práticas a elas associadas são produções históricas que se constroem na sociedade. Neste sentido, tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade são construções históricas, sociais e culturais que se produzem em meio a múltiplos discursos, em que muitos desses, buscam (re)afirmar a heterossexualidade como a identidade sexual normal.

A partir destes entendimentos, apresentaremos algumas narrativas constituídas por adolescentes, evidenciando que os atributos sociais de gênero se relacionam e contribuem para que, do ponto de vista social, haja uma diferença entre a homossexualidade feminina e a homossexualidade masculina.



## **ANALISANDO AS NARRATIVAS DOS/AS ADOLESCENTES SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE FEMININA E A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA**

As narrativas a serem analisadas foram produzidas através da participação de alguns/as adolescentes de oito (8) escolas do Ensino Médio, do Município do Rio Grande/ RS, e fazem parte de uma pesquisa de mestrado<sup>6</sup> sobre adolescência, diversidade sexual e homofobia na escola. Para tanto, os dados narrativos foram produzidos através de duas etapas da pesquisa, onde, em sua primeira etapa os/as participantes, de idade compreendida entre treze (13) e dezoito (18) anos, preencheram um questionário contendo algumas questões sobre adolescência e diversidade sexual, bem como quais seriam as atitudes deles/as frente a um/a colega homossexual, bissexual, travesti e transexual; frente a um/a professor/a homossexual, ente outras. Participaram desta etapa duzentos e vinte um (221) alunos/as, sendo que cento e dezenove (119) participantes são do sexo feminino e cento e dois (102), do sexo masculino. Cabe destacar que foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido à direção de cada escola, informando os objetivos e procedimentos adotados ao longo da pesquisa, esclarecendo os compromissos a serem assumidos pela escola e pela pesquisadora.

Juntamente com o questionário, os/as adolescentes receberam um convite de participação da segunda etapa da pesquisa, ou seja, foram convidados a participarem de um Grupo Focal<sup>7</sup>, a fim de problematizar as questões presentes nos questionários e conhecer os entendimentos dos/das participantes sobre a diversidade sexual e de gênero. Aqueles/as que aceitaram participar preencheram a ficha de participação, a qual continha nome, *e-mail* e telefone, para que a pesquisadora pudesse entrar em contato com o/a participante. Desta segunda etapa da pesquisa, participaram vinte e dois (22) adolescentes, sendo dezesseis (16) meninas e seis (6) meninos.

Os/as responsáveis pelos/as adolescentes interessados/as também receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informando os objetivos do trabalho, horário, local e data dos encontros.

Apresentaremos os dados narrativos produzidos pelos/as adolescentes durante a sua participação nas duas etapas da pesquisa descrita anteriormente. A fim de atender às questões

---

<sup>6</sup> Esta pesquisa de mestrado tem como objetivos: analisar narrativas de adolescentes sobre diversidade sexual e de gênero, conhecer os discursos dos/as adolescentes produzidos sobre as identidades sexuais e de gênero, e investigar as narrativas deles/as sobre a homofobia na sociedade, problematizando a importância de discutir esta temática no contexto escolar.

<sup>7</sup> Para Gatti (2005), o grupo focal é uma estratégia que possibilita “o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum” (p. 11).

éticas e para que se mantivesse o anonimato dos/das participantes, seus nomes foram trocados.

**Alex<sup>8</sup>:** *Bah, não sei como pode, homem com homem. Não sei qual é a diferença, mas homem com homem é nojento. Bah, imagina! Homem beijando com aqueles bigodes... Ai, que nojo!*

**Tony:** *Ah, pra mim fica mais estranho, sora.*

**Pesquisadora:** *Mas não pode existir amor, paixão, entre dois homens?*

**Pablo:** *Ah, não, sora. Não vou dizer que eu não concordo, cada um com seu gosto, mas...*

**Tony:** *Não, sora. Eu só não concordo homem com homem. É mais nojento.*

**Rita<sup>9</sup>:** *Mas qual é a diferença de ver duas mulheres se beijando e dois homens? É a mesma coisa.*

**Alex:** *Ah, não. Homem é bem mais nojento. Não dá nem de pensar.*

**Marina:** *Homem não é normal, só porque tu és homem?*

**Alex:** *Ah, mas imagina homem com homem se beijando!*

**Marina:** *Mas são eles. Não é tu. A opção é deles.*

**Ricardo:** *Uma vez eu vi um homem beijando outro homem. Foi uma vez só, lá em Porto Alegre. Eu fui entrar no banheiro e vi que tinha dois homens se beijando e não tive nem vontade de ir ao banheiro mais. Saí e me deu um nojo na hora.*

**Duda:** *Ah, eu acho assim, sabe, mais estranho, por que, eu não sei.*

**Alex:** *Bah, e aí tá louco cara. Na hora da cama que graça vai ter? Ah, o bagulho pega fogo. Ah, não! As duas coisas não dá (faz gestos com a mão, uma batendo na outra). Homem com mulher, já tem uma coisa bem legal. Mulher com mulher não tem aquilo que o homem toda hora quer.*

**Pesquisadora:** *O que seria?*

**Alex:** *Ué, sexo!*

**Pesquisadora:** *Como não tem sexo? Por que tu achas isso?*

**Alex:** *Como? Não, duas vaginas fazendo sexo, vão só se bater, me diz? Que nojo (risos)! Ah, mulher com mulher, nada a ver.*

**Pesquisadora:** *Tu namorarias uma mulher que já namorou outra mulher?*

**Alex:** *Ah, namoraria (debochando)... Eu não!*

**Tony:** *Eu, sim. O quê que tem.*

**Pablo:** *Dizem que mulher com mulher, mais é sexo, sora. E isso eu não entendo.*

**Alex:** *Mulher com mulher dá jacaré.*

**Laura:** *Assim, eu acho que duas mulheres é mais fácil de entender do que de dois homens.*

**Alex:** *Eu acho estranho isso de gostar do mesmo sexo.*

**Marina:** *Tu dizes isso porque tu gostas de uma mulher.*

**Alex:** *É, eu gosto de mulher.*

**Pablo:** *Porque, se tu gostasse de homem, tu ias achar estranho homem gostar de mulher.*

Para corroborar essa discussão, apresentamos dois dados que emergiram a partir do preenchimento dos questionários sobre as diferenças nas formas de ver e entender a homossexualidade feminina e a homossexualidade masculina. No questionário havia duas perguntas referentes a essa questão: “O que pensas quando um casal de homens mostra seus sentimentos em público da mesma maneira que um casal de homem e mulher?” Dos duzentos e vinte e um (221) adolescentes que responderam aos questionários, sessenta e quatro (64) responderam que dá nojo ver. Já quando a pergunta fazia referência à homossexualidade

<sup>8</sup> Participante da pesquisa, que se assumiu homofóbico durante a realização do grupo focal.

<sup>9</sup> Participante que se assumiu lésbica durante o grupo focal.

feminina, um pouco menos, mas também importante considerar que, dos duzentos e vinte um (221) adolescentes participantes, cinquenta e nove (59) responderam que sentem nojo.

O diálogo entre os/as adolescentes prossegue e as narrativas apresentam discussões sobre o entrelaçamento das identidades de gênero com as identidades sexuais. Neste sentido, os/as adolescentes argumentam que a diferença entre homossexualidade feminina e masculina dá-se pelo fato de que há marcadores sociais atribuídos aos gêneros e que demarcam a identidade sexual.

**Bia:** *Lá em casa, tá, eu sou lésbica (dando exemplo); e o meu irmão é gay. Acho que não teria uma diferença do tratamento assim: Ah porque ela é lésbica, né...tem essa história; porque é homem, é uma coisa assim mais nojenta, mais fora do comum; mulher é mais delicado; é porque homem, né, tem que ter uma relação, né...mas isso acho que influencia mais, sabe. Homem parece uma coisa muito obscena, muito, ai, como que é que se fala... mais escandaloso. Eu acho que o tratamento diferente seria por isso. Eu não trato ninguém diferente, sinceramente. Só que tem pessoas que, tipo, vê por esse lado, porque homem é tipo assim... é uma figura paterna, tem que ser forte, tem que, né...E mulher é mais delicada. É mais, acho que lida mais com a parte afetiva, entendeu? Quando são duas mulheres, parece que... Mas homem, não. É uma coisa mais agressiva. Acho que é por isso que o tratamento é diferente em muitos lugares [...] o tratamento é diferente por essa questão, por mulher ser parte mais delicada e homem mais assim, todo mundo diz: Ah pára, um gay, o que é isso? Não tem mulher por aí?*

**Pesquisadora:** *Vocês acham que as atividades, as brincadeiras, as cores podem influenciar a homossexualidade assim como as pessoas dizem?*

**Duda:** *Pois é, até porque, eu acho que é mais fácil de entender porque mulher tem mais um apego com outra mulher, né. Até assim, minhas amigas mesmo no caso, eu sou muito apegada a elas. Eu chamo elas de amor, de tudo. Então eu acho que mulher tem mais carinho, mais afeto. Já homem é mais grosso, a maioria. Então acho que é por isso.*

**Marina:** *A minha mãe queria que eu fosse bailarina. Aí eu comecei a jogar futebol. Aí minha mãe descobriu. Aí um dia a gente tava treinando num campo, assim, na escola. Ela me viu um dia jogando bola. Aí ela foi lá na escola, me tirou do campo e eu fui embora para casa. Aí eu nunca mais joguei futebol, porque ela não deixava.*

**Alex:** *Eu uso roupa rosa e não sou bichona.*

**Pablo:** *Eu uso rosa, calça rosa, camiseta rosa.*

**Alex:** *Eu uso, tá na moda.*

**Pesquisadora:** *Só por isso que tu usa, porque está na moda, e só por isso que não é coisa de gay?*

**Alex:** *Claro, se não tivesse na moda eu não usava. Tem alguns que acham que eu sou viado, porque eu pinto as unhas, que eu uso gloss. Tem uns que acham que eu sou veado. Todo mundo acha que eu sou bichona.*

**Pesquisadora:** *Quantas vezes já não rotulamos um menino, porque tem a voz afeminada, uma menina, porque ela usa roupas largas?*

**Duda:** *É, né. Falando nisso, ontem um colega nosso, no teatro, o João, ele parecia um gay. E todo mundo começou a mexer com ele depois. Foi no teatro, só que a voz dele, o jeito dele, ficou muito legal. E a gente, todo mundo ria, sabe, como se fosse assim uma coisa absurda. E eu não duvido que muitos guris estão chamando ele de gay agora, por causa daquilo, né.*

**Natália:** *Nós que conhecemos ele, a gente sabe que não é, né, mas quem não conhece, pode julgar.*

**Duda:** *Exatamente. E muita gente vai chamar ele de gay agora. Ele é tão bonitinho, mas o João tem uma cara de gay.*

**Pesquisadora:** *Por que tu achas que ele tem cara de gay?*

**Duda:** *Não é gay. Eu acho que ele é metrosssexual na minha opinião, porque ele se cuida, ele é um homem cuidado. Tu olha as mãos do João, tem muitas mulheres que não têm uma mão igual a ele. O*

*rosto dele é bem cuidado, não tem uma espinha naquele rosto. Que inveja! (risos). Não, mas ele é muito bem cuidado.*

Podemos evidenciar nas narrativas que a homossexualidade, para os/as adolescentes é permeada por questões de gênero, fato que produz efeitos sobre a diferença entre a homossexualidade feminina e a masculina na sociedade. Por exemplo, na fala de Bia, ela indica alguns marcadores sociais de gênero, ao dizer que o homem, na sociedade, assume uma *figura paterna, tem que ser forte, é uma coisa mais agressiva*, por isso há um estranhamento em relação à homossexualidade masculina. De acordo com Borrillo (2009), “ser homem significa ser rude (ou até mesmo grosseiro), competitivo, desordeiro” (p. 35). Já a mulher, segundo a adolescente, *é mais delicada, lida mais com a parte afetiva*, neste sentido *o tratamento é diferente por essa questão, por mulher ser parte mais delicada (Bia)*. Swain (2004) nos diz que, a todo momento, a famosa diferença “natural” entre homens e mulheres é invocada na nossa sociedade. Ela argumenta que se observa que são “as representações, a educação, os valores morais e a repressão que moldam o sexo biológico à imagem do masculino e do feminino” (p. 62). A autora complementa sua discussão, afirmando que é a rígida construção das características atribuídas aos homens e às mulheres que define e cria a heterossexualidade como norma e a homossexualidade enquanto desvio.

Louro (2000) destaca que “se observa que as formas de manifestação de afetos entre meninas e mulheres envolvem uma proximidade física e uma intimidade que não é tolerada para com os meninos” (p. 54) e isso pode colaborar para que se tenha uma maior vigilância com a sexualidade masculina, uma vez que “diante de qualquer comportamento ou sinal que possa representar um atravessamento das fronteiras sexuais e de gênero (construídas dentro dos moldes hegemônicos) providenciam-se ‘encaminhamentos’ de ordem médica ou psicológica” (Ibid., 2000). Neste sentido, autora ainda destaca que “as expressões físicas de amizade e de afeto entre os homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais” (2007, p. 27). Heilborn também destaca que as relações lésbicas são marcadas pelo companheirismo, “com forte ênfase no apoio psicológico mútuo. Pode-se assim dizer que a deriva do casal de mulheres é sua transformação da conjugalidade para a amizade” (2004, p. 189). Neste sentido, a relação homossexual feminina é extremamente marcada pelo carinho e compreensão, pelo entendimento que uma mulher tem da outra. Dessa forma, “atualiza-se uma imagem de que é em tudo congruente com a representação do feminino como dedicado ao mundo dos afetos” (Ibid., 2004, p. 182).

Ainda sobre essa questão, Fry e MacRae (2009) dizem que a diferença entre a homossexualidade feminina e masculina pode ser explicada pelo fato de as meninas e os

meninos receberem educação diferenciada na infância, ou seja, para as meninas dá-se menos ênfase à sexualidade; já para os meninos ela é apresentada como uma forma de autoafirmação. Os mesmos autores ainda destacam que “o lesbianismo é melhor compreendido, se dermos menos ênfase às relações sexuais e mais aos seus aspectos de sociabilidade e apoio mútuo” (1991, p. 107).

Segundo Eribon (2008), o homossexual é rejeitado, uma vez que renuncia à sua masculinidade. Neste sentido, podemos afirmar que há uma estreita relação entre a masculinidade e a heterossexualidade. Isso pode contribuir para o fato de os/as adolescentes considerarem mais estranhas as manifestações homossexuais masculinas do que as femininas. Assim, Noriega (2000) afirma que as representações definem e afirmam o que socialmente se entende por masculino ou feminino e isso tem um profundo impacto sobre as práticas sexuais. O autor destaca que “a masculinidade tal como ela se define hegemonicamente implica que o indivíduo deseja (ou se espera socialmente que deseje) sexualmente as mulheres” (p. 55, tradução nossa).

Neste sentido, os marcadores sociais atribuídos ao gênero masculino contribuem para a construção de uma masculinidade dominante, caracterizando, dessa forma, a mulher, como o segundo sexo (LOURO, 2007). Ser homem é ser agressivo, é ser dominante e não dominado pela mulher. Neste caso, cabe salientar que ser homem é também não ser dominado por outro homem; ser homem é detestar os homossexuais e mantê-los longe do convívio social. Diante disso, “os processos de constituição de sujeitos e de produção de identidades heterossexuais produzem e alimentam a homofobia e a misoginia, especialmente entre os meninos e os rapazes” (JUNQUEIRA, 2009, p.19).

Dessa forma, a construção social dos gêneros impõe uma série de ações que devem ser exercidas pelos homens e pelas mulheres, construindo o que é normal para determinado gênero, ou seja, o homem deve ser valente, ativo, forte, firme e a mulher deve ser passiva, delicada, sensível, recatada, dócil. Desse modo, as representações sobre a sexualidade constroem relações de distinção social, que incidem na fabricação de sujeitos homossexuais e heterossexuais. Assim, os marcadores sociais de gênero demarcam as trilógicas homem – masculinidade – heterossexualidade e mulher- feminilidade – heterossexualidade (NORIEGA, 2000).

Tânia Swain comenta, em seu livro “Lesbianismo”, que os significados dados às lésbicas, bem como suas definições são sempre negativas. Neste sentido, as atribuições e as imagens que se fazem das lésbicas é que elas fogem do padrão de beleza atribuído à feminilidade e a relação com outra mulher é explicada pelo fato de não atraírem os homens.

Dessa forma, “a insignificância atribuída à relação física entre duas mulheres já demonstra qual o “verdadeiro” sexo: o masculino – sem ele não há relação sexual. Esta é uma definição delimitadora da sexualidade humana: sexualidade é sexo genital, masculino” (2004, p. 35). Essa colocação de Swain vem ao encontro da narrativa apresentada por Alex, quando ele diz: *Ah não! As duas coisas... Não dá (faz gestos com a mão, uma batendo na outra). Homem com mulher já tem uma coisa bem legal, mas mulher com mulher... Como? Não, duas vaginas fazendo sexo, vão só se bater, me diz?* Nas palavras de Alex, a relação sexual entre duas lésbicas não é possível, uma vez que não há a penetração de um pênis. Para ele a relação normal seria entre um homem e uma mulher. Swain comenta que ocorre um controle sobre as práticas homossexuais no sentido de que “a heterossexualidade compulsória aparece assim como um mecanismo regulatório de práticas e definidor de papéis, restritos aos desenhos morfológicos genitais, isto é, à correspondência exata entre sexo biológico/gênero social que o lesbianismo e a homossexualidade em geral desmentem (2004, p. 77)”.

Portanto, embora tenhamos destacado, ao longo deste trabalho, que há diferenças sociais entre a homossexualidade masculina e a feminina, “acima de tudo, o grande fator de união dos homossexuais de ambos os sexos é a posição marginalizada e desviante que lhes é reservada na sociedade” (FRY; MACRAE, 2009, p. 112).

Além disso, podemos notar que, entre as narrativas apresentadas, algumas consideradas homofóbicas. São elas: *Ah, não. Homem é bem mais nojento, não dá nem de pensar; Mulher com mulher dá jacaré; Não sei qual é a diferença, mas homem com homem é nojento. Bah imagina!?! Homem beijando com aqueles bigodes, ai que nojo!, Gay é gay, tem tudo que morrer!* entre outras. Neste sentido, destacamos a importância de discutir essas questões na escola, uma vez que “são locais onde a homofobia adentra e se manifesta, como uma espécie de herança ou resíduo (JUNQUEIRA, 2009, p. 166)”, problematizando as identidades de gênero e as identidades sexuais, pois o silenciamento das questões sobre a diversidade sexual é uma forma de contribuir para o aumento da homofobia.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

As atribuições feitas aos gêneros reforçam uma desigualdade entre as masculinidades e as feminilidades, evidenciando que os homens, na sociedade em geral, são mais privilegiados quanto a inúmeras situações como, por exemplo: cargos no trabalho, situação salarial, etc. Em relação à homossexualidade, de acordo com as análises realizadas neste

estudo, a homossexualidade masculina causa maior estranheza e nojo, entre os/as adolescentes que participaram da pesquisa, do que a homossexualidade feminina.

Ao analisar as narrativas apresentadas, evidenciamos que a homossexualidade feminina causa menos repulsa do que a homossexualidade masculina. A justificativa dá-se pela explicação por meio de questões relacionadas aos gêneros, evidenciando o entrelaçamento das identidades sexuais com as identidades de gênero, pois os/as adolescentes afirmam que entre duas mulheres há mais carinho, amizade, permite-se uma relação mais próxima. Já entre dois homens, na nossa sociedade, isso não “pode” ocorrer, devido ao fato de que homem na sociedade tem que ser grosseiro, viril, etc.

No entanto, entre as narrativas analisadas, evidenciamos a presença da homofobia nas palavras de um adolescente, quando menciona: *Que nojo (risos)! Ah mulher com mulher nada a ver; Mulher com mulher dá jacaré.* Neste sentido, para ele, tanto a homossexualidade masculina quanto a homossexualidade feminina é rejeitada. Diante disto, afirmamos que as questões sobre a homofobia, diversidade sexual e de gênero precisam ser discutidas no espaço escolar, pois é “através desse processo de contestação que as identidades hegemônicas constituídas pelos regimes atuais de representação podem ser desestabilizadas e implodidas” (SILVA, 1995, p. 201).

Desta forma, o silenciamento não é uma forma de impedir o surgimento da pluralidade sexual. Não problematizar as identidades sexuais e de gênero na escola não significa que elas deixarão de existir, pois é inevitável depararmos com os “outros” no convívio escolar. Portanto, discutir as questões acerca desta temática no currículo escolar é uma forma de minimizar a homofobia, rompendo com representações atribuídas aos estudantes que se desviam da norma imposta, a heterossexualidade.

Neste sentido, aqueles que não correspondem e não obedecem às regras impostas aos gêneros, aqueles/as que se desviam do padrão sofrem discriminações e preconceitos. Cabe destacar que, embora neste artigo tenhamos realizado algumas análises sobre as narrativas que diferenciam a homossexualidade feminina da masculina quanto à aceitação social, destacamos que ambas são passíveis de discriminações. *Gays* e *lésbicas* ainda sofrem constantemente e diariamente em vários espaços na nossa sociedade: na família, que busca afirmar a heterossexualidade como a identidade normal, levando em conta as expectativas dos filhos constituírem uma família dita “normal”, e também no sentido de que é mais fácil recusar e tentar “impedir” que filhos ou filhas sofram com o preconceito; nas instituições religiosas, que também atribuem, na sua maioria, um caráter pecaminoso às demais relações sexuais e afetivas que não a heterossexualidade, pois essa é a lei natural de Deus; e os/as homossexuais

também sofrem com o preconceito na escola, que, muitas vezes, reforça uma única forma de viver os prazeres e desejos, silenciando as demais maneiras de relações homoafetivas<sup>10</sup>. Além disso, também reforça uma única masculinidade e feminilidade; no entanto, precisamos pensar nas múltiplas identidades que constituem os sujeitos, lembrando que não há uma única forma de ser homem ou mulher, “há variantes nos modos e códigos, mas continua-se a firmar que a cultura opera sobre uma base (LOURO, 2000, p. 95). A escola é, portanto, um espaço privilegiado para a (des)construção do binarismo masculino/feminino, problematizando que cada polo contém o outro. Ao escapar o padrão masculino de gênero, ou seja, ao ser mais delicado, ao não gostar de futebol, ser caprichoso, por exemplo, o menino passa a ser “enquadrado” como bichinha, boiola, entre outros. O mesmo ocorre com as meninas, se elas gostam de jogar futebol, não gostam de andar arrumadas e maquiadas, são tidas como sapatonas, machorras, etc. Neste sentido, é possível perceber o entrelaçamento das identidades de gênero e das identidades sexuais, que não são fixas, imutáveis e, portanto, essas são atravessadas por relações de poder.

---

<sup>10</sup> Operamos com o conceito de homoafetividade, no sentido de que “se pretende dar ênfase aos aspectos afetivos e emocionais das relações homossexuais/homoeróticas” (CARVALHO; ANDRADE; JUNQUEIRA, 2009, p. 23).



## REFERÊNCIAS

- Borrillo, D. A homofobia. In: Lionço, T., Diniz, D. *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009. p. 15-46.
- Butler, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.
- Carvalho, M. E. P. de; Andrade, F. C. B. de; Junqueira, R. D. *Gênero e diversidade sexual: um glossário*. João Pessoa: Ed. Universitária/EFPB, 2009.
- Costa, M. V.(Org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2004.
- Eribon, D. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- Fonseca, M. A. da. *Michel Foucault e o direito*. São Paulo: Editora Max Limonad. 2002.
- Fry, P.; MacRae, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Editora Brasiliense. 2009. Coleção Primeiros Passos.
- Gatti, B. A. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro. 2005.
- Hall, S. The Work of Representation. In: HALL, S. (Org.) *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi. 1997.
- Heilborn, M. L. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond. 2004.
- Junqueira, R. D. Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direitos. In: Lionço, T., Diniz, D. *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009. p. 161-193.
- Louro, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 1997.
- \_\_\_\_\_. *Currículo, gênero e sexualidade*. Portugal: Porto Editora. 2000.
- \_\_\_\_\_. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.
- \_\_\_\_\_. Pedagogias da Sexualidade. In: Louro, G. L. et al (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.
- Monteiro, M. O pós-estruturalismo no estudo do gênero. In: *Antropologia: Gênero e Masculinidade*. Disponível em: Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/~marko/laymert.html>>. Acesso em: 11 nov. 2009.

Noriega, G. N. *Sexo entre varones: poder y resistencia en el campo sexual*. México: PUEG – Programa Universitario de Estudios de Genero. 2000.

Silva, A. F. da. *Pelo sentido da vista: um olhar gay na escola*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Pelotas - Faculdade de Educação, Pelotas/ RS. 2008.

Silva, T. T. da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: \_\_\_\_\_. *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, Vozes. 1995. p. 190-207.

Spargo, T. *Foucault y la teoria queer*. Barcelona: Gedisa Editorial. 2004.

Swain, T. N. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense. 2004. Coleção Primeiros Passos.

\_\_\_\_\_. Lesbianismos, cartografia de uma interrogação. In Ribeiro, P. R. C.; Silva, M. R. S.; Souza, N. G. S de; Goellner, S. V.; Souza, J. F de (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

Veiga-Neto, A. 2004. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: Costa, M. V. (Org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 37-72.

## 5 CONSIDERAÇÕES, PERSPECTIVAS, DESEJOS...

Ao finalizar a escrita desta dissertação e ao (re)visitar os artigos produzidos, teço algumas considerações, que emergiram ao longo do processo da prática de pesquisa e que me possibilitaram reconstruir e (re)significar as narrativas dos/das adolescentes sobre diversidade sexual, e de gênero e homofobia. Neste sentido, a fim de apresentar alguns entendimentos, questionamentos, apontamentos que permeiam este trabalho, bem como os posicionamentos dos/as adolescentes que participaram desta pesquisa, revisito os artigos que compõem esta dissertação.

Os questionários possibilitaram-me a produção de dados, tanto para a constituição dos grupos focais, como também para que eu pudesse elencar as temáticas dos artigos apresentados nesta dissertação. Os mesmos serviram como roteiro desencadeador das discussões realizadas durante os encontros, porém nem todas as questões apresentadas neles foram utilizadas nas análises. Já a constituição dos grupos focais permitiu a problematização da homofobia, possibilitando uma forma de desestabilizar os discursos e as práticas homofóbicos arraigados na sociedade e que se (re)produzem no âmbito escolar. Tal estratégia contribui na direção de problematizar e questionar os entendimentos que os/as adolescentes têm a respeito da diversidade sexual e que contribuem para a afirmação da homofobia. A presença de um dos adolescentes que se assumiu homofóbico, ao longo dos encontros realizados, moveu-me a problematizar ainda mais questões como os direitos LGBT, a aceitação do nome social nos espaços escolares, o projeto de criminalização da homofobia, entre outras questões.

Ao analisar as narrativas, evidenciei que os/as adolescentes participantes da pesquisa entendem a homofobia como uma maneira excludente de agir na sociedade, na família e também na escola, local que, segundo eles/as, é propício para discutir estas questões. Quanto à homofobia na escola, dos duzentos e vinte e um (221) adolescentes que responderam o questionário, cento e sessenta e três (163) responderam que os *gays*, as lésbicas, os/as bissexuais, travestis e transexuais são tratados de forma injusta na escola.

A família, segundo a maioria dos/das adolescentes, é uma instância de difícil diálogo sobre as identidades sexuais, uma vez que alguns familiares nem sequer permitem que seus filhos tenham amizades com homossexuais. Assumir as identidades sexuais nesse âmbito, para eles/as, não é uma tarefa fácil. Nesta direção, sessenta e quatro (64) adolescentes, dos duzentos e vinte e um (221), responderam que a família tentaria mudar sua identidade, caso fossem ou pensassem que são homossexuais, bissexuais e transgêneros. Trinta e três (33)

responderam que seriam rejeitados totalmente e onze (11) acham que seriam espancados. Além destes dados, cento e quarenta e cinco (145) adolescentes consideram que *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais são tratados de forma injusta pela família.

Além da escola e da família, a instituição religiosa foi mencionada, por um grupo de adolescentes, como um espaço de difícil diálogo sobre a sexualidade e também de difícil aceitação das práticas e desejos corporais que não correspondam com as leis de Deus. Uma das adolescentes argumenta que, em determinadas instituições religiosas, até se permite a presença de homossexuais, mas para fazer parte do grupo precisará mudar sua identidade sexual, isto é, não será possível permanecer frequentando o espaço, caso sua identidade não faça referência à lei natural, à heterossexualidade. É possível perceber, nas narrativas, o quanto o discurso religioso permeia a sociedade, no caso aqui, entre as adolescentes, como uma forma de instaurar aquilo que é “aceito” ou não perante as leis de Deus, controlando as condutas dos sujeitos.

Além disto, nas narrativas, evidenciei que as construções acerca dos gêneros também exercem controle sobre as maneiras de ser homem e mulher, isto é, qualquer desvio em relação ao que é dito feminino ou masculino gera suspeita em relação à identidade sexual do sujeito.

Neste caso, os/as adolescentes argumentam que as relações homossexuais femininas causam menos estranheza, devido ao fato de que as mulheres são mais carinhosas umas com as outras, por isso aceita-se mais uma relação homossexual feminina, diferentemente da homossexualidade masculina que, para os/as participantes, causa estranheza e nojo. Neste sentido, percebe-se que os marcadores sociais demarcam aquilo que “pode” e “não pode”, controlando as práticas e desejos corporais dos sujeitos, uma vez que, se a menina não usa rosa, não age carinhosamente e não desempenha funções e atividades ditas femininas, sua identidade sexual passa a ser suspeita. O mesmo ocorre com os meninos, se caso eles não correspondam às expectativas em relação ao gênero masculino, como ser forte, viril e grosseiro. Sendo assim, passam a ser considerados como boiolas, viados, bichinhas, entre outros. Entretanto, dentre as narrativas apresentadas e analisadas, presenciamos algumas que rejeitam ambas as identidades sexuais, isto é, a homossexualidade feminina e a masculina. Desta forma, torna-se evidente a presença da homofobia em algumas das narrativas analisadas ao longo desta pesquisa. Ela articula-se de diferentes formas, ou seja, não somente através de agressão física, mas também em meio a comentários, deboches, risos, piadas, entre outras formas de manifestações.

Por este viés, do total de participantes que preencheram os questionários, cento e setenta e três (173) adolescentes dizem que já presenciaram ou escutaram alguém insultando um/a homossexual, chamando-os/as de bichinha, machorra, sapatão, mariquinha, enfim, todos os apelidos atribuídos aos homossexuais. Nesta direção, cento e trinta e oito (138) adolescentes já ouviram alguém falar mal, fazer comentários negativos a respeito da identidade sexual homossexual, e cento e vinte e três (123) já escutaram ou presenciaram alguma cena em que debochavam, imitavam, faziam gestos maldosos, com o intuito de ofender o/a homossexual. Além disto, noventa (90) adolescentes responderam que presenciaram alguma cena em que alguém já isolou, não deixou participar de algo, ignorou ou até mesmo deixou de falar com um/a homossexual, setenta e um (71) já presenciaram homossexuais sendo ameaçados, sessenta e três (63) presenciaram alguém atirando coisas, empurrando, agredindo fisicamente um/a homossexual, e cinquenta e oito (58) já presenciaram homossexuais sendo espancados.

Além disto, os/as adolescentes destacam que a escola, além de constituir-se como um local propício para discutir as questões sobre sexualidade, diversidade sexual e homofobia, também é um dos locais onde mais se exercem atitudes homofóbicas. Segundo eles/as, locais onde as pessoas vivem mais em grupo, convivem mais, é onde encontramos mais índices de casos homofóbicos, entre os quais, a escola.

Neste sentido, as discussões que emergiram ao longo dos encontros e através dos dados narrativos produzidos, contribuem para concluir e destacar a escola como espaço privilegiado para a problematização da diversidade sexual, uma vez que, ao afirmar a heterossexualidade como a norma, torna-se, para muitos/as estudantes, local de recusa, de exclusão, de rejeição, de tristeza, porque nela muitas identidades de gênero e sexuais são marginalizadas, reprimidas e ignoradas.

Considero importante a promoção de discussões, acerca das questões tratadas nesta dissertação, no espaço escolar. Torna-se importante para a minimização dos estigmas, representações e preconceitos atribuídos aos sujeitos LGBT. É relevante pensar a escola como (re)produtora de conhecimentos e como espaço que constitui os sujeitos e suas identidades e, desta forma, tem, como papel social garantir a igualdade e o respeito entre todos/as. Cabe destacar que não estou atribuindo à escola a função e a obrigação de “transformar” a sociedade, mas é preciso reconhecer que os discursos, as práticas, as proibições e as imposições, que nela se (re)produzem, possuem seus efeitos e implicações na fabricação dos sujeitos, contribuindo nas suas maneiras de agir e pensar na sociedade.

A pesquisa também possibilitou-me participar de vários eventos, os quais me fizeram (re)pensar e questionar minha prática de pesquisa. Também tive a oportunidade de me aproximar de grupos militantes, que buscam combater a homofobia na sociedade e principalmente no contexto da escola, como é o caso do projeto Escola Sem Homofobia. A participação neste projeto contribuiu muito para a minha compreensão e o meu entendimento acerca de casos e situações que envolvem a homofobia. Além de ter conhecido muitas pessoas e inúmeros trabalhos que estão sendo desenvolvidos por vários Estados do nosso país acerca da temática homofobia e escola. Neste sentido, fazer parte de um grupo que luta pelo combate à homofobia no âmbito escolar é um fato de extrema importância na minha constituição como pesquisadora. O fato de transitar pelas escolas que participaram da minha pesquisa possibilitou-me realizar algumas oficinas em escolas, a fim de discutir questões acerca da diversidade sexual e homofobia. Além disto, a realização desta pesquisa proporcionou-me discutir também com professores/as tais questões, proporcionando a divulgação dos dados produzidos pelos/as adolescentes.

Portanto, transitar pelo referencial teórico adotado e utilizado nesta pesquisa, fez-me “olhar” as coisas postas no mundo de outra forma; fez-me perceber a multiplicidade discursiva que nos interpela e nos constitui como sujeitos de uma determinada época, de um determinado tempo, de um determinado momento. Envolvida pelas leituras de autores no campo dos Estudos Culturais, passei a ver e entender a cultura como parte constituinte de nossas vidas, isto é, ela encontra-se imbricada nas nossas práticas, nas nossas relações, nas nossas atitudes, nas nossas identidades, enfim ela também nos constitui. Além disto, as leituras de Foucault proporcionaram-me novas maneiras de ver, problematizar, compreender questões que antes me eram tão “naturalizadas”, “verdadeiras”, “inquestionáveis”, me possibilitando (re)pensar e problematizar os próprios entendimentos de verdade, de realidade, de identidade. As obras e produções de Foucault desestabilizaram-me, inquietaram-me, deixaram-me muitas vezes com o sentimento de que não havia entendido “nada” do que havia lido, porém proporcionaram-me outras maneiras de interpretar questões como, por exemplo, o entendimento de sexualidade, de discurso, de poder, de verdade...

Ao finalizar a escrita desta dissertação, não tenho a pretensão de colocar um ponto final na minha prática de pesquisa, que hoje encontra-se engendrada na minha própria vida. Foram experiências, acontecimentos e práticas que fizeram e fazem parte da minha constituição como mestrande, professora, pesquisadora, filha, enfim, inúmeras outras posições que poderia destacar aqui. Neste sentido, este sentimento de “finalização” me move a pensar em “continuação”.

Para tanto, pretendo dar continuidade na discussão da temática diversidade sexual e homofobia no doutorado, procurando compreender como os discursos e as práticas atuam na constituição das identidades de universitários/as e de professores/as LGBT, a fim de investigar: Como eles/as percebem os processos que disciplinaram e disciplinam seus corpos no espaço escolar e universitário? Como ocorre a relação desses sujeitos com a comunidade escolar e acadêmica? Como deu-se o processo de escolarização desses sujeitos? Se tais sujeitos vivenciaram ou vivenciam situações homofóbicas no espaço escolar e acadêmico, e como foi?

## 6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cristiane Pinto. **Concepções sobre Diversidade de Orientações Sexuais veiculadas nos Livros Didáticos e Paradidáticos de Ciências e Biologia.** Dissertação Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Disponível em <<http://www.ppgefhc.ufba.br/dissertacoes/cristiane2001.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2009.

BÍBLIA ON LINE. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/>>. Acesso em: 10 out. 2009.

BÍBLIA SAGRADA. Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia.** Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

\_\_\_\_\_. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana, DINIZ, Débora. **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio.** Brasília: Letras Livres; EdUnB, 2009. p. 15-46.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual.** Brasília: Ministério da Saúde, 2004. p.1-32.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. Brasília: MEC; ACS, 2005.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Plano Nacional de Promoção da cidadania e Direitos Humanos de LGBT:** lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Brasília, 2009.

BUSIN, Valéria Melki. **Homossexualidade, religião e gênero:** a influência do catolicismo na construção da autoimagem de gays e lésbicas. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ PUC, São Paulo, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault:** um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Gênero e diversidade sexual:** um glossário. João Pessoa: Ed. Universitária/EFPB, 2009.

CECHIN, Andréa Forgiarini. **Vivências em espaços educativos:** constituição de identidades homossexuais em homens adultos. 2006. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <[http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=366](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=366)>. Acesso em 10 ago. 2009.



CONNELLY, Michael; CLANDININ, Jean. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge *et al.* **Déjame que te cuente**. Barcelona: Laertes, 1995.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3 edição. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 103- 127.

COSME, J. A. G.; SÁNCHEZ, G. D.; TAPIA, J. M. M. Homofobia y salud. In: **Revista Salud y problema**. Xochimilco, ano 11, n. 20, jan./jun.; jul./dez., 2006.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

DIAS, Maria Berenice. **União homossexual: o preconceito & a justiça**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2000.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: JOHNSON, Richard et al. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 167 - 224.

FELIPE, Jane; BELLO, Alexandre Toaldo. Construção de Comportamentos Homofóbicos no Cotidiano da Educação Infantil. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009. p. 141-157.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. **Muito prazer, sou Cellos, sou de luta: a produção da identidade ativista homossexual**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2007.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e o direito**. São Paulo: Max Limonad, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Coleção Tópicos.

\_\_\_\_\_. Diálogo sobre o Poder. In \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e poder. In \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e poder. In \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2009. Coleção Primeiros Passos.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus as sexualidade humana.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005.

GONDIM, Sandra. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa:** desafios metodológicos. Paidéia, 2003. p. 149-161.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Representation. Cultural Representations and Signifying Practices.** Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par:** gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HELMINIAK, Daniel. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade.** São Paulo: Summus, 1998.

HILTON, Bruce. **A homofobia tem cura?** O papel das igrejas na questão homoerótica. Rio de Janeiro: Ediouro, 1992.

ITIOKA, Neuza. **Restauração Sexual:** Deus pode curar suas dificuldades mais íntimas. São Paulo: Associação do Ministério Ágape Reconciliação, 2005.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Por uma pedagogia da diversidade de corpos, gêneros e sexualidades. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Fabiane Ferreira da; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; QUADRADO, Raquel Pereira (Org.). **Sexualidade e escola:** compartilhando saberes e experiências. Rio Grande: FURG, 2007. p. 7-13.

\_\_\_\_\_. Escola e enfrentamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhoria da educação de todos. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira (Org.). **Corpos, gêneros e sexualidades:** questões possíveis para o currículo escolar. 2. ed. rev. ampl. Rio Grande: Furg, 2008.

\_\_\_\_\_. **Homofobia:** limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. Disponível em:

<[http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07\\_junqueira.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07_junqueira.pdf)> Acesso em: 20 ago. 2009.

\_\_\_\_\_. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009a. p. 13-51.

\_\_\_\_\_. Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direitos. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009b. p. 161-193.

\_\_\_\_\_. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: \_\_\_\_\_. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009c. p. 367-444.

KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LANASPA, Jesús Generelo; GALÁN, José Ignacio Pichardo. **Homofobia en el sistema educativo**. Madrid, COGAM. Comisión de Educación, 2005.

LANASPA, Jesus Generelo; GALÁN, José Ignacio Pichardo; GARRETA, Guillem Galofré. **Adolescencia y sexualidades minoritarias: voces desde la exclusión**. Madrid: Comisión Educación COGAM, 2006.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In: \_\_\_\_\_. **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996.

\_\_\_\_\_. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LINDNER, Sabine; LÓPEZ, Maricel Mena. Deuses e mulheres – entre o mito e a realidade: religião, lesbianidade e maternidade. In: MANDRÁGORA: religião e homossexualidade. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 1999. p. 110-115.

LOIOLA, Luis Palhano. **Coisas difíceis de dizer: as manifestações homofóbicas do cotidiano de jovens**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Ceará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Currículo, gênero e sexualidade**. Portugal: Porto Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

\_\_\_\_\_. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**, 2003. p. 41-52.

\_\_\_\_\_. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009. p. 85-93.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes et al (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MATEUS, Joana; ROSA, Sara. **Homossexualidade Masculina**. Disponível em: <[http://paginas.ulusofona.pt/p415/G11\\_homoss\\_masculina.pdf](http://paginas.ulusofona.pt/p415/G11_homoss_masculina.pdf)>. Acesso em: 14 maio 2009.

MENEZES, Aline Beckmann. **Análise da investigação dos determinantes do comportamento homossexual humano**. Disponível em: <<http://www3.ufpa.br/ppgtpc/dmdocuments/MESTRADO/ALINE.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2009.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. In: **CADERNOS PAGU**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010483332007000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010483332007000100006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 23 ago. 2009.

MONTEIRO, Marko. O pós-estruturalismo no estudo do gênero. In: **Antropologia: Gênero e Masculinidade**. Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/~marko/laymert.html>>. Acesso em: 11 nov. 2009.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, Gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. In: **Revista Brasileira Ciências Sociais**, São Paulo, n. 61, v. 21, jun/2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/107/10706106.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2009.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 6. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995. p. 7-38.

NORIEGA, Guillermo Nunez. **Sexo entre varones: poder y resistencia en el campo sexual**. México: PUEG – Programa Universitario de Estudios de Gênero, 2000.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

QUADRADO, Raquel Pereira. **Adolescentes: corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo**. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

\_\_\_\_\_. Adolescência como construção sócio-cultural e história. In RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereria (Org.). **Corpos, Gênero e Sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar**. Rio Grande: FURG, 2007. p. 10-14. Caderno Pedagógico –

Séries Finais.

RANGEL, Rodrigo; AZEVEDO, Solange. **Eles são do exército. Eles são parceiros. Eles são gays.** Disponível em:

<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI5003-15228,00-ELES+SAO+DO+EXERCITO+ELES+SAO+PARCEIROS+ELES+SAO+GAYS.html>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

RATZINGER, Joseph Card.; AMATO, Angelo. Considerações sobre os projectos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais. In: **Congregação para a doutrina da fé.** Disponível em:

<[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20030731\\_homosexual-unions\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20030731_homosexual-unions_po.html)>. Acesso em: 20 out. 2009.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade:** discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

RIOS, Roger Raupp. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira; LIMA, Solimar Oliveira. (Org.). **Homossexualidades sem fronteiras:** olhares. Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007. p. 37-78.

ROMANOS 1. **Bíblia on line.** Disponível em:

<<http://www.bibliaonline.com.br/acf/rm/1>>. Acesso em: 17 out. 2009.

RUTE 1. **Bíblia on line.** Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/rt/1>>. Acesso em: 17 out. 2009.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza. **Quando o armário é aberto:** visibilidade, percepções de risco e construção de identidades no *coming out* de homens homossexuais. Disponível em: [http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST46/Gustavo\\_Santa\\_Roza\\_Saggese\\_46.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST46/Gustavo_Santa_Roza_Saggese_46.pdf). Acesso em: 28 ago. 2009.

SANTOS, Luis Henrique. A biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, Marisa. **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

SEDGWICK, Eve Kusofysk. **A epistemologia do armário.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2009.

SEVERO, JULIO. **A bíblia e o homossexualismo.** Disponível em: <<http://juliosevero.blogspot.com/2004/05/bblia-e-o-homossexualismo.html>>. Acesso em: 15 out. 2009.

SIERRA, Salvador Cruz. Homofobia y masculinidad. In: EL COTIDIANO. México, v. 18, n. 113, maio/jun/2002. Universidad Autónoma Metropolitana – Azcapotzalco. Distrito Federal, México, 2002. p. 8-14. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/325/32511302.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2009.

SILVA, Aline Ferraz. **Pelo sentido da vista: um olhar gay na escola.** 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas - Faculdade de Educação, Pelotas. 2008.

SILVA, Marco Aurélio. **Este corpo não te pertence!** Algumas reflexões sobre saúde e doença na modernidade – O caso do “Homossexualismo”. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos-pdf901/este-corpo-nao/este-corpo-nao.shtml>>. Acesso em: 22 ago. .

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: \_\_\_\_\_. **Alienígenas na sala de aula.** Petrópolis, Vozes, 1995. p. 190-207.

\_\_\_\_\_. **A teoria cultural e educação: um vocabulário crítico.** Belo horizonte: Editora Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA FILHO, Alípio de. A resposta gay. In: BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira, LIMA, Solimar Oliveira. (Org). **Homossexualidades sem fronteiras: olhares.** Rio de Janeiro: Booklink; Teresina: Matizes, 2007. p. 11-36.

SPARGO, Tamsin **Foucault y la teoria queer.** Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

STUMPF, Débora Carine. **Representações de sexualidade no currículo da Nova Escola e a construção do sujeito heterossexual.** 2003. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

SWAIN, Tânia Navarro. **O que é lesbianismo.** São Paulo: Brasiliense. 2004. Coleção Primeiros Passos.

\_\_\_\_\_. Lesbianismos, cartografia de uma interrogação. In: RIBEIRO, P. R. C. et al. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas.** Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

TORRES, Marcos Antônio. **Os significados da homossexualidade no discurso da Igreja Católica Romana pós-Concílio Vaticano II: padres homossexuais, tolerância e formação Hegemônica católica.** 2005. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 37-72.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino**: dominação das mulheres e homofobia. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

## **7 ANEXOS**

### **7.1 ANEXO 1- QUESTIONÁRIO**





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

PESQUISA SOBRE ADOLESCÊNCIA E DIVERSIDADE SEXUAL

Idade: \_\_\_\_\_ Religião: \_\_\_\_\_  
Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino



1) Referindo-se a identidade sexual homossexual:

	Tens escutado ou presenciado	Tens realizado ou utilizado	Tenham te dito ou feito
Insultos: mariquinha, bicha, machorra, sapatão, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falar mal, comentários negativos, rumores, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Deboches, imitações, gestos, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ameaças	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atirar coisas, golpes, empurrões...	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Espancamentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Deixar de falar, ignorar, não deixar participar, isolar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2) Conheces pessoas que sejam gays, lésbicas, bissexuais, travestis e/ou transexuais?

	gay	lésbica	bissexual	travesti/transexual
Amigos próximos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conhecidos/as	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Companheiros/as de escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Familiares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Professores/as	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Personagens históricos e literários.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Personagens da televisão, cinema etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não entendo a palavra.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não conheço ninguém.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Estás sendo convidado (a) a participar desta pesquisa, que é anônima, confidencial e voluntária. Se necessário, em todas as perguntas, podes marcar mais de uma resposta. Ao terminar de responder, para assegurar o anonimato, dobra as folhas ao meio e coloca-as dentro do envelope. Logo entrega a pesquisadora. Somente será lida pela equipe de pesquisa.

3) O que pensas quando um casal de homens mostra seus sentimentos em público da mesma maneira que um casal de homem e mulher (beijos, abraços, caminhar de mãos dadas...)?

- Penso que é errado, não deveriam fazer.  
 Dá nojo ver.  
 Não me importo que façam, mas não em público.  
 Penso que é correto.

4) O que pensas quando um casal de mulheres mostra seus sentimentos em público da mesma maneira que um casal de homem e mulher (beijos, abraços, caminhar de mãos dadas...)?

- Penso que é errado, não deveriam fazer.  
 Dá nojo ver.  
 Não me importo que façam, mas não em público.  
 Penso que é correto.

5) Pensas que é correto tratar com desprezo as pessoas que gostam de pessoas do mesmo sexo?

- NÃO é correto.  
 SIM, é correto.  
 Depende do caso. Em que caso seria correto? \_\_\_\_\_

6) Se teu/a colega de classe te dissesse que é gay, lésbica, bissexual, travesti e/ou transexual, como reagirias?

	gay	lésbica	bissexual	travesti/transexual
Tentaria trocar de lugar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não faria nada, mas me sentiria um pouco incomodado/a.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não mudaria minha atitude: tudo seguiria igual.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sentiria mais confiança nessa pessoa e a apoiaria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Perderia a confiança nessa pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7.1) Como pensas que são tratados/as na família gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais?

- De forma injusta.  
 Como todos/as os/as demais.  
 De forma mais favorável.

7.2) Como pensas que são tratados/as na escola gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais?

- De forma injusta.  
 Como todos/as os/as demais.  
 De forma mais favorável.

7.3) Como pensas que são tratados/as na sociedade em geral gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais?

- De forma injusta.  
 Como todos/as os/as demais.  
 De forma mais favorável.

8) Se um/a professor/a te dissesse que é homossexual...

- Seria um motivo para debochar dele/a.  
 Os/as gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais não devem ser professores/as.  
 Diria a minha família que apresentasse uma queixa na escola.  
 É importante que seja um/a bom/a professor/a, sem importar, sua identidade sexual.  
 Eu gostaria porque acredito que poderia contribuir muito para a minha formação educacional.

9) Sobre qual/quais destes temas gostarias de saber mais?

- Gravidez, DST, AIDS, métodos contraceptivos.  
 Travestilidade e transexualidade.  
 Diversidade sexual (homossexualidade, bissexualidade).  
 Relacionamento amoroso.  
 Diferentes modelos de famílias.  
 Outros. Quais? \_\_\_\_\_

10) Se fosses, ou alguém pensasse que és gay, lésbica, bissexual, travesti ou transexual, o que achas que aconteceria contigo?

	família	amigos/as	professores/as	colegas
Seria espancado/a.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Seria apoiado/a.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Seria rejeitado/a.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ignorariam o tema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei como reagiriam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tentariam me mudar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

11) Através do que ou de quem gostarias de ser informado/a sobre estes temas de sexualidade?

- Mãe/pai.  
 Irmãos/as ou outros familiares.  
 Namorado/a, ficante.  
 Professores/as ou pessoal da escola.  
 Amigos/as e colegas.  
 Internet.  
 Televisão, rádio, livros, revistas.  
 Comunidade ou grupo religioso.  
 Ninguém.  
 Outros. Quem? \_\_\_\_\_

12) Onde e com quem consegues a informação sobre estes temas de sexualidade?

- Mãe/pai.  
 Irmãos/as ou outros familiares.  
 Namorado/a, ficante.  
 Professores/as ou pessoal da escola.  
 Amigos/as e colegas.  
 Internet.  
 Televisão, rádio, livros, revistas.  
 Comunidade ou grupo religioso.  
 Ninguém.  
 Outros. Quem? \_\_\_\_\_

13) Se algum/a colega te dissesse que seu pai é gay ou que sua mãe é lésbica, o que farias?

- Contaria para as outras pessoas.  
 Pediria para não me contar isso porque não gosto que haja pessoas assim.  
 Debocharia dele/a.  
 Deixaria de ter contato com ele/a.  
 Seguiria tendo minha amizade, mas lhe pediria que não dissesse a ninguém que somos amigos/as.  
 Não alteraria nada na minha relação com essa pessoa.  
 Ficaria contente pela confiança e o/a apoiaria se necessitasse.

14) Marca com um X todos os exemplos desta lista que consideres que são famílias.

- Uma mulher e seus/as filhos/as.  
 Um homem ou uma mulher divorciado/a com seus/as filhos/as, casado/a com outra pessoa.  
 Um casal de homem e mulher sem filhos/as que convivem sem se casar.  
 Um casal de mulheres ou um casal de homens e seus/as filhos/as.  
 Uma criança acolhida por um homem.  
 Um casal de homem e mulher com seus filhos/as.  
 Um casal de homens casados sem filhos.  
 Uma pessoa que não tem parceiro/a e vive sozinha.  
 Um homem e seus/as filhos/as.  
 Outro/s. Qual/s? \_\_\_\_\_

15) Geralmente sentes atração física e amorosa:

- Sempre por meninos.  
 A maior parte das vezes por meninos e às vezes por meninas.  
 Por meninos e meninas por igual.  
 A maior parte das vezes por meninas e às vezes por meninos.  
 Não tenho claro.  
 Prefiro não responder esta pergunta.  
 Sempre por meninas.

16) Queres acrescentar algum comentário? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Questionário adaptado da pesquisa Actitudes ante la diversidad sexual de la población adolescente de Coislada (Madrid) y San Bartolomé de Tirajana (Gran Canaria), desenvolvida por José Ignacio Pichardo Galán (Coord.), Bolea Molinero Puras (Coord. Coislada), Pedro Octavio Rodríguez Medina (Coord. San Bartolomé de Tirajana), Nuria Martín Martín e Marta Romero López.

**7.2 ANEXO 2- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(ESCOLA)**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS**  
**GRUPO DE PESQUISA SEXUALIDADE E ESCOLA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Objetivos do projeto:** Investigar os discursos de adolescentes referentes às questões de sexualidade, analisando a diversidade sexual.

**Informações gerais sobre os questionários**

A sua escola está sendo convidada a participar deste Projeto de Pesquisa que prevê a aplicação de um questionário para alunos/as do primeiro ano do Ensino Médio.

**Confidencialidade**

A participação dos/as alunos/as é totalmente confidencial e voluntária. Ninguém além dos pesquisadores/as terá acesso aos questionários. O nome da escola não será escrito ou publicado em nenhum local. Toda informação será guardada com número de identificação.

**Participação**

Caso você deseja obter alguma informação relacionada ao projeto, contate as coordenadoras Paula Regina Costa Ribeiro e Deise Azevedo Longaray, através dos telefones: 3233 6674 ou 32332 6709 (FURG).

A participação da escola é voluntária.

Você tem alguma pergunta a fazer?

**VERIFICAÇÃO DO CONSENTIMENTO**

Declaro que li ou leram para mim o consentimento acima e aceito participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a Diretor/a

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Data

**7.3 ANEXO 3- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(RESPONSÁVEIS DOS/AS ADOLESCENTES)**



Universidade Federal do Rio Grande  
PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde  
Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola



## TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA SOBRE ADOLESCÊNCIA E DIVERSIDADE SEXUAL

**Objetivos da pesquisa:** Investigar os discursos de adolescentes referentes às questões de sexualidade, analisando a diversidade sexual.

### Informações gerais sobre a pesquisa:

- ✚ Você está sendo convidado(a) para participar da segunda etapa da pesquisa sobre Adolescência e Diversidade Sexual. Sua participação na primeira etapa foi de suma importância, desta forma queremos dar continuidade ao trabalho através de sua participação nesse segundo momento. Na primeira etapa a pesquisa se desenvolveu através da aplicação de questionários sobre diversidade sexual em algumas escolas de Ensino Médio do município de Rio Grande. Já a segunda etapa se dará a partir da formação de um grupo de discussões e atividades. Essa segunda etapa será desenvolvida em dois encontros, que acontecerá nos dias \_\_\_\_\_ de 2009, na FURG – Campus Carreiros (CEAMECIM), \_\_\_\_\_ h às \_\_\_\_\_ h.
- ✚ Os/as alunos/as receberão vale transporte para deslocar-se até a FURG durante esses dois dias de encontro.
- ✚ Para melhor compreensão das informações, estes encontros serão filmados e gravados e as produções (textos, falas...) fotocopiadas, porém seu verdadeiro nome não será escrito ou publicado em nenhum local, bem como as fotografias serão formatadas de forma a não identificar o rosto de ninguém. Toda informação será guardada com número de identificação.
- ✚ A sua participação nestes encontros é totalmente **confidencial** e **voluntária**. Ninguém além das pesquisadoras terá acesso ao que você disser durante o grupo de trabalho.
- ✚ Esses encontros fazem parte da Pesquisa de Mestrado de Deise Azevedo Longaray, do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: química da vida e saúde, da FURG.
- ✚ Caso você deseje obter alguma informação relacionada ao projeto, contate a coordenadora Paula Regina Costa Ribeiro ou a pesquisadora Deise Azevedo Longaray, através do telefone 3233-6674 (FURG).
- ✚ Sua participação é voluntária e você pode recusar-se a participar desse trabalho, porém saliento que sua participação nessa etapa do trabalho, assim como foi na primeira, é muito importante.

**VERIFICAÇÃO DO CONSENTIMENTO**

Declaro que li o termo de consentimento acima e aceito participar da pesquisa.

---

Assinatura do/a participante

Declaro que li o termo de consentimento acima e autorizo o/a aluno/a \_\_\_\_\_, pelo/a qual sou responsável, a participar da pesquisa.

---

Assinatura do/a responsável

---

Assinatura da pesquisadora

Data \_\_\_\_\_